

Semestral - Dez / 2014

Corixo

Revista de Extensão Universitária



Sobre lugares e ressignificações

A Revista *Corixo* surge do interesse da Coordenação de Extensão - vinculada a Pro Reitoria de Cultura Extensão e Vivência - da Universidade Federal de Mato Grosso em dar visibilidade as reflexões que emergiram das diversas experiências de aprendizagem pela via da extensão.

Temos observado as inúmeras discussões, nos diferentes espaços institucionais, entre os parceiros do FORPROEX – Fórum de Pró Reitores de Extensão das Universidades Brasileiras - que buscam definir o *lugar* da extensão no processo de formação acadêmica. Daí, imagens que a colocam em lugares antagônicos, vêm à tona, ora no patamar de *ciência* ora no degrau mais inferior do *mal fazer* acadêmico.

A *Corixo* foi construída fora de tais eixos matriciais. Muito mais significativo que a preocupação em defini-la conceitualmente, a extensão tem se mostrado realidade materializada no conjunto de ações que, necessariamente se transversalizam no ensino e na pesquisa, no âmbito das universidades e, de forma particular, na Universidade Federal de Mato Grosso há mais de quatro décadas.

Ainda que as denominações das Pró Reitorias que a tenham contemplado ao longo da história da UFMT tenham sido modificadas: Pro Reitoria de Assuntos Comunitários e Estudantis – PROACE; Pro Reitoria de Vivência Acadêmica e Social – PROVIVAS e Pro Reitoria de Cultura Extensão e Vivência - PROCEV, a extensão na “Uniselva” tem se mantido e se mostrado cada vez mais fortalecida - simplesmente extensão - presente em áreas cada vez mais abrangentes, assegurando qualidade e comprometimento ao ensino público e a pesquisa que se qualificam pelo compromisso efetivo com os diferentes sujeitos sociais que ocupam as diversificadas áreas do nosso estado, como: o pantanal e o cerrado, inundando com seus saberes e fazeres múltiplos e complementares.

Ao difundirmos as produções que compõem a Revista *Corixo*, em seu primeiro número, acreditamos que elas revelam a exigência histórica colocada às Instituições de Ensino Superior, qual seja: qualificar o processo de conhecimento numa relação estreita com a realidade, tendo a pesquisa como aliada indispensável para assegurar um ensino que, de fato, volta-se ao reconhecimento de que o saber ressignificado “viabiliza a relação transformadora entre universidade e sociedade”.

Os *corixos* do Pantanal se enchem em época de chuva. Nossa Revista *Corixo* está provocantemente inundada de ideias. Mergulhe!

Fabício Carvalho
Pró-Reitor de Cultura Extensão e Vivência

Vera Lúcia Bertoline
Coordenadora de Extensão



Corixo

Revista de Extensão Universitária

COMITÊ EDITORIAL DA REVISTA CORIXO

Alcindo José Rosa	Coordenação de Extensão Campus Universitário de Rondonópolis	Rondonópolis
Anna Maria Penalva Mancini	Coordenação de Extensão Campus Universitário do Araguaia	Barra do Graças/ Araguaia
Antônio de Pádua Finazzi	FAET - Faculdade de Arquitetura, Engenharia e Tecnologia DENE - Departamento de Engenharia Elétrica	Cuiabá
Benedito Dielcio Moreira	Instituto de Linguagens Departamento de Comunicação Social	Cuiabá
Frederico José Andries Lopes	Instituto de Ciências Exatas e da Terra Departamento de Estatística	Cuiabá
Mariana Peres Lima	Coordenação de Extensão Campus Universitário de Sinop	Sinop
Marinaldo Divino Ribeiro	Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária e Zootecnia Departamento de Zootecnia e Extensão Rural	Cuiabá
Marluce Aparecida Souza e Silva	Instituto de Ciências Sociais Departamento de Serviço Social	Cuiabá
Nileide Souza Dourado	NDIHRN - Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional	Cuiabá
Patryck de Araújo Ayala	Faculdade de Direito Departamento de Direito	Cuiabá
Paulo Augusto Ramalho de Souza	Faculdade de Administração e Ciências Contábeis Departamento de Administração	Cuiabá
Vera Lúcia Bertoline	Coordenação de Extensão COEX/PROCEV	Cuiabá

SUMÁRIO



ARTIGOS

■ **SEMANA DE MINICURSOS DAS PRÁTICAS DE ENSINO DE QUÍMICA DA UFMT - 2002 À 2014: A HISTÓRIA DE UM PROJETO DE EXTENSÃO ...04**

Elane Chaveiro Soares, Irene Cristina de Mello, Marcel Thiago Damasceno Ribeiro e Mariuce Campos de Moraes

■ **INTERVENÇÃO EM ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO: UMA EXPERIÊNCIA COM CRIANÇAS COM DOENÇA FALCIFORME ...13**

Paula Pereira Alves e Tatiane Lebre Dias

■ **PERFIL DOS PRODUTORES DE LEITE VINCULADOS À AGRICULTURA FAMILIAR ...25**

Janaina Januário da Silva, Marinaldo Divino Ribeiro, Joadil Gonçalves de Abreu

■ **A TERAPIA COMUNITÁRIA INTEGRATIVA COMO PRÁTICA DE CUIDADO PARA ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS ...34**

Rosa Lúcia Rocha Ribeiro, Laura Patrícia Teixeira Nogueira, Edilene Gianelli Lopes e Ana Lúcia de Lima

■ **O PROJETO MAQUETE: A CIDADE, AS VIVÊNCIAS E SUAS REPRESENTAÇÕES PARA UM GRUPO DE USUÁRIOS DO CAPS AD DE CUIABÁ ...42**

Vânia Monteiro de Menezes, Nayara Karoline Correa Pereira, Denise Ferreira França, Paola Biasoli Alves e Vera Lúcia Blum

■ **PROGRAMA DE ESTUDOS DA ALTERIDADE E TRADUÇÃO ...53**

Henrique de Oliveira Lee, Camila Rodrigues Francisco e Marcelo Guedes dos Santos

■ **MERCADO DE AÇÕES ...66**

Ernesto Júnior Ferreira da Silva, Jaylson Medeiros da Silva, Rogis Silva, Stela Maris, Rosa da Silva e Roseli Reis



SEMANA DE MINICURSOS DAS PRÁTICAS DE ENSINO DE QUÍMICA DA UFMT - 2002 À 2014: A HISTÓRIA DE UM PROJETO DE EXTENSÃO

SEMANA DE CURSOS CORTOS DE PRÁTICA DE ENSEÑANZA QUÍMICA DE LA UFMT - 2002 A 2014: LA HISTORIA DE UN PROYECTO DE EXTENSIÓN

Elane Chaveiro Soares

Doutora em Educação pela PUCRS – Coordenadora do LabPEQ/UFMT – Av. Fernando Corrêa da Costa, nº 2367 - Bairro Boa Esperança. Cuiabá - MT - 78060-900 – Bloco C, ICET, sala 87 – 65 3615 8768 - elaneufmt@gmail.com.

Irene Cristina de Mello

Doutora em Educação pela USP – Pró-Reitora de Ensino e Graduação/UFMT.

Marcel Thiago Damasceno Ribeiro

Mestre em Educação pela UFMT – Doutorando em Educação em Ciências e Matemática PPGECEM/UFMT.

Mariuce Campos de Moraes

Mestre em Educação pela UFMT – Doutoranda em Educação em Ciências e Matemática PPGECEM/UFMT.

RESUMO

Neste artigo apresentamos considerações sobre a experiência realizada pelo Laboratório de Pesquisa e Ensino de Química e pela Área de Ensino de Química com o Projeto da Semana de Minicursos das Práticas de Ensino de Química da UFMT (SEMIPEQ), que vem desenvolvendo um movimento de deslocamento dos alunos do Ensino Médio em direção à universidade para participar de uma atividade de extensão. O projeto, realizado semestralmente, já atendeu a mais de 8000 alunos da Educação Básica, bem como a professores e graduandos da Licenciatura em Química. A avaliação dessa experiência de extensão mostra importantes contribuições para todos os envolvidos no processo, sobretudo, para os futuros professores de Química. Nessa perspectiva, apresentamos o histórico desse projeto enquanto atividade curricular nas disciplinas da Área de Ensino de Química como atividade que privilegia a pesquisa relacionada ao ensino de Química e como ela está progredindo na medida em que acumula reflexões nas experiências didáticas e pedagógicas onde a teoria e a prática contribuem, dentre outras coisas, para que egressos dessa atividade optem pela Química como graduação. O projeto vem passando por reformulações que abrem novas possibilidades na busca por uma Universidade melhor.

Palavras-chaves: Projeto de Extensão; Semana de Minicursos, Ensino de Química

RESUMEN

En este artículo presentamos consideraciones sobre el experimento llevado a cabo por el Laboratorio de Investigación y Enseñanza de Química

y por el Área de Educación en Química con el Proyecto de la Semana de Cursos Cortos de Prácticas de Enseñanza de Química de la UFMT (SemiPEQ), que está desarrollando un movimiento de desplazamiento de los estudiantes de la escuela secundaria hacia la universidad para participar en una actividad de extensión. El proyecto, realizado a cada seis meses, ya atendió a más de 8.000 estudiantes de Educación Básica, así como a los profesores y a los estudiantes de Licenciatura en Química. La evaluación de esa experiencia de extensión muestra importantes contribuciones a todos los involucrados en el proceso, especialmente a los futuros profesores de Química. En esta perspectiva, presentamos la historia de este proyecto en cuanto actividad curricular en las disciplinas del Área de Educación de Química como una actividad que privilegia la investigación relacionada a la enseñanza de Química y como esa se está desarrollando a medida que se acumulan reflexiones en las experiencias didácticas y pedagógicas en que la teoría y la práctica contribuyen, entre otras cosas, para que los egresados de esta actividad opten por la elección de la Química como graduación. Surgiendo de esta revisión, el proyecto pasa por reformulaciones para abrir nuevas posibilidades en la búsqueda por una universidad mejor.

Palabras clave: Proyecto de Extensión; Semana de Cursos Cortos, Enseñanza de Química

Introdução

Quando se fala em projeto de extensão, pensa-se logo na função social da universidade ou na criação de uma mão dupla que proporcione trocas e favoreça uma construção de conhecimentos interligados com a realidade. Como ressalta Ribeiro (2011, p.87):

A extensão universitária é uma categoria ética na dimensão do ensino superior quando responde qual o sentido do ensino e da pesquisa e quando apresenta para o tecido social do qual a universidade faz parte, qual a sua função frente às questões de seu tempo.

Alguns fatores contribuem para que a universidade consiga agir dessa forma não neutra, promovendo serviços de formação profissional e social, que transformem o saber acadêmico em saber útil, responsável e aplicado à sociedade. Obstáculos existem e não podem ser negados no que diz respeito à construção de ações efetivas que atendam aos anseios do ensino e da pesquisa. A burocracia interna, os jogos de interesse entre professores de uma mesma área (Bourdieu, 1983), mas de cursos diferentes – como Licenciatura e Bacharelado – entre departamentos e institutos ou entre “esta e aquela” pesquisa e outros. Apesar disso, alguns projetos resistem ao tempo, ao espaço e à concorrência e se consolidam na dinâmica dos encargos didáticos que os professores universitários possuem; é o caso do projeto de extensão denominado de *Semana de Minicursos das Práticas de Ensino de Química da UFMT*, a SEMIPEQ.

Neste artigo, apresentamos algumas considerações sobre essa experiência realizada pelo Laboratório de Pesquisa e Ensino de Química (LabPEQ) e pela Área de Ensino de Química/ Departamento de Química desde o segundo semestre do ano letivo de 2002(2002/2) e que vem desenvolvendo um movimento de deslocamento de alunos e professores do Ensino Médio em direção à universidade para participar de uma atividade de extensão. O objetivo do relato desse projeto é tornar pública uma atividade que vem demonstrando significativos resultados na formação de professores ao garantir a integração da práxis na universidade com a educação básica.

O projeto SEMIPEQ: uma metodologia para a extensão

Esse título, SEMIPEQ, foi inicialmente pensado em alusão às disciplinas da Área de Ensino de Química da UFMT, as Práticas de Ensino de Química I, II e III, que ocorriam na estrutura curricular desde o primeiro semestre de 1971(1971/1), no sexto, sétimo e oitavo semestres do curso de Licenciatura em Química de Cuiabá. Com a reformulação curricular e a implantação de uma nova estrutura em 2010/1, as disciplinas de Práticas de Ensino deixaram de existir, em atendimento às Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, mediante as resoluções do Conselho Nacional de Educação de fevereiro de 2002, que prevê 400 horas de Práticas como Componente Curricular (PCC), vivenciadas ao longo do curso, 400 horas de estágio supervisionado a partir do início da segunda metade do curso e de 200 horas de atividades acadêmicas, científicas e culturais conforme diretrizes curriculares.

A Área de Ensino de Química, que contava com as disciplinas de Instrumentação para o Ensino de Química I e II e as de Práticas de Ensino de Química I, II e III, a partir de então, passou a comportar as disciplinas de História e Filosofia da Química, Metodologia e Redação Científica para a Licenciatura, Instrumentação para o Ensino de Química I e II, Estágio Supervisionado I, II, III e IV, Projeto de Ensino de Química, Tecnologia Educacional para o Ensino de Química e Iniciação à Pesquisa em Ensino de Química, além de PCC de Química Geral.

Participar da SEMIPEQ não é uma imposição da Área de Ensino a seus professores, pois os mesmos têm liberdade de selecioná-la como uma atividade curricular ou não. Apesar disso, o que comumente ocorre é que todos os alunos têm a oportunidade de vivenciar essa experiência nas edições que a área organiza, em modalidades diferenciadas, como: organizador do evento, monitor e ministrante de minicurso.

Trata-se de uma atividade que ocorre como projeto de extensão desde 2002/2 e que busca articular o protagonismo dos sujeitos em formação docente – seja ela inicial ou continuada – de forma que professores do ensino superior e da educação básica, pós-graduandos e licenciandos em estágio supervisionado possam ter suas necessidades formativas atendidas como em um processo no qual quem ensina aprende e quem aprende ensina (FREIRE, 1996).

A SEMIPEQ é um momento que pode ser visto sob duas perspectivas: como atividade curricular obrigatória e como evento acadêmico. Ao longo dos semestres, a SEMIPEQ vem sendo estruturada no sentido de oportunizar situações diferenciadas aos graduandos que constroem aprendizagens significativas em torno da gestão, da coordenação, da monitoria e da ação de ministrar ou palestrar para alunos, seja da educação básica, seja da graduação. No papel que cada componente do projeto desempenha (Figura 1) reside a importância da ação coordenada por um objetivo pré-estabelecido.

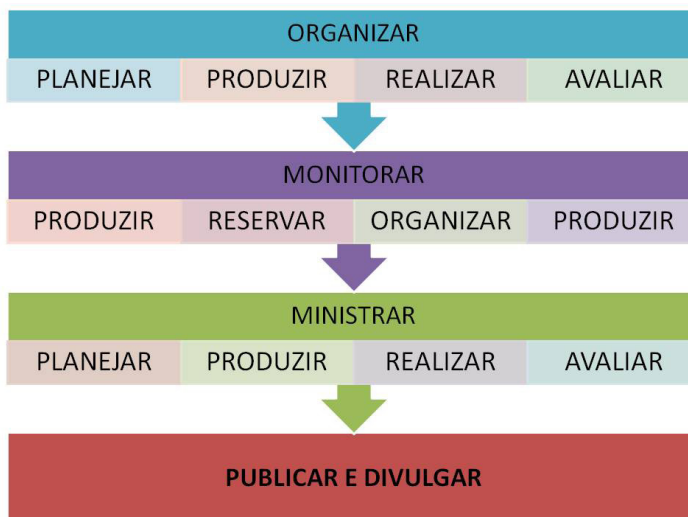


Figura 1:

Atribuições para cada função dentro do projeto de extensão SEMIPEQ/UFMT.

O coordenador é normalmente um docente do LabPEQ que possui como uma das atribuições, a redação e a apresentação do projeto ao Colegiado de Departamento de Química, ao Instituto de Ciências Exatas e da Terra e à Pró-Reitoria de Extensão da Universidade com vistas à sua aprovação. Como organizador geral que planeja as atividades, esse docente propõe o tema e as possíveis parcerias para a edição planejada.

Os monitores são graduandos convidados a realizar a assessoria antes, durante e após o término dos minicursos. Eles se encarregam de produzir os crachás, as faixas de divulgação, de corrigir o *folder*, reproduzi-lo e de enviá-lo ou levá-lo às escolas. É dos monitores a função de localizar e reservar as salas de aula, laboratórios e auditórios necessários no desenvolvimento dos minicursos, bem como de verificar a disponibilidade dos materiais e reagentes elencados no planejamento de cada minicurso. Normalmente, os ministrantes de minicurso são também monitores de seus colegas durante o evento.

A presença dos monitores garante o bom andamento dos minicursos. Eles estão presentes no local, pelo menos quinze minutos antes do início, acompanham o andamento das atividades – são responsáveis pela lista de presença e pela confecção dos certificados – e auxiliam o(a) ministrante na conclusão do minicurso, trabalhando inclusive no fechamento da sala utilizada e na devolução de materiais que foram utilizados, se for o caso. Eles também participam dos momentos de avaliação, uma vez que foram coadjuvantes na realização das atividades. A efetiva monitoria ocorre no desenvolvimento do minicurso, quando presta-se assistência às atividades teóricas e práticas, subsidiando o(a) ministrante no trabalho docente enquanto ensina conceitos científicos.

A participação dos ministrantes de minicurso inicia-se com a matrícula em uma das disciplinas da Área de Ensino de Química que vinculou seu planejamento a esta atividade curricular. Juntamente com o desenvolvimento da ementa da disciplina, esses alunos são orientados, também, a produzir o material didático e a experimentação relacionada ao tema do minicurso.

Na elaboração de uma apostila com até dez páginas que apresente materiais didáticos, o aluno desenvolve a habilidade cognitiva da autoria de um texto didático, conciso, de fácil manuseio e plenamente fundamentado. Uma rica oportunidade de saltar do “plágio” para a constituição de sua própria aula. A cada nova edição, a produção de apostilas ganha novo aprofundamento e supera a qualidade anterior.

Na realização do minicurso, os alunos são colocados em situações de encontro direto com outros alunos da educação básica, o que favorece relações interpessoais, provocando aprendizagens que o cotidiano das aulas na graduação não é capaz de propiciar. Quando avaliam suas atividades, são capazes de verificar suas necessidades formativas no processo ou ainda no desenvolvimento do curso de Química, o que alimenta a expectativa de avanço, uma vez que ainda continua no tempo da sua formação inicial.

A avaliação começa no interior das ações, na produção dos materiais didáticos, na constituição pedagógica do minicurso e em sua realização. Após a realização das atividades, todos os participantes recebem um formulário impresso onde realizam a avaliação de todo o processo.

Além da participação intensa na organização do evento, que é amplamente divulgado em vários meios de comunicação, como no sítio da UFMT, telejornais e diretamente nas escolas, todos os participantes recebem certificação pelas atividades desenvolvidas. Para os alunos da graduação, esse certificado pode complementar a carga horária de atividade extracurricular exigida pelo curso, bem como para a contagem de pontos dos profissionais da educação na

seleção de professores temporários realizada pela Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso.

Uma atividade que ocorre durante todo o processo é a busca por referenciais teóricos que fundamentem a produção dos materiais didáticos e da experimentação, além de resumos e artigos que sejam apresentados em outros eventos.

A produção de materiais didáticos e pedagógicos

Como mencionado anteriormente, a produção de materiais didáticos apresenta-se para o professor em formação como uma rica oportunidade de questionar, pesquisar e se constituir como autor.

Para Meksenas (*In* PENTEADO, 2001) o material didático pode ser definido como um ambiente ou uma obra, escrita ou organizada com a finalidade específica de ser utilizada numa situação didática, e ainda deve, ser amplo e contextualizado como um modelo de atuação pedagógica inserido social e politicamente (GOLDBERG, 1983). Em outras palavras, um material didático qualquer (apostila, jogo, experimento, outros) deve responder a uma necessidade de contexto e complementar a direção metodológica dos objetivos propostos.

Nessa perspectiva, os alunos são orientados a produzir, dentre outras possibilidades, uma apostila e um experimento que serão utilizados durante o minicurso. Alguns alunos vão adiante e produzem também jogos didáticos que são aplicados em seus minicursos.

A temática é escolhida pelo aluno que segue orientado pelo(a) professor(a) da disciplina da Área de Ensino corrente no semestre, desenvolvendo sua escrita e delimitando os conceitos, textos, exercícios e referencial adequado. Os temas dos minicursos são os mais diversos e, desde que o projeto teve seu início, são os alunos que escolhem o título do seu minicurso; uma vez que são instigados à objetividade, eles também buscam com criatividade um título que chame a atenção de seus possíveis participantes. Alguns exemplos de títulos e a edição em que foram realizados são destaques da figura abaixo:

Após a escolha dos temas, da constituição dos títulos, da metodologia e da construção do material didático, monta-se o *folder* que é disponibilizado à comunidade acadêmica e escolar por meio impresso e de divulgação pelo sítio da universidade. As inscrições são realizadas normalmente no período de uma semana, a que antecede o evento.

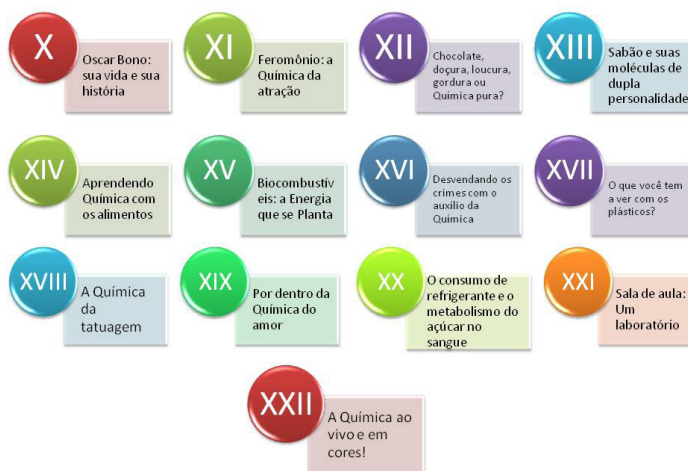


Figura 2: Exemplos da criatividade na escolha dos títulos dos minicursos para a SEMIPEQ no período de 2007 a 2013.

A evolução e os desafios do projeto de extensão na UFMT

Além da produção didática relacionada ao material utilizado durante os minicursos, há também os trabalhos apresentados em eventos que têm proporcionado evolução na escrita acadêmica dos graduandos ao mesmo tempo em que divulga o projeto em eventos científicos (SOARES e MELLO, 2005; MELLO e SOARES, 2007; SOARES et al. 2009; SOARES e MORAES, 2014; FLORIANO, PEREIRA&SOARES, 2014).

Conquistar resultados efetivos no contexto da formação de professores de Química para a educação básica é o objetivo central deste projeto de extensão. Sendo assim, sua avaliação passa pela análise da repercussão que este projeto provoca, tanto no corpo docente e discente do Departamento de Química da UFMT quanto nos professores e alunos das escolas que participam a cada semestre da programação. Em depoimento, alguns egressos nos escrevem e dizem que:

“Particpei da X edição do SEMIPEQ em 2007. A semana de química era sempre um momento muito importante para os alunos da licenciatura, era o nosso momento. Nós nos sentíamos privilegiados, por ter esse evento só nosso. Uma semana de minicursos onde nós éramos os atores principais, era a nossa hora de colocar em prática tudo que tínhamos aprendidos. Esse contato com os alunos do ensino médio é muito importante para os alunos de licenciatura em química, futuros professores” Patrícia Alechandra Guilherme, Professora de Química da Rede Pública no município de Tangará da Serra – MT.

Ao final de cada minicurso, os participantes preenchem um formulário de avaliação. Esse material é utilizado em reuniões posteriores ao evento como forma de avaliar a dinâmica teórica e prática do projeto.

Ao longo dos semestres são feitas novas tentativas de ampliar o envolvimento de graduandos e professores da UFMT. Como exemplo, no período de 07 a 11 de junho de 2010, quando se iniciou uma nova grade curricular na Licenciatura em Química, a coordenação do evento inseriu a I Semana de Minicursos da História e Filosofia da Química (I SemiHIQUI), como forma de propiciar um momento privilegiado de discussões em torno da História e Filosofia da Química que a partir de então seria uma disciplina constante no currículo da Licenciatura em Química.

Na XXI SEMIPEQ realizada de 19 a 23 de agosto de 2013, outras novidades foram inseridas. Dentre as quais citamos:

- A participação de alunos da Licenciatura em Química da UFMT do *campus* do Médio Araguaia com a proposição de seis minicursos;
- Envolvimento da SEMIPEQ com o projeto *Novos Talentos* dentro do tema “Águas em Mato Grosso” com a realização do minicurso: Água, incolor, insípida e inodora: uma abordagem Química;
- Inter-relação de atividades com professores e alunos do Mestrado em Recursos Hídricos e da Engenharia Sanitária e Ambiental na abordagem do tema água.

A interdisciplinaridade ficou por conta da ampla participação de integrantes de outras áreas do conhecimento nesta edição.

Como é um projeto já bastante conhecido na região de Cuiabá, Várzea Grande e municípios vizinhos, os professores que já participaram de alguma edição conhecem o espaço do Laboratório de Pesquisa e Ensino de Química (LabPEQ), que funciona na sala 85, bloco C, do Instituto de Ciências Exatas e da Terra, no *campus* Cuiabá, e o reconhecem como um espaço de formação contínua.

Foi a partir de uma conversa com a professora Ely Alves Guirra da Escola Estadual Filogônio Correia do distrito de Nossa Senhora da Guia, distante de Cuiabá 30 Km, que surgiu a ideia de levar a SEMIPEQ para além dos muros da universidade. Uma ideia desafiadora que fomentou a criatividade e o avanço da proposta. A professora, após apresentar a realidade vivenciada na escola, nos fez pensar que este projeto poderia ser realizado de forma externa e não somente interna (dentro da universidade) como vinha ocorrendo, ampliando desta forma à experiência dos alunos estagiários.

Assim, surgiu o projeto da XXII SEMIPEQ, que foi realizado no dia 19 de novembro de 2013 na Escola Estadual Filogônio Correia. Segundo avaliação dos professores e dos alunos ministrantes, foi uma experiência enriquecedora, pois eles puderam vivenciar durante os três períodos, a realidade de uma escola com muitos enfrentamentos possíveis para um dia letivo. Esta é mais uma evolução no projeto, que pretende, a partir dessa edição, ocorrer de forma alternada – um semestre dentro e outro fora da universidade – o que já está sendo organizado para 2014.

A XXIII SEMIPEQ

Como um projeto que impulsiona a Área de Ensino de Química, a XXIII edição (programada para ocorrer em 2014/1) será ainda mais propositiva e aberta à participação de egressos, de alunos de outras Instituições de Ensino Superior (IES) e de outros cursos afins. Alunos do Programa de Pós-Graduação em Mestrado Profissionalizante em Ensino de Ciências da Natureza da UFMT também participarão da SEMIPEQ, utilizando-a como *locus* de aplicação e avaliação dos produtos educacionais elaborados, além de apresentarem palestras e minicursos.

Para isso, todos os interessados em ministrar na SEMIPEQ deverão, a partir desta edição, fazer a inscrição do minicurso através de um formulário próprio ou de um *template* (modelo de resumo de minicurso) que será avaliado pela comissão organizadora.

Além disso, um projeto piloto, que une os subprojetos de licenciatura em Música e em Química do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência da UFMT (PIBID/Música e PIBID/Química– UFMT) – na perspectiva de ampliar as possibilidades de aprendizado e possibilitar produções artístico-culturais em grupo e individuais – está em andamento e pretende realizar atividades pré-programadas, onde os *pibidianos* estudarão textos e publicações relacionados à aplicação da música no ensino, bem como buscarão a explicação química para as situações onde a música se faz presente, além de conhecer experiências interdisciplinares já relatadas em periódicos, como na revista *Química Nova na Escola*. As coordenações de ambos os subprojetos do PIBID (Música e Química) se organizarão conjuntamente na Escola Estadual Liceu Cuiabano, onde os PIBID atuam, no LabPEQ e no Instituto de Linguagens da UFMT. A ligação entre as duas áreas prosseguirá nos ciclos de estudos – ao longo de 2014 e 2015 – com a intenção de superar o simples uso de paródias nas aulas de Química.

Assim, essas atividades estão fomentando perspectivas de que a SEMIPEQ possa ser utilizada também para receber experiências de integração entre os demais grupos de PIBID da UFMT. A SEMIPEQ, mais uma vez, ganha *status* de *locus* privilegiado de pesquisa onde os *plibidianos* farão suas intervenções e suas pesquisas através de minicursos.

Resultados e Considerações

Cada alteração impulsiona ainda mais as possibilidades de envolvimento e de construção de conhecimento entre os alunos das disciplinas da Área de Ensino de Química e demais participantes.

Como um projeto de extensão, a SEMIPEQ vem conquistando espaço e valorizando o ensino e a pesquisa por meio da sistematização das atividades. Vários alunos de graduação em Licenciatura em Química farão neste projeto as pesquisas relacionadas ao trabalho de conclusão de curso. Além disso, alunos do Mestrado Profissional em Ensino de Ciências foram convidados a aplicar seus produtos na realização de minicursos e a realizar palestras sobre os temas desenvolvidos.

Duas mídias já foram organizadas – uma com a produção apresentada até a X edição e outra, até a XXI, com ISBN –, visando disponibilizar os materiais didáticos, o PowerPoint e as fotos utilizados para todos os interessados.

A SEMIPEQ, enquanto projeto que visa a constituição da autonomia e do engajamento dos estudantes que se preparam para desenvolver sua Prática Pedagógica como professores de Química, vem demonstrando bons resultados na busca e na constituição de relações interpessoais de aprendizado ao longo destes doze anos. O projeto passa constantemente por reformulações que abrem novas possibilidades na busca por uma universidade sempre aberta à comunidade, pela formação de qualidade dos futuros docentes de Química e pela difusão científica dessa área.

Conclusões

Esta experiência realizada pelo LabPEQ e pela Área de Ensino de Química vem sendo amplamente apoiada pelo Instituto de Ciências Exatas e da Terra (ICET/UFMT).

Como atividade de extensão, proporciona um movimento de deslocamento de alunos e professores da educação básica em direção à universidade para participar de diversas atividades de cunho científico, que visam o ensino e a aprendizagem de conceitos relacionados às áreas de Química, Física e Biologia, além de áreas afins.

A avaliação dessa experiência de extensão mostra importantes contribuições para todos os envolvidos no processo, sobretudo, para os futuros professores de Química. A atividade está evoluindo na medida em que acumula reflexões nas experiências didáticas e pedagógicas em que a teoria e a prática contribuem, dentre outras coisas, para que egressos dessa atividade optem pela Química como graduação. O projeto vem passando por reformulações advindas dessa avaliação, que abrem novas possibilidades na busca por uma Universidade melhor.

Referências

- BOURDIEU, Pierre. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.
- FLORIANO, L. da S., PEREIRA, C. C. & SOARES, E. C. **PIBID/QUÍMICA/UFMT em busca da visão de ciência e de cientistas da educação básica**. ENEQ, 2014.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo, Paz e Terra, 1996.
- GOLDBERG, M. A. **Por uma política do material didático integrada à educação democrática**. São Paulo: FDE, 1983.
- MEKSENAS, P. **O uso do material didático e a pedagogia da comunicação**. In: PENTEADO, H. D. *Pedagogia da Comunicação: teoria e práticas*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- MELLO, I. C. & SOARES, E. C. **Projeto SEMIPEQ: uma alternativa de Estágio supervisionado na Licenciatura Plena em Química da Universidade Federal de Mato Grosso**, XV ECODEQ. Encontro Centro-Oeste de Debates sobre o Ensino de Química, 10 a 13 de outubro de 2007, Dourados, MS.
- RIBEIRO, R. M. Da C. **A extensão universitária como indicativo de responsabilidade social**, *Revista Diálogos: pesquisa em extensão universitária*. Brasília, V. 15, n.1, Jul, 2011.
- SOARES, E. C. MELLO, I.C. **Prática de Ensino de Química e Projeto de Extensão: mais uma alternativa viável**. Anais do 3º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária, 23 a 25 de outubro de 2005, Florianópolis, SC.
- _____.BOAVENTURA, L. A. & CAMPOS, A. B. da S. **Produção de materiais e projeto de extensão: dez semanas de uma experiência diferenciada**. Anais do 4º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária, 27 a 30 de abril de 2009, Dourados, MS.
- SOARES, E. C. & MORAIS, N. SEMIPEQ: **A extensão que já fez história na UFMT**, Semana Acadêmica da UFMT, 2014.
- UFMT. **Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Química**. Instituto de Ciências Exatas e da Terra. Departamento de Química: Cuiabá, 2009.

INTERVENÇÃO EM ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO: UMA EXPERIÊNCIA COM CRIANÇAS COM DOENÇA FALCIFORME¹

Paula Pereira Alves

Psicóloga, Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT. Rua dos Pardais, 09 – Parque Ohara, Cuiabá, MT, 78080-370. E-mail: paulapereiraalves5@gmail.com

Tatiane Lebre Dias

Doutora em Psicologia, Docente do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT.

RESUMO

A doença falciforme (DF) é uma enfermidade genética que se caracteriza por uma alteração das hemoglobinas que afeta o crescimento e o desenvolvimento do indivíduo. Dentre os eventos relacionais à doença, destacam-se a crise aplástica, dactite, úlceras de perna, síndrome torácica aguda, acidente vascular encefálico e crise vaso-oclusiva dolorosa. A partir dessas considerações, este estudo teve por objetivo desenvolver um programa de intervenção em estratégias de enfrentamento da dor em crianças com DF. O programa foi baseado em atividades lúdicas e dois jogos (Jogo de Estratégias de Enfrentamento da dor – AEHdor e Kidcope) aplicados antes e após a intervenção. O programa foi realizado em seis sessões, com tempo médio de uma hora. Participaram do programa seis crianças com DF, com idade entre 7 e 13 anos. De maneira geral, no AEHdor observou-se que houve uma diminuição na pontuação média quanto a utilização dos comportamentos facilitadores na pré-intervenção ($M=1,82$) para a pós-intervenção ($M=1,46$), indicando que, de maneira geral, comportamentos facilitadores foram menos utilizados pelos participantes após a intervenção. No AEHdor foram utilizadas com maior frequência antes da intervenção estratégias como: distração, ruminação e busca de suporte. Após intervenção, essas estratégias se repetiram, porém numa frequência menor. No Kidcope foi possível observar, de maneira geral, que antes da intervenção as estratégias de enfrentamento que tiveram maior frequência como estratégia muito eficaz foram: suporte social e resolução de problemas, ambas da dimensão de *coping* positivo. Já a distração foi considerada pouco eficaz pelos participantes. As estratégias de culpar os outros e de resignação foram consideradas não eficazes.

O desenvolvimento de programas de intervenção em crianças com DF permite melhorar a qualidade de vida, de modo a desenvolver um novo repertório de comportamentos para lidar com a doença no decorrer de seu desenvolvimento.

Palavras-chave: Doença Falciforme; Intervenção; Estratégias de Enfrentamento; Criança.

RESUMEN

La enfermedad falciforme (EF) es una enfermedad genética que se caracteriza por una alteración de las hemoglobinas que afecta el crecimiento y desarrollo del individuo que padece la enfermedad. Dentro de los eventos relacionados con esta enfermedad se destacan crisis aplásica, úlceras de pierna, síndrome torácico agudo, accidente vascular encefálico y crisis vaso-oclusiva dolorosa. A partir de esas consideraciones, este estudio tuvo por objetivo desarrollar un programa de intervención en estrategias de enfrentamiento del dolor en niños con EF. Para esto, fue desarrollado un programa de intervención basado en actividades lúdicas y en dos juegos (Juego de Estrategias de Enfrentamiento del Dolor - AEHdor y Kidcope) aplicados antes y después de la intervención. El programa fue realizado en seis sesiones, con tiempo promedio de una hora. Participaron del programa seis niños con EF, con edad entre 7 y 13 años. De manera general, en el AEHdor se observó que hubo una disminución en la puntuación media de los participantes en cuanto a la utilización de los comportamientos facilitadores en la pre-intervención ($P=1,82$) para la post-intervención ($P=1,46$), indicando que de manera general, los comportamientos facilitadores fueron menos utilizados por los participantes después de la intervención. En el AEHdor fueron utilizadas, con mayor frecuencia antes de la intervención, estrategias como: distracción, rumia y búsqueda de apoyo. Después de la intervención esas estrategias se repitieron, pero en una frecuencia menor. En el Kidcope fue posible observar de manera general que antes de la intervención las estrategias de enfrentamiento que tuvieron mayor frecuencia como una estrategia muy eficaz fueron: apoyo social y resolución de problemas, ambas de la dimensión de *coping* positivo. Ya la distracción había sido considerada poco eficaz por los participantes. Las estrategias de culpar a los otros y la resignación fueron consideradas ineficaces por los participantes. El desarrollo de programas de intervención en niños con EF permite mejorar la calidad de vida de manera que exista un nuevo repertorio de comportamientos para lidiar con la enfermedad en el recorrido del proceso.

Palabras claves: Enfermedad Falciforme, Intervención, Estrategias de enfrentamiento, Niño.

Introdução

O Ministério da Saúde (MS) criou em 2001 o Programa Nacional de Triagem Neonatal (PNTN). Esse programa tem por objetivo desenvolver ações de triagem neonatal em fase pré- -sintomática, acompanhamento e tratamento das doenças congênitas em nascidos vivos. O PNTN prevê o diagnóstico de quatro doenças: Hipotireodismo Congênito, Fenilcetonúria, Hemoglobinopatias e Fibrose Cística. Os exames poderão ser feitos de acordo com três fases de implantação: Fase I – Hipotireodismo congênito e fenilcetonúria; Fase II – Doenças falciformes e hemoglobinopatias e Fase III – Fibrose cística (MS, 2008).

Particularmente, em relação a Fase II, a doença falciforme (DF) se caracteriza por ser uma enfermidade genética comum na população brasileira, apresentando alto índice de adoecimento e morte. A DF é a junção da hemoglobina (S) com outras hemoglobinas também alteradas, como a C, a D e a Beta talassemia. Em outras palavras, significa dizer que grande maioria das pessoas, recebe do pai uma hemoglobina normal (hemoglobina A) e da mãe a mesma hemoglobina, tornando-se uma pessoa (AA). Na DF, a pessoa recebe uma hemoglobina anormal (hemoglobina S) e, ao receber parte do pai e parte da mãe, essa pessoa é (SS). Por ter uma forma de meia-lua ou foice, a hemoglobina (S) recebe o nome de falciforme. Entretanto, quando o indivíduo recebe um gene para a hemoglobina (S) e outro para a hemoglobina (A), ele possui o genótipo (AS), que indica a presença do Traço Falciforme, ou seja, não desenvolve a doença, porém necessita de informação e orientações sobre a mesma (BRASIL, 2008a, p.7).

No Brasil, nascem a cada ano cerca de 3.500 crianças portadoras de DF; dessas, 20% não atingem os 5 anos de idade por complicações da doença (BRASIL, 2008). Em Mato Grosso, ainda não se tem uma estimativa do número de indivíduos com DF, tendo em vista que, somente a partir de 2008, através de uma parceria entre a Secretaria do Estado de Saúde (SES) e o Hospital Universitário Júlio Müller (HUJM), foi inaugurada a Fase II do PNTN, que possibilitou, através do “Teste do Pezinho”, o diagnóstico precoce da DF (DEUS, 2008).

Em uma investigação a respeito da prevalência de DF em uma cidade do Estado de Mato Grosso de origem afrodescendente, Souza (2003) verificou uma prevalência de 6,7% de hemoglobina AS (traço falciforme), taxa essa que se encontra de acordo com as observações descritas na literatura da área. Entretanto, a autora verificou um histórico proporcionalmente maior de morte nas famílias dos participantes do estudo que são portadores de traço falcêmico.

No acompanhamento ambulatorial de pacientes com DF há de se atentar para a história clínica, eventos relacionais a doença e exame físico (ALI, 2008 *apud* SENA, LEITE & FREIRE, 2011). De acordo com esses autores, em relação aos eventos relacionais, deve-se considerar: dactite; sepse; meningite; osteomelite; necrose avascular (fêmur, úmero); síndrome torácica aguda; sequestro esplênico/hepático; transfusões/reações transfusionais; crise aplástica; acidente vascular cerebral; priapismo; retinopatia proliferativa; úlceras de perna e cirurgias.

Além desses eventos a dor se caracteriza como o fenômeno mais frequente da DF, sendo um dos fatores de maior interferência na qualidade de vida e no atendimento de emergência e de hospitalizações (SENA, LEITE & FREIRE, 2011). As crises de dor, também denominadas crise vaso-oclusiva dolorosa (CVOD), apresentam uma incidência e prevalência que varia de acordo com idade, gênero, genótipo e alterações laboratoriais. A CVOD tem início súbito, com intensidade variável e ocorre, principalmente, em região do joelho, coluna, lombossacra, cotovelo e fêmur (SENA, LEITE & FREIRE, 2011).

A gravidade clínica da DF chama a atenção para as formas crônica e grave da doença, pela presença de um quadro de morbidade e mortalidade, assim como de manifestações psicológicas adversas, como a baixa autoestima. Esses aspectos se fazem presentes numa situação socioeconômica desprivilegiada, a qual estão submetidos a maioria dos pacientes, ocasionando dificuldades na escola e no trabalho (BRASIL, 2008).

Nessa perspectiva a família passa a ser um elemento fundamental no processo de enfrentamento da doença. De acordo com Viana, Barbosa e Guimarães (2007) os fatores de organização e interação familiar estão associados à maneira como a criança e a família enfrenta a doença crônica. A respeito da importância da família no desenvolvimento infantil, Silva, Nunes,

Betti e Rios (2008) salientam a necessidade de se conhecer a dinâmica da família e a especificidade do processo de desenvolvimento, e, assim, propor intervenções que favoreçam um adequado desenvolvimento infantil.

Recentemente, numa investigação sobre o cotidiano das famílias de crianças e adolescentes com DF, Guimarães, Miranda e Tavares (2009), utilizando-se de uma metodologia de análise de conteúdo com base nas entrevistas com as famílias, observaram que estas têm dificuldades na aceitação da doença e uma sobrecarga materna nos cuidados dos portadores de DF.

Com base nesses aspectos, observa-se que portadores de DF e seus familiares necessitam ao longo da vida de acompanhamento ambulatorial no sentido de garantir a promoção de segurança aos familiares e a contribuição na qualidade de vida dos pacientes.

A convivência com os sintomas da doença chama a atenção para a investigação a respeito das formas como o indivíduo lida, ao longo da vida, com a DF, ou seja, as estratégias de enfrentamento. Estas referem-se ao conjunto de estratégias utilizadas pelas pessoas para adaptarem-se às circunstâncias adversas. Por estratégias de enfrentamento, denomina-se *coping* – termo proveniente do verbo da língua inglesa *to cope*, que significa *lidar* ou *enfrentar* – essas estratégias de enfrentamento (*ways of coping*) que estão presentes no cotidiano de diversas pessoas, que lidam com os variados problemas do dia a dia (ANTONIAZZI, DELL’AGLIO & BANDEIRA, 1998).

O *coping* vem sendo estudado desde o início do século XX, no entanto, há muita divergência quanto ao significado do conceito e como ele atua no processo de adaptação. Um dos poucos pontos de consenso na área é que o estudo do enfrentamento é de grande importância para compreender como o *stress* afeta a vida das pessoas (SKINNER, EDGE, ALTMAN & SHERWOOD, 2003 *apud* MOTTA, 2007).

Segundo Lazarus e Folkman (1984), o enfrentamento é observado como “esforços cognitivos e comportamentais empregados para lidar com demandas específicas externas e/ou internas, que são avaliadas como excedendo os recursos do indivíduo” (p. 141). A partir disso, Compas, Connor-Smith, Saltzman, Thomsen e Wadsworth (2001) caracterizaram o enfrentamento como um processo de regulação, por meio do qual o sujeito lida com as situações de *stress*, incluindo variáveis importantes para a melhor compreensão do *coping*: a emoção, as reações fisiológicas e o ambiente, levando em consideração não apenas os aspectos cognitivos e comportamentais do processo, pois o sujeito, em resposta às situações estressantes, usará de esforços conscientes e intencionais para regular a cognição, o comportamento, a emoção, as respostas fisiológicas e o ambiente.

Outra contribuição imprescindível na compreensão do enfrentamento é o trabalho de revisão de literatura feito por Skinner et al. (2003), no qual analisaram cem estudos feitos sobre o construto ao longo de vinte anos. Seu objetivo foi desenvolver categorias que classificassem o modo como as pessoas enfrentam as situações estressoras. A partir da tradução do trabalho realizado por Skinner et al (2003), Motta (2007) identificou 13 categorias de estratégias de enfrentamento com definições claras, mutuamente exclusivas e relativamente exaustivas, sendo as seguintes: *resolução do problema*, *busca por suporte*, *esquiva*, *distração*, *reestruturação cognitiva*, *ruminação*, *desamparo*, *afastamento social*, *regulação da emoção*, *busca por informação*, *negociação*, *oposição* e *delegação*.

Em estudos realizados por França e Dias (2011) sobre o uso de estratégias de enfrentamento para dor, em um grupo de 14 crianças com DF com idade média de 10 anos e 4 meses com DF, os

autores verificaram que as estratégias mais utilizadas pelas crianças foram ruminação, busca por suporte e distração. Em termos de comportamentos considerados comportamentos facilitadores, usados pelas crianças durante as crises de dor, foram mais frequentes assistir TV, tomar remédio e rezar. No que se refere a presença de comportamentos não-facilitadores usados nas crises de dor, observou-se choro seguido de medo e desânimo. De acordo com autores especializados os resultados revelaram a necessidade de pensar em proposta de intervenção junto às crianças com DF no sentido de desenvolver estratégias mais eficientes para lidar com a dor e com as limitações impostas pela doença.

A partir da gravidade observada em relação ao quadro clínico da DF e a importância que as estratégias de enfrentamento têm na forma do indivíduo lidar com situações adversas, este estudo teve por objetivo desenvolver um programa de intervenção em estratégias de enfrentamento da dor em crianças com DF.

O percurso metodológico

O estudo foi realizado a partir de uma perspectiva intervencionista, com o objetivo de promover a psicoeducação de maneira lúdica em crianças com DF, de modo que estas possam conhecer e desenvolver estratégias de enfrentamento mais eficientes para lidar com as crises de dor, suas competências no meio social, nas situações de estresse mais frequentes em seu cotidiano, assim como nas situações adversas que as acometem.

O desenvolvimento da proposta de intervenção aconteceu com seis crianças com idade entre 7 e 13 anos, com diagnóstico de anemia falciforme D57.0 (Anemia Falciforme com crise – Doença Hb-SS com crise), que passam por tratamento periódico na unidade de Saúde Pública Hemocentro de Cuiabá/MT.

Para o desenvolvimento do programa de intervenção, utilizamos o seguinte material:

a) Jogo da fantasia: estratégia lúdica como alternativa de trabalhar com a fantasia da criança. Essa brincadeira consistiu em solicitar que a criança imaginasse pessoas em quem confiassem ou personagens de gibis (Cebolinha, Mônica, Pato Donald etc.) dos quais gostassem. Desse modo, foram feitas perguntas à criança com o intuito de verificar seu repertório comportamental em situações de dificuldade, por exemplo: “O que você faria nesta situação?”, “Quem você chamaria para te ajudar?”, “O que esse personagem faria para se sentir melhor?” (SOARES, 2003);

b) Jogo Guerra ao Stress: desenvolvido por Lipp *et al.* (2005), tem por objetivo ensinar a criança a conhecer o stress, as situações do dia a dia que o causam, bem como as estratégias para controlá-lo;

c) Jogo “Lidando com a dor”: jogo desenvolvido com o objetivo de trabalhar com a criança as situações em que ela é submetida à medicação, transfusão de sangue e outros procedimentos ambulatoriais, para que o tratamento adequado da doença possa ser possível. Para tanto, foram utilizadas técnicas de ensaio comportamental, em que a criança assumiu o papel do médico, e/ou enfermeiro e administrou procedimentos, utilizando instrumentos médicos de brinquedo no responsável pela sessão, relatando, assim, como ela se sente e age quando é submetida a esses métodos. Tudo isso com a finalidade de proporcionar a criança um momento em que ela possa treinar estratégias de enfrentamento à dor e aos procedimentos dolorosos, semelhante ao “Teatro de Antecipação da Situação” proposto por Linhares e Doca (2010);

d) Jogo de habilidades sociais: com objetivo de conhecer o comportamento da criança diante das situações sociais que solicitam comportamentos pró-ativos;

e) Jogo “Enfrentando desafios”: tem como objetivo ajudar a criança com DF a refletir e analisar sobre situações do dia a dia que podem lhe causar medo, sofrimento, estresse e provocar ou aumentar a sensação dolorosa, bem como ensinar as estratégias para melhor enfrentá-las (OLIVEIRA et al., 2011).

Com o objetivo de verificar possíveis mudanças nas estratégias de enfrentamento da dor pela criança utilizou-se:

a) Jogo de Avaliação do Enfrentamento da Dor (AEHdor): desenvolvido inicialmente por Moraes e Enumo (2008) para o contexto da hospitalização, foi adaptado para o contexto de dor por Oliveira et al. (2011) – é composto por 20 telas ilustradas com desenhos coloridos, apresentando uma versão para menino e outra para menina. Cada uma das telas apresenta cenas que retratam possíveis comportamentos infantis relacionados a certas estratégias de enfrentamento da dor. A aplicação do instrumento tem tempo médio de 30 minutos e consiste na apresentação à criança de uma cena por vez;

b) Kidcope: é uma medida de auto relato que pretende avaliar as estratégias de *coping* utilizadas por crianças e adolescentes (SPIRITO, STARK, & WILLIAMS, 1988). Foi desenvolvida considerando o conceito de *coping* como uma medida de processo e não como um traço de personalidade estável. Contém quinze itens referentes a diversas estratégias de *coping* (SPIRITO, STARK, & WILLIAMS, 1988).

O programa de intervenção foi realizado em cinco sessões com duração média de uma hora. Na primeira sessão antes do início do programa aplicava-se o AEH-dor e o Kidcope, posteriormente, explicava-se à criança o objetivo do programa e o número de encontros a serem realizados. Na última sessão eram reaplicados o AEH-dor e o Kidcope.

O projeto de desenvolvimento do programa de intervenção em estratégias de enfrentamento da dor foi submetido ao Comitê de Ética do HJUM/UFMT, com parecer aprovado sob o nº 57279.

As crianças com DF e suas estratégias de enfrentamento da dor

A seguir são apresentados os dados individualizados das seis crianças que participaram do programa de intervenção e, posteriormente, dados do grupo.

Em termos de estratégias de enfrentamento a Criança 1 (C1) de acordo com o Kidcope manteve as mesmas estratégias antes e após o programa; entretanto, há de se ressaltar que no repertório, esta utilizou com maior frequência estratégias que se encontram à dimensão do *coping* positivo como: *reestruturação cognitiva*, *resolução de problemas*, *regulação emocional* e *suporte social*). Os resultados pré e pós-intervenção no AEHdor mostram que, após o programa, C1 continuou utilizando mais comportamentos facilitadores, e que a média de uso de comportamentos não-facilitadores diminuiu (de M=1 para M=0,6). Anteriormente, a estratégia mais usada pela criança foi *ruminação* (f=6), seguida de *busca por suporte* (f=3) e *distração* (f=3). Após a intervenção, as estratégias mais utilizadas foram *busca por suporte* (f=3), *solução de problema* (f=2) e *distração* (f=2). Em relação a C1, os dados sugerem efeitos do programa de intervenção no sentido de promover mudança na maneira como esta lida com sua doença,

deixando de focar-se nos aspectos negativos da situação, passando a valorizar o suporte social e a resolução dos problemas que se apresentam.

Em relação a C2, foi possível observar que esta se beneficiou dos efeitos do programa. Ao considerar os dados do *Kidcope* colhidos no início das intervenções, foi possível constatar que as estratégias mais frequentes utilizadas por C2 são as que fazem parte da dimensão de *coping* positivo ou de aproximação (*resolução de problemas, regulação emocional e suporte social*); em seguida, autocrítica, distração e resignação, as quais foram consideradas pouco eficazes. A única estratégia, avaliada pela criança como nem um pouco eficaz, foi a reestruturação cognitiva. Após as intervenções, os resultados do *Kidcope* mostram que as estratégias mais relatadas pela criança são, do mesmo modo que antes das intervenções: resolução de problemas, regulação emocional, e suporte social (dimensão de *coping* positivo). Segundo C2, todas as estratégias passaram a ser bastante eficazes no enfrentamento da doença. De acordo com o AEHdor, antes de iniciada as sessões de intervenção, as estratégias de enfrentamento mais utilizadas pela C2 eram *distração* ($f=11$), *reestruturação cognitiva* ($f=4$) e *ruminação* ($f=3$). Após as intervenções, as estratégias de enfrentamento mais utilizadas foram *ruminação* ($f=5$), *distração* ($f=4$) e *busca por suporte* ($f=3$). Os resultados revelaram suas mudanças na maneira de lidar com os problemas oferecidos pela doença falciforme, diminuindo o uso de estratégias de caráter negativo, ou seja, não-facilitadoras, e passando a utilizar meios mais eficientes de enfrentar e superar as adversidades da doença. Foi possível perceber que essa criança passou a apresentar mais comportamentos em busca de suporte, auxílio, ajuda de seus pais, amigos e professores, até mesmo da estagiária, ou seja, ela pôde perceber que as pessoas ao seu redor podem ajudá-la a alcançar uma melhor qualidade de vida.

Quanto a C3, observou-se nos resultados do AEHdor que esta diminuiu sua pontuação média do uso de comportamentos facilitadores (de $M=1,3$ para $M=0,7$). Houve também uma diminuição dos comportamentos não-facilitadores (de $M=1,6$ para $M=0,9$). Antes da intervenção, as estratégias mais utilizadas pela criança eram *busca por suporte* ($f=3$) e *solução de problemas* ($f=2$). Essas estratégias permanecem após a intervenção, sendo acrescidas novas estratégias, sendo elas: *ruminação* ($f=6$) e *reestruturação cognitiva* ($f=2$). Quanto ao resultado do *Kidcope*, o instrumento proporcionou identificar que as estratégias mais frequentes utilizadas por C3 dizem respeito à dimensão de *coping* positivo (*reestruturação cognitiva, regulação emocional, resolução de problemas e suporte social*). Observou-se que, na pré-intervenção, as estratégias de resolução de problemas e regulação emocional foram consideradas não eficazes, sendo suporte social a única considerada muito eficaz. Após a intervenção, observou-se mudança, tornando a resolução de problemas e regulação emocional estratégias muito eficazes juntamente com o suporte social. Esses resultados observados na C3 nos permite compreender que a partir de um programa de intervenção é possível levar a criança a desenvolver novas estratégias de enfrentamento e reestruturar aquelas que já possui de maneira a enfrentar melhor a dor e as adversidades da doença.

Também observou-se mudança na C4 quanto as estratégias mais frequentes pré e pós intervenção. Antes da intervenção foi identificado o uso das estratégias *distração* ($f=3$), *ruminação* ($f=3$), *busca por suporte* ($f=2$) e *solução de problemas* ($f=2$). Após a intervenção, observou-se a permanência dessas estratégias na mesma frequência, com exceção da estratégia de *ruminação*, que deixou de aparecer. Quanto ao uso de comportamentos facilitadores, ocorreu uma diminuição do seu uso de comportamentos facilitadores ($M=1,8$ para $M=0,9$) como também de comportamentos não-facilitadores (de $M=0,1$ para $M=0$). C4 apresentou estratégias de dimensão

de evitamento e de *coping* positivo. Suporte social foi a estratégia considerada mais eficaz na pré-intervenção e desconsiderada na pós-intervenção, uma vez que C4 que não apresentou estratégia.

Os efeitos do programa de intervenção para C5 foi observado através do aumento na pontuação média do uso de comportamentos facilitadores. Também houve aumento no uso de comportamentos não-facilitadores como ficar desanimada e/ou triste. No AEHdor foi possível identificar que antes da intervenção as estratégias de enfrentamento à dor foram *ruminação* ($f=4$), *distração* ($f=3$) e *busca por suporte* ($f=2$). Após a intervenção, C5 apresentou apenas o uso da estratégia de *ruminação* ($f=3$), porém com menor frequência. Por meio do Kidcope foi possível verificar que as estratégias mais frequentes utilizadas ficaram dentro da dimensão de *coping* positivo (reestruturação cognitiva, regulação emocional, resolução de problemas e suporte social), sendo consideradas estratégias eficazes. O programa de intervenção permitiu a C5 pensar refletir sobre a forma com que lida com a doença, sendo muito forte o uso de estratégias ligadas ao apoio familiar e social, além de estratégias que fazem evitar pensar na situação.

A C6 se beneficiou do programa de intervenção de maneira a desenvolver novas estratégias para enfrentar a doença. Quanto ao uso de comportamentos facilitadores, ela teve uma pequena diminuição (de $M=1,8$ para $M=1,6$). Também diminuiu o uso de comportamentos não-facilitadores (de $M=0,4$ para $0,2$). No instrumento AEHdor foi possível identificar que a *distração* ($f=5$) foi a estratégia mais utilizada diante do quadro de dor antes da intervenção. Porém, após a intervenção a frequência do uso da estratégia *distração* ($f=4$) diminuiu, sendo acrescentado o uso da estratégia de *busca por suporte* ($f=2$). Durante a realização do programa de intervenção, C6 conseguiu manter comportamentos eficazes que possuía e adquiriu novos comportamentos mais eficientes, reforçando seu repertório comportamental.

A partir dos resultados individualizados foi possível apresentar um perfil de desempenho do grupo diante do programa de intervenção no jogo AEHdor.

Retomando a análise do jogo AEHdor, o primeiro passo consiste em incluir um peso a cada resposta da criança, pois segundo Motta (2007), para cada resposta da criança, atribui-se os seguintes pesos: nunca= 0; um pouco= 1; às vezes= 2; quase sempre= 3 e sempre= 4. O que permitiu a obtenção de uma pontuação para cada uma das 20 cenas. A partir disso, calculou-se a média de comportamentos facilitadores (Tabela 1) e não-facilitadores (Tabela 2) utilizados pelas crianças no processo pré-intervenção e no pós-intervenção.

Comportamento Facilitador	Pré	Pós
Brincar	1,17	1
Assistir TV	2,83	2,17
Cantar	0,67	0,67
Ouvir música	1,67	1,17
Rezar	2,33	2,17
Estudar	1	1,33
Conversar	3	1,57
Ler gibi	1	0,33
Tomar remédio	4	3,17
Buscar informações	0,5	1
Média geral	1,82	1,46

Tabela 1: Média do uso de comportamentos facilitadores no pré e pós processo de intervenção (n=6)

Quanto a pontuação média de uso dos comportamentos facilitadores, percebe-se algumas mudanças na utilização dos mesmos quando comparados na pré-intervenção e pós-intervenção. Os comportamentos de *estudar* (Prel=1/Posl=1,33) e *buscar informação* (Prel=0,5/Posl=1) tiveram um aumento em suas pontuações médias, indicando que esses comportamentos após a intervenção foram mais utilizados pelos participantes. O comportamento *cantar* manteve a mesma média da pré-intervenção (M=0,67) na pós-intervenção (0,67). Os três comportamentos que mais diminuíram suas médias foram: *tomar remédio* (Prel=4/Posl=3,14), *ler gibi* (Prel=1/Posl=0,33) e *assistir TV* (Prel=2,83/Posl=2,17).

De maneira geral, observou-se que houve uma diminuição na pontuação média dos participantes quanto a utilização dos comportamentos facilitadores na pré-intervenção (M=1,82) para a pós-intervenção (M=1,46), indicando que, de maneira geral, comportamentos facilitadores foram menos utilizados pelos participantes após a intervenção.

Tabela 2:
Média do uso de comportamentos não-facilitadores no pré e pós-processo de intervenção (n=6)

Comportamento não-facilitador	Pré	Pós
Chorar	3,16	1,83
Raiva	0,83	0,33
Triste	0,66	1
Desanimar	1,16	1,83
Medo	0,33	0,14
Pensar em fugir	0	0
Chantagem	0,66	0
Esconder	0	0
Culpa	1	0,16
Pensar em milagre	0,83	1,66
Média geral	0,87	0,7

Dentre os comportamentos não-facilitadores, os três cujas pontuações médias aumentaram da pré-intervenção para a pós-intervenção foram: *triste* (Prel=0,66/Posl=1), *desanimar* (Prel=1,16/Posl=1,83) e *pensar em milagre* (Prel=0,83/Posl=1,66). Já os comportamentos de *chorar* (Prel=3,16/Posl=1,83), *culpa* (Prel=1/Posl=0,16) e *chantagem* (Prel=0,66/Posl=0) foram os comportamentos que mais diminuíram suas médias comparando o resultado da pré e pós-intervenção. Os comportamentos de *pensar em fugir* e *esconder* não foram pontuados em nenhuma das intervenções realizadas.

Quanto a média geral do uso de comportamentos não-facilitadores, observou-se uma diminuição entre a média da pontuação na pré-intervenção (M=0,87) para a pós-intervenção (M=0,7), indicando que, de maneira geral, comportamentos não-facilitadores foram menos usados pelos participantes após a intervenção.

O segundo passo para o processamento de análise do jogo AEHdor diz respeito à análise das justificativas das crianças às respostas fornecidas em cada uma das cenas. Por meio disso, identificaram-se as estratégias de enfrentamento utilizadas durante as crises de dor.

Para este tipo de identificação, foi necessário um nível maior de classificação, por meio de análise que permitiu identificar as estratégias de enfrentamento das crianças. Estas estratégias estão incluídas nas categorias de *coping* de “nível superior”, propostas por Skinner *et al.* (2003), após ampla revisão das escalas de enfrentamento, feitas especialmente com crianças. Desta

revisão, foi possível considerar 13 estratégias: *solução do problema, busca por suporte, esquiva, distração, reestruturação cognitiva, ruminação, desamparo, afastamento social, regulação da emoção, busca por informação, negociação, oposição e delegação* (MOTTA, 2007).

Crianças	Pré-intervenção	Pós-intervenção
C1	Busca por suporte Solução de problemas	Ruminação Reestruturação cognitiva Busca por suporte Solução de problemas
C2	Ruminação Distração Busca por suporte Solução de problemas	Distração Busca por suporte Solução de problemas
C3	Ruminação Distração Busca por suporte	Ruminação
C4	Ruminação Distração Busca por suporte	Distração Busca por suporte Solução de problemas
C5	Distração Reestruturação cognitiva Busca por suporte Ruminação	Distração Ruminação Busca por suporte
C6	Distração	Distração Busca por suporte

Tabela 3

Uso das estratégias de enfrentamento mais utilizadas no pré e pós-intervenção por criança no AEHdor

De modo geral, analisando qualitativamente as estratégias de enfrentamento, observa-se aumento no número de estratégias entre o pré e o pós-intervenção. Estratégia de enfrentamento *ruminação*, presente no repertório de duas crianças (C2 e C4) no pré, deixaram de existir no pós-intervenção. Também outras estratégias de enfrentamento se mantiveram entre o pré e a pós-intervenção como solução de problema (C1 e C2) e busca por suporte (C1, C2, C3 e C4). Essas mesmas estratégias passaram a fazer parte do repertório após intervenção para duas crianças, C4 (estratégia de enfrentamento – solução de problema) e C6 (estratégias de enfrentamento – busca por suporte).

Considerações finais

O cuidado às pessoas com doença crônica, além de ser uma questão de saúde pública, volta-se também para a qualidade de vida do próprio paciente. De acordo com a Organização Mundial de Saúde (2003 *apud* BRASIL, 2013), a magnitude dos problemas envolvendo doenças crônicas corresponde a 72% das causas de mortes, sendo a taxa de adesão em torno de 20%.

Além da mortalidade, as doenças crônicas apresentam forte carga de morbidades relacionadas. Elas são responsáveis por grande número de internações, bem como estão entre as principais causas de amputações e de perdas de mobilidade e de outras funções neurológicas. Envolvem também perda significativa da qualidade de vida, que se aprofunda à medida que a doença se agrava (BRASIL, 2013).

Quanto à criança e adolescente com doença crônica, devido ao tratamento, retornos ambulatoriais, exames e frequentes hospitalizações, suas rotinas são modificadas, e o hospital assume uma dimensão importante em suas vidas, no decorrer desse processo (VIEIRA e LIMA, 2002). Segundo o estudo de Vieira e Lima (2002), cujo objetivo era de apreender, por meio de entrevista, a experiência da criança e do adolescente com doença crônica, estes são capazes de perceber a gravidade de sua doença, conhecer os tratamentos e os efeitos colaterais das medicações, procurando entender e justificar os procedimentos realizados, assim como percebe o desconforto das rotinas a que são submetidos, em função de sua recuperação.

Quanto à doença falciforme, os resultados apresentados neste artigo demonstraram possíveis efeitos do programa de intervenção em estratégias de enfrentamento da dor em crianças com doença falciforme, possibilitando mudança no repertório de comportamentos para lidar com a dor de modo a desenvolver uma melhor qualidade de vida. Ao investigar as estratégias de enfrentamento em crianças com doença falciforme, Oliveira et al. (2011) encontraram resultados semelhantes em termos de uso dessas estratégias, principalmente, naquelas referentes à ruminação e à solução de problemas. De acordo com as autoras, resultados semelhantes foram observados nos estudos de Hostert (2010), Moraes e Enumo (2008) e Motta e Enumo (2010) em crianças hospitalizadas com câncer.

O desenvolvimento de programas de intervenção em crianças com DF permitem melhorar a qualidade de vida da criança não somente no que se refere às estratégias de enfrentamento da dor, mas também em habilidades intelectuais, sociais e processos cognitivos, de modo a desenvolver novo repertório de comportamento para lidar com a doença no decorrer do desenvolvimento.

Referências

- ANTONIAZZI, A. S.; DELL'AGLIO, D. D.; BANDEIRA, D. R. **O conceito de coping: uma revisão teórica.** *Estud. Psicol.*, n. 2, p. 273-294, 1998.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Manual de anemia falciforme para agentes comunitários de saúde.** Brasília: Editora MS, 2008.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Manual de educação em saúde: Autocuidado na doença falciforme.** Brasília: Editora MS, v. 1, 2008.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Atenção Integral a Pessoa com Doença Falciforme.** Portaria GM/MS nº 1391/2005.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Saúde Integral da População Negra.** Conselho Nacional de Saúde, 2001.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Diretrizes para os cuidados com doenças crônicas na rede de atenção à saúde e nas linhas de cuidados prioritários.** Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica, Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2013. Disponível em: <http://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes%20_cuidado_pessoas%20_doencas_cronicas.pdf> Acesso em 15 mar 2014.
- COMPAS, B. E.; CONNOR-SMITH, J. K.; SALTZMAN, H.; THOMSEN, A. H.; WADSWORTH, M. E. Coping with stress during childhood and adolescence: problems, progress, and potential in theory a research. **Psychological Bulletin**, n. 127, p. 87-127, 2001.
- DEUS, J. **Inicia 2ª fase do teste do pezinho em MT.** Disponível em: <www.institutocanguru.org.br/artigos/reportagens_2008/06.pdf> Acesso em 15 fev 2010.
- FRANÇA, F. D.; DIAS, T. L. Proposta de avaliação de estratégias de enfrentamento em crianças com doença falciforme. **Anais do Seminário de Educação 2011.** Cuiabá, MT, UFMT, p. 1-10, 2011.

- GUIMARÃES, T. M. R.; MIRANDA, W. L.; TAVARES, M. M. F. **O cotidiano das famílias de crianças e adolescentes portadores de anemia falciforme.** Rev. Bras. Hematol. Hemoter. ;31(1):9-14, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-84842009000100007&script=sci_arttext.> Acesso em 01 out 2012.
- HOSTERT, P. C. C. P. **Estratégias de enfrentamento e problemas comportamentais em crianças com câncer, na classe hospitalar.** Dissertação de Mestrado não publicada, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, ES, 2010.
- LAZARUS, R. S.; FOLKMAN, S. **Stress, appraisal and coping.** New York: Springer Publesching Company, 1984.
- LINHARES, M. B. M.; DOCA, F. N. P. Dor em neonatos e crianças: avaliação e intervenção não farmacológicas. **Temas em Psicologia**, v. 18, n. 2, p. 307-325, 2010.
- LIPP, M. et al. **Guerra ao estresse.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.
- MORAES, E. O. & ENUMO, S. R. F. Estratégias de enfrentamento da hospitalização em crianças avaliadas por instrumento informatizado. **PsicoUSF**, 13(2) , 221-231, 2008.
- MOTTA, A. B., & ENUMO, S. R. F. Intervenção psicológica lúdica para o enfrentamento da hospitalização em crianças com câncer. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, 26(3), 445-454, 2010.
- MOTTA, A. B. **Brincando no hospital: uma proposta de intervenção psicológica para crianças hospitalizadas com câncer.** 2007. 306 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Faculdade de Psicologia. Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2007.
- OLIVEIRA, C. G. T., GARIOLI, D. S., FELIZARDO, G. R., PAULA, K. M. P. & ENUMO, S. R. F. Avaliação do enfrentamento da dor em crianças com anemia falciforme. **Actas do VIII Congresso Iberoamericano de Avaliação/Evaluación Psicológica. XV Conferência Internacional de Avaliação Psicológica: Formas e Contextos.** Portugal, Lisboa, Sociedade Portuguesa de Psicologia, v. 1, pp., 1402-1413, 2011.
- SENA, T. S., LEITE, I. V., & FREIRE, C. Acompanhamento ambulatorial de crianças e adolescentes com doença falciforme. **Revista Baiana de Pediatria**, 5(1), 2011, 76-78.
- SILVA, N. C. B.; NUNES, C. C.; BETTI, M. C. M.; RIOS, K. S. A. Variáveis da família e seu impacto sobre o desenvolvimento infantil. **Temas em Psicologia**. 16 (2), 2008, p. 215-229.
- SKINNER, E. A.; EDGE, K.; ALTAMAN, J.; SHERWOOD, H. Searching for the structure of coping: a review and critique of category systems for classifying ways of coping. **Psychological Bulletin**, n. 129, 216-269, 2003.
- SOARES, M. R. Z. Estratégias lúdicas na intervenção com crianças hospitalizadas. In Almeida, C. G. (org). **Intervenções em grupos: Estratégias psicológicas para a melhoria da qualidade de vida.** Campinas, SP: Papirus, p. 23-362003.
- SOUZA, T. C. J. Prevalência de hemoglobina S na área de abrangência do programa de saúde da família de Vila Bela da Santíssima Trindade. **Monografia de Especialização.** Departamento de Saúde Coletiva. Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, 2003.
- SPIRITO, A., STARK, L. J. & WILLIAMS, C. (1988). Development of a Brief Coping Checklist for Use with Pediatric Populations. **Journal of Pediatric Psychology**, 13, 555-574.
- VIANA, V.; BARBOSA, M. C.; GUIMARAES, J. Doença crônica na criança: fatores familiares e qualidade de vida. **Psicologia, Saúde & Doenças**. 8 (1), 2007, p. 117-127.
- VIEIRA, M. P.; LIMA, R. A. G. Crianças e adolescentes com doença crônica: convivendo com mudanças. **Rev Latino-Am Enfermagem**, julho-agosto; 10(4):552-6-, 2002.

Nota:

- [1] Este trabalho é resultado do Projeto de Extensão Edital PBEXT 2013 - UFMT, com financiamento de bolsa para a primeira autora.



PERFIL DOS PRODUTORES DE LEITE VINCULADOS À AGRICULTURA FAMILIAR¹

PERFIL DOS PRODUTORES DE LEITE VINCULADOS À AGRICULTURA FAMILIAR

**Janaina Januário da
Silva**

Professora Doutora do Departamento de Ciências Básicas e Produção Animal, FAMEVZ, UFMT – Cuiabá. Endereço: Rua Prof. Juscelino Reiners, 245, Edifício Petrópolis, Apto. 104 A, Jardim Petrópolis. Email: janajanu@yahoo.com. Fone: (65) 3615-8324.

**Marinaldo Divino
Ribeiro e Joadil
Gonçalves de Abreu**

Professores Doutores do Departamento de Zootecnia, FAMEVZ, UFMT – Cuiabá.

RESUMO

Tendo em vista as transformações ocorridas na atividade leiteira e a importância desta no agronegócio brasileiro, torna-se crucial o estudo e a caracterização dos produtores para a detecção de problemas e proposição de soluções. Deste modo, objetivou-se traçar o perfil de produtores pertencentes à agricultura familiar residentes no município de Jangada e associados à Cooperburiti – Cooperativa dos Agricultores do Vale do Rio Cuiabá, na região da Baixada Cuiabana - MT. Para tal, foram realizadas entrevistas formais com os produtores a partir de formulário semiestruturado, utilizado como instrumento para coleta das informações. Verificou-se que mais de 80% dos produtores possuem acima de 40 anos de idade, o que dificulta a assimilação e disseminação de novas tecnologias. Além disso, boa parte daqueles apresenta baixo grau de instrução, sendo que 32,26% estudou apenas da 1ª à 4ª série. A maioria reside na propriedade, são casados e têm dois filhos. Desses filhos, 42,42% mora na cidade o que explica o maior grau de instrução em comparação aos pais, uma vez que a educação na zona urbana é, relativamente, melhor que a da rural. A produção de leite é algo recente na rotina dos produtores, sendo que a maioria iniciou nesta atividade há cinco anos ou menos e, mais da metade desses (54,84%) afirmam possuir certo conhecimento sobre a atividade. Quase todos os produtores entrevistados (96,77%) participam de alguma associação, no caso, cooperativas e todos, sem exceção, disseram não receber nenhum tipo de assistência técnica. Foram poucos os produtores que usufruíram de algum tipo de treinamento (apenas 19,35%), sendo que este treinamento foi fornecido, em algum momento, em instituições particulares. Traçado o perfil dos produtores, torna-se clara a necessidade de investimentos na qualificação profissional dos mesmos a fim

de possibilitar melhorias nas condições econômicas e produtivas em que estão inseridos, resultando em avanços significativos no próprio setor leiteiro do estado.

Palavras-chave: Conhecimento. Comprometimento. Expectativas. Informação. Produção de leite.

RESUMEN

El perfeccionamiento tecnológico, así como la mejoría en la calidad genética de los animales han transformado la actividad lechera y su importancia para el agronegocio brasileño. En virtud de esos cambios, se hace necesario conocer y caracterizar el perfil de los productores para mejorar tanto la detección como el manejo de los problemas del sector. En este estudio se evaluó el perfil de los productores considerados en el grupo de “agricultura familiar” pertenecientes a la “Cooperativa dos Agricultores do Vale do Rio Cuiabá” (Cooperburiti), con sede en la municipalidad de Jangada, en la región conocida como Baixada Cuiabana - MT. Para el método de colecta de informaciones se utilizaron encuestas a partir de entrevistas junto a los productores. El 80% del grupo evaluado se caracteriza por personas con más de 40 años y bajo nivel de escolaridad (el 32,26% alcanzó solamente el 4° básico), lo que dificulta la asimilación y disseminación de nuevas tecnologías. La mayoría de los encuestados es casado con 2 hijos residiendo en su propiedad. Sin embargo, 42,42% de estos hijos vive en la ciudad, lo que podría explicar el mayor grado de escolaridad en comparación con los padres, una vez que el nivel educacional es mejor en zonas urbanas que rurales. Aunque la producción de leche sea una actividad reciente para estos productores (inicio hace 5 años o menos), más de la mitad (54,84%) afirma poseer conocimiento sobre la labor. Casi la totalidad de los encuestados (96,77%) pertenecen a algún tipo de asociación o cooperativas, y todos, sin excepción confirmaron no recibir ningún tipo de ayuda técnica especializada. Solamente el 19% de los productores tuvo algún entrenamiento técnico en instituciones privadas. Una vez caracterizado el perfil de los productores queda en evidencia la necesidad de una mejor inversión en su calificación profesional para posibilitar mejorías en el contexto económico y productivo en que están insertados, lo que a la larga puede reflejar en avances significativos para el propio sector lechero del estado.

Palabras clave: Conocimiento. Compromiso. Expectativas. Información. Producción de leche.

Introdução

A agricultura familiar e camponesa estão presentes em todas as grandes produções destinadas ao mercado interno ou à exportação. Contribui com dois terços da produção de tubérculos e de leite, um terço da produção de soja, 20% da produção de carne bovina e de frutas. Além desses produtos, o fumo, a laranja, o cacau e a pimenta-do-reino são também produções camponesas no Brasil (FAO-Incra, 2000).

Wanderley (2003) tece algumas reflexões interessantes sobre a conceituação da agricultura familiar. Para a autora, “a agricultura familiar não pode ser entendida como uma nova classe ou uma nova categoria social, ou que o seu surgimento seja recente”. Mas, no Brasil, essa conceituação assume ares de novidade e de renovação quanto ao seu significado e abrangência, principalmente nos meios acadêmicos e nas políticas públicas que passam a estimular a criação de tipologias baseadas na viabilidade econômica e social diferenciada.

De acordo com Schneider (1999), “a emergência e consolidação da expressão agricultura familiar no Brasil, se dá quase que simultaneamente em duas esferas distintas: de um lado, a esfera política, a adoção da expressão pelos movimentos sociais, principalmente aqueles ligados à luta pela terra e a reforma agrária, e a intensificação das discussões sobre o espaço e o papel dos pequenos agricultores no desenvolvimento rural, constituindo uma nova identidade”.

Dentro deste contexto, destaca-se a produção leiteira que é uma atividade comum em quase 80% dos estabelecimentos agrícolas familiares brasileiros. Assim, a inserção desta categoria de agricultores na cadeia produtiva do leite proporciona a ocupação da mão-de-obra familiar, a diversificação da atividade agrícola e a geração de renda. Contudo, a adoção de tecnologias de forma isolada não resolve os problemas da efetiva ocupação da terra e produtividade nesses estabelecimentos.

De acordo com Carvalho (2012), “os avanços na cadeia produtiva do leite como um todo foram significativos nos últimos anos, entre os quais se destacam: o pagamento por qualidade, implementação de legislação mais severa em termos de produção com qualidade, coleta a granel, distribuição e consumo, estrutura de fornecedores e internalização, os quais mudaram a forma de produzir e comercializar leite no país”.

Para os produtores familiares as mudanças são revestidas de distintos impactos, pois nem todos conseguem acompanhar a demanda da indústria e dos consumidores no que se refere às melhorias na questão da gestão da produção, qualidade e sanidade do produto final. Nesse sentido, verifica-se a existência de distintos perfis produtivos, envolvendo produtores de maior porte e altamente tecnificados, até produtores de menor porte e/ou pouco modernizados, além de produtores especializados e não especializados.

Os produtores especializados têm no leite a sua principal atividade geradora de renda, trabalham com animais de raças produtivas, investem em alimentação, benfeitorias e gestão, produzindo volumes que possibilitam ganhos em qualidade e produtividade. Por outro lado, os produtores não especializados operam com pouca tecnologia e têm no leite uma fonte de renda adicional à renda agrícola, com gestão da atividade menos significativa (JANK e GALAN, 1998).

Diante das transformações ocorridas na atividade leiteira e da sua relevância no agronegócio brasileiro, é crucial o levantamento e a caracterização dos produtores para a detecção de problemas e proposição de soluções. Neste contexto, Fernandes e Lima (1991) concordam que “para se conhecer a realidade das propriedades rurais e encontrar subsídios para gerar e transferir tecnologias compatíveis torna-se necessário ter conhecimento do perfil dos produtores e dos estabelecimentos que gerenciam”.

Este perfil será importante para a adaptação de tecnologias já existentes, bem como a geração e transferência de novas tecnologias compatíveis com as condições encontradas. Logo, o uso de uma tipificação representativa do universo dos produtores familiares de leite se torna uma ferramenta fundamental para a melhoria do setor (WAGNER et al., 2003).

Objetivou-se com este trabalho traçar o perfil de produtores pertencentes à agricultura familiar residentes no município de Jangada e associados à Cooperburiti – Cooperativa dos Agricultores do Vale do Rio Cuiabá, na região da Baixada Cuiabana - MT.

Material e Métodos

O trabalho foi realizado por meio da análise *in locu* da atividade da pecuária leiteira praticada pelos produtores pertencentes à agricultura familiar localizados no município de Jangada e associados à Cooperburiti – Cooperativa dos Agricultores do Vale do Rio Cuiabá, na região da Baixada Cuiabana - MT.

O município de Jangada possui 1.136 km² de território e se localiza nas coordenadas geográficas: latitude 15°14'08" sul e longitude 56°29'21" oeste. A sede do município fica as margens da BR – 163, a 72 km da capital Cuiabá, limitando-se ao sul com a mesma, e ao norte com o município de Rosário Oeste. O clima da região é tropical quente e sub-úmido, com cinco meses de seca (maio a setembro). A precipitação pluviométrica anual é de 1.750 mm, com intensidade máxima de dezembro a fevereiro, e a temperatura média é de 24°C.

Foram realizadas entrevistas formais com os produtores, a partir de formulário semiestruturado, que fora testado previamente, usado como instrumento para coleta das informações. O formulário foi elaborado com questões abertas e fechadas com objetivo de delinear o perfil dos produtores de leite, com base em características pessoais e de estrutura familiar, grau de escolaridade, tempo de permanência e conhecimento na atividade, além da participação ou não em associações organizadas (cooperativas).

Os entrevistadores foram os bolsistas efetivos e voluntários do projeto, supervisionados pelos Professores membros da equipe executora. Antes da realização das entrevistas foram feitos treinamentos dos entrevistadores quanto ao comportamento, abordagem do produtor e interação, linguagem de construção do diálogo técnico-científico no que se refere às questões contidas no formulário e de vestimenta.

Foram realizadas 45 entrevistas, o que representa o universo dos associados à Cooperburiti. Essas entrevistas foram feitas de forma individualizada, em ambiente tranquilo e sem interferências que pudessem levar o produtor a não responder com fidelidade às questões apresentadas.

Os dados coletados foram tabulados e submetidos à análise por meio da estatística descritiva.

Resultados e Discussão

Caracterização do produtor de leite

Todos os produtores têm mais de 30 anos de idade, o que não é um atributo vantajoso, uma vez que pessoas com mais idade tendem a ter dificuldades de aprendizagem, tornando difícil a assimilação de novas tecnologias. O Gráfico 1 indica que 12,90% dos produtores têm de 30 a 39 anos, 22,58% 40 a 49 anos, 25,81% 50 a 59 anos e 38,71% mais que 60 anos.

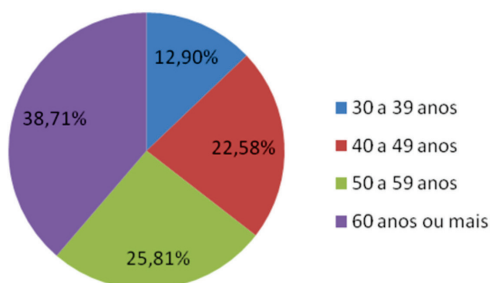
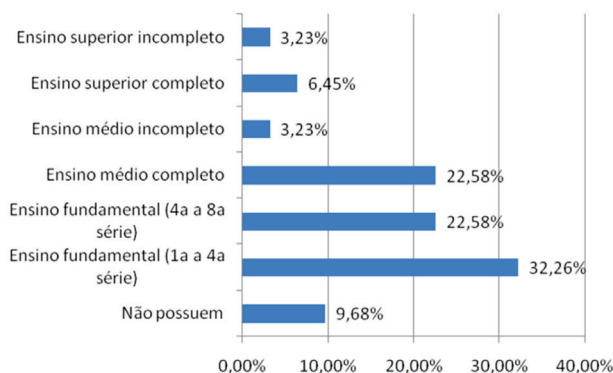


Gráfico 1:
Idade do produtor/
proprietário.

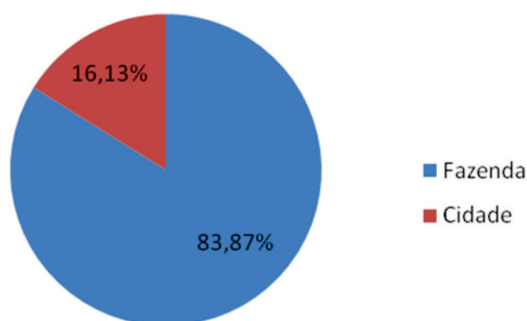
Fonte:
Elaboração própria.

Gráfico 2:
Grau de instrução do produtor.
Fonte:
Elaboração própria.



concluíram o ensino superior (Gráfico 2), sendo que esses podem ser utilizados na disseminação do uso de novas tecnologias.

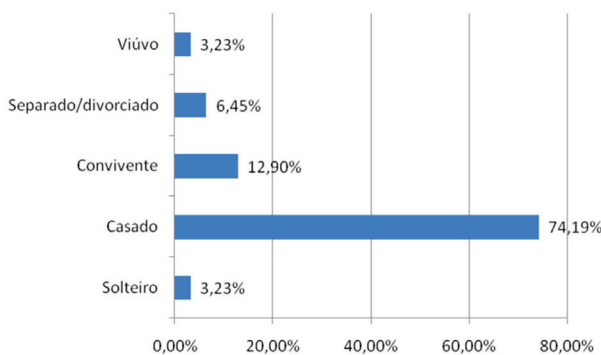
Gráfico 3:
Residência do produtor/proprietário.
Fonte:
Elaboração própria.



A maioria dos produtores reside na própria fazenda, 83,82%, sendo que os 16,13% restantes moram na cidade. Como a presença do produtor na fazenda facilita a sua administração, este fator é positivo no uso de estratégias para melhorar a atividade.

Em se tratando do estado civil, 84,19% dos produtores são casados, 12,90% são onvidentes, 6,45% são separados ou divorciados, 3,23% são viúvos e 3,23% são solteiros (Gráfico 4). E com relação a filhos, a grande maioria possui, sendo que 16,13% possuem dois filhos, 41,94% três filhos, 12,90% quatro filhos, 25,81% mais do que quatro e 3,23% não responderam (Gráfico 5). Isso indica o potencial de mão-de-obra que pode ser utilizado na propriedade no programa de melhoramento da atividade.

Gráfico 4:
Estado civil do produtor/proprietário.
Fonte:
Elaboração própria.



Dos produtores que têm filhos, a maioria destes possui algum grau de instrução, sendo que 20,41% estudaram até a 4ª série, 20,41% concluíram o ensino fundamental, 12,24% não terminaram o ensino médio, 22,45% estudaram até o 3º ano do segundo grau, 10,20% não concluíram a faculdade e 12,24% concluíram o ensino superior. Os 2,04% restantes não responderam (Gráfico 6). Esse atributo é positivo, uma vez que os filhos possuem maior grau de instrução que os pais e ainda são jovens, tendo maior facilidade de assimilação, tornando mais eficiente o programa de transferência de novas tecnologias.

A maioria dos filhos dos produtores, 42,42%, mora na cidade, 39,39% na fazenda da família, 12,12% em ambos, 3,03% na fazenda de terceiros e 3,03% não responderam (Gráfico 7). Esses dados permitem uma comparação entre o grau de instrução dos pais e dos filhos, mostrando que esses têm maior instrução do que aqueles,

A atividade leiteira na região é recente, sendo que a maioria dos produtores a começou há menos de cinco anos ou a está começando agora. Um total de 19,35% dos produtores começaram há menos de cinco anos; 12,90% de cinco a 10 anos; 6,45% de 11 a 15 anos; 3,23% de 16 a 20 anos; 6,45% de 21 a 25 anos e os 51,61% não responderam (Gráfico 8), provavelmente por ainda não terem iniciado a atividade leiteira.

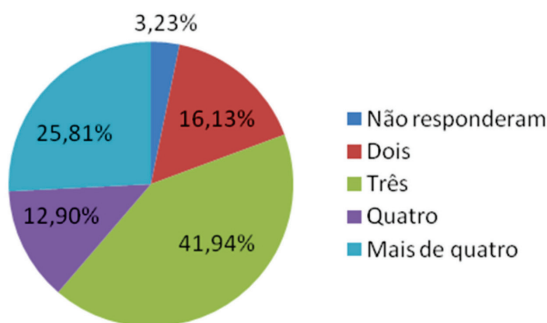


Gráfico 5:
Quantidade de filhos.
Fonte:
Elaboração própria.

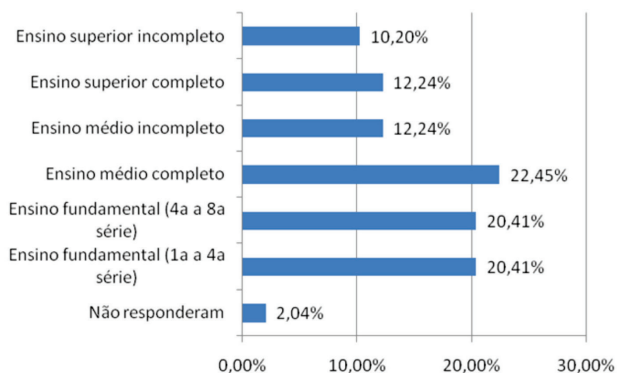


Gráfico 6:
Grau de instrução dos filhos dos produtores/proprietários.
Fonte:
Elaboração própria.

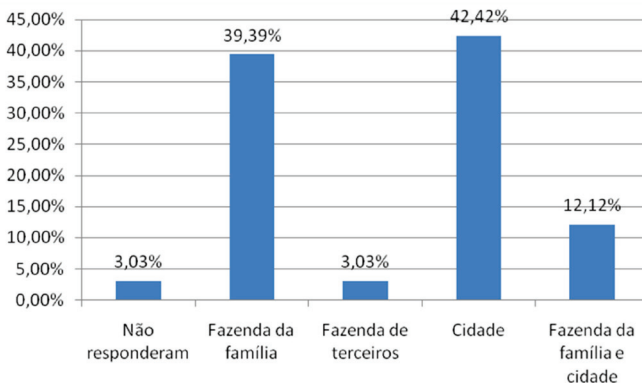
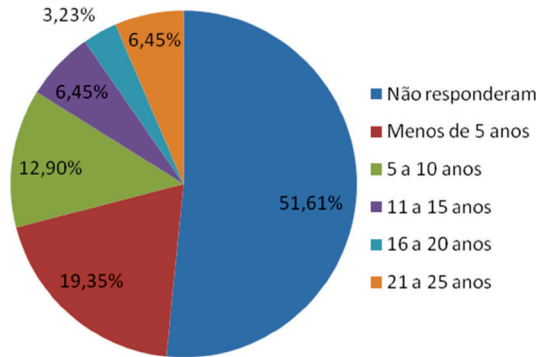


Gráfico 7:
Residência dos filhos dos produtores/proprietários.
Fonte:
Elaboração própria.

Gráfico 8:
Tempo de atividade.

Fonte:

Elaboração própria.



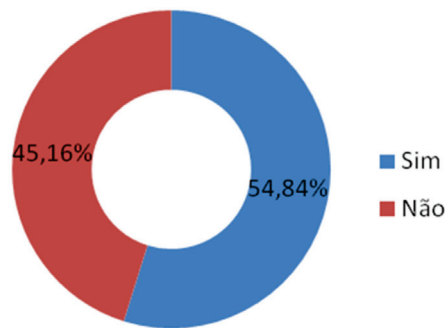
Conhecimento do produtor

Mais da metade dos produtores entrevistados, 54,84%, dizem possuir certo conhecimento sobre a atividade leiteira, enquanto os 45,16% restantes não possuem conhecimento algum.

Gráfico 9:
Conhecimento sobre a atividade leiteira.

Fonte:

Elaboração própria.

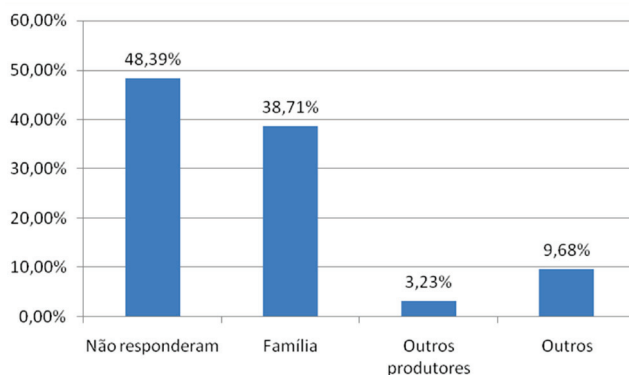


Daqueles que possuem conhecimento sobre a atividade em questão, 38,71% o adquiriu com a família, 3,23% com outros produtores, 9,68% através de outras maneiras e os 48,39% restantes não responderam (Gráfico 10).

Gráfico 10:
Forma de aquisição de conhecimento sobre a atividade.

Fonte:

Elaboração própria.



Assistência Técnica e obtenção de informações

Todos os entrevistados responderam não receber nenhum tipo de assistência técnica, o que aumenta a importância do programa de transferência de tecnologia.

Quase todos os produtores entrevistados, 96,77%, participam de alguma associação, no caso cooperativas, enquanto os 3,23% restantes não (Gráfico 11). Isto é um atributo positivo, pois essas associações permitem melhor acesso a insumos e a mercado consumidor da produção.

No Gráfico 12 observa-se que 50% dos produtores são associados, 43,75% cooperados e os 6,25% restantes não responderam.

Poucos foram os produtores que já receberam algum tipo de treinamento, apenas 19,35%, sendo este treinamento fornecido em instituições particulares. Já 77,42% nunca receberam nenhum treinamento (Gráfico 13). Os 3,23% restantes não responderam. Este fator mostra a importância do programa de transferência de tecnologia para estes produtores.

Em se tratando dos tipos de treinamento desejado pelos produtores, observam-se no Gráfico 14 uma grande variedade, o que mostra o interesse dos entrevistados em melhorar suas produções.

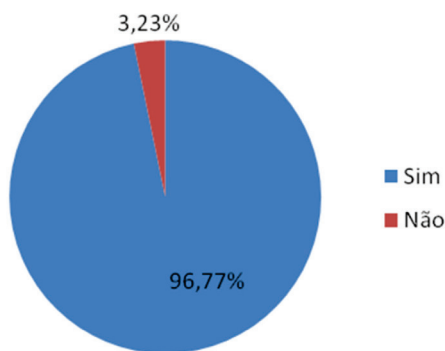


Gráfico 11: Participação em alguma forma de associação.
Fonte: Elaboração própria.

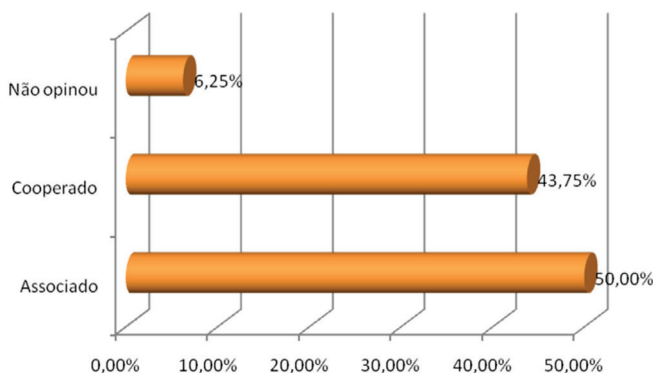


Gráfico 12: Forma de participação em associações.
Fonte: Elaboração própria.

Considerações Finais

Com o presente trabalho pode-se inferir que a profissionalização dos produtores de leite vinculados à agricultura familiar é, sem dúvida, um dos condicionantes para o aumento efetivo da produtividade nas pequenas propriedades. Isto porque a implantação de novas tecnologias no manejo dos animais e/ou no ambiente de criação exige conhecimento por parte daqueles que atuam no setor produtivo.

O pequeno produtor deseja sim ser capacitado porque esta condição o torna capaz de consolidar o seu trabalho no campo, através de uma atividade desenvolvida de forma

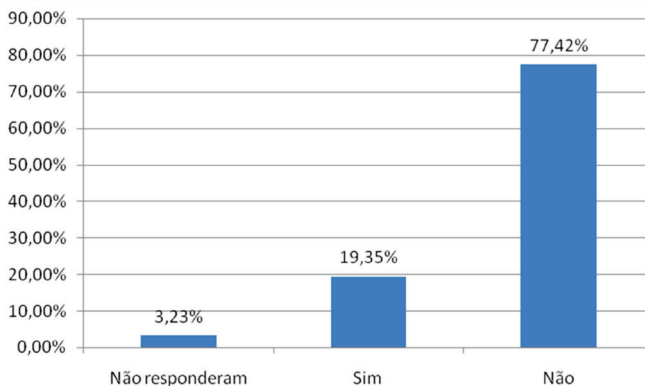


Gráfico 13: Realização de treinamento sobre a atividade.
Fonte: Elaboração própria.

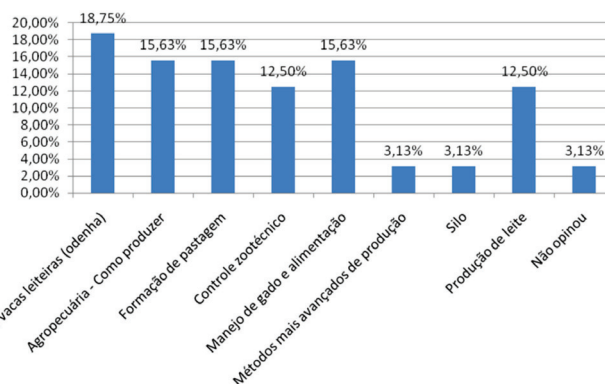


Gráfico 14: Tipo de treinamento desejado pelos produtores.
Fonte: Elaboração própria.

racional e sustentável e, ao mesmo tempo, financeiramente rentável para manter sua família no meio rural.

Referências

- CARVALHO, G.R. *A indústria de laticínios no Brasil: passado, presente e futuro*. EMBRAPA Gado de Leite. 2010. Juiz de Fora, Minas Gerais. **Circular Técnica**. Disponível em: <http://www.bdpa.cnptia.embrapa.br>. Acesso em: 11 abr. 2014.
- FAO/INCRA. **Novo retrato da agricultura familiar: o Brasil redescoberto**. Brasília, DF, 2000. (Projeto FAO/BRA 036).
- FERNANDES, T.A.G.; LIMA, J.E. Uso de análise multivariada para identificação de sistemas de produção. **Pesquisa Agropecuária Brasileira**, v.26, n.10, p.1823-1836, 1991.
- JANK, Marcos S.; GALAN, Valter B. *Competitividade do sistema agroindustrial do leite*. 1998. Disponível em: <http://www.fia.com.br>. Acesso em: 11 de abr. 2014.
- SCHNEIDER, S. *Agricultura familiar e pluriatividade*. 1999. **Tese** (Programa de Pós-Graduação em Sociologia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 1999, 470p.
- WAGNER, S.A.; GEHLEN, I.; WIEST, J.M. Padrão tecnológico em unidades de produção familiar de leite no Rio Grande do Sul relacionado com diferentes tipologias. **Ciência Rural**, v. 34, n. 5, 2004.
- WANDERLEY, M.N.B. Agricultura familiar e campesinato: rupturas e continuidade. **Estudos Sociedade e Agricultura**, v.21, n. 2, p. 42-61, 2003.

Nota:

- [1] Parte integrante do projeto intitulado “Transferência de Tecnologias Apropriadas à Agricultura Familiar”.



A TERAPIA COMUNITÁRIA INTEGRATIVA COMO PRÁTICA DE CUIDADO PARA ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS¹

LA TERAPIA COMUNITARIA INTEGRATIVA COMO PRÁTICA DE CUIDADO PARA ESTUDIANTES UNIVERSITARIOS

Rosa Lúcia Rocha Ribeiro RESUMO

Enfermeira e Terapeuta Comunitária. Doutora em Enfermagem. Professora Associada. Faculdade de Enfermagem. Universidade Federal de Mato Grosso. Membro do Grupo de Pesquisa Enfermagem, Saúde e Cidadania. Tutora do grupo PET Conexões de Saberes “Universidade, Saúde e Cidadania UFMT”.

Trata-se de um relato de experiência e uma reflexão a partir da vivência das autoras em um projeto de extensão que desenvolve a Terapia Comunitária Integrativa (TCI) como prática de cuidado à saúde mental para estudantes universitários da Universidade Federal de Mato Grosso. Apresenta-se a forma como a TCI se realiza e uma reflexão sobre os seus benefícios para os estudantes e comunidades. Conclui-se que a TCI se confirma como uma prática efetiva para o cuidado dos estudantes universitários e comunidade, visando a sua integração, bem como a promoção da saúde mental.

Laura Patrícia Teixeira Nogueira

Estudante do curso de Enfermagem da Universidade Federal de Mato Grosso, bolsista do grupo PET Conexões de Saberes “Universidade, Saúde e Cidadania UFMT”. Telefone: (65) 9609-8187 E-mail: laura-nogueira03@hotmail.com

Palavras-chave: Assistência estudantil; saúde mental; enfermagem.

RESUMEN

Este trabajo es una descripción y una reflexión de la experiencia de las autoras en un proyecto de la extensión que desarrolle la Terapia Comunitária Integrativa (TCI) como una práctica de la atención de salud mental para los estudiantes de la “Universidade Federal de Mato Grosso”. Se presenta como la TCI se lleva a cabo y una reflexión sobre los beneficios para los estudiantes y las comunidades. Se concluye que la TCI se confirma como una práctica efectiva para el cuidado de los estudiantes universitarios y la comunidad, dirigida a su integración, y la promoción de la salud mental.

Edilene Gianelli Lopes

Estudante do curso de Enfermagem da Universidade Federal de Mato Grosso, bolsista do grupo PET Conexões de Saberes “Universidade, Saúde e Cidadania UFMT”.

Palabras clave: asistencia a los estudiantes; salud mental; enfermería.

Ana Lúcia de Lima

Estudante do curso de Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso, bolsista do grupo PET Conexões de Saberes “Universidade, Saúde e Cidadania UFMT”.

Introdução

A Terapia Comunitária Integrativa (TCI) é uma técnica de trabalho com grupos desenvolvida pelo psiquiatra e professor Dr. Adalberto Barreto, da Universidade Federal do Ceará, que se caracteriza como um espaço de partilha de experiências do cotidiano, sabedorias e culturas, sendo realizada de maneira horizontal e circular. A construção da TCI por Barreto se realizou a partir de 1986 diante de sua percepção da grande demanda por cuidados psicológicos e da necessidade da promoção da saúde mental da comunidade da favela do Pirambú, em Fortaleza. Desde então, juntamente com seus alunos, Barreto estabeleceu naquela região o Movimento Integrado de Saúde Mental Comunitária.

A TCI foi construída tendo como pilares teóricos a Pedagogia de Paulo Freire, elementos das teorias da Comunicação, da Antropologia Cultural, do pensamento Sistêmico e o conceito de Resiliência. Da pedagogia de Paulo Freire a TCI incorpora diversos conceitos, dentre os quais o ensinar como exercício de diálogo, troca e reciprocidade (BARRETO, 2008).

A TCI tem uma dinâmica muito simples, de duração máxima de uma hora, com regras que respeitam o desejo ou não das pessoas falarem de seus sentimentos e vivências e que favorecem a escuta respeitosa e acolhedora das experiências dos participantes. As histórias compartilhadas numa roda de TCI podem ser utilizadas pelos participantes para sua autorreflexão, ou, como diz Barreto (2008), para ser um terapeuta de si mesmo.

Durante uma roda de TCI, no instante de partilha, é frequente a manifestação de processos resilientes, compreendidos como momentos em que o sofrimento se transforma em crescimento e a carência em competência. Para que isso se realize, a TCI sustenta-se nas competências dos indivíduos, assim como no seu conhecimento empírico. Sua finalidade é procurar o estímulo nos participantes da roda, assim como o crescimento pessoal, autonomia, consciência e sua corresponsabilidade (BARRETO, 2008).

A TCI estimula os participantes a falar e utiliza o ditado popular que diz: Quando a boca cala, o corpo fala. Quando a boca fala, o corpo sara (BARRETO, 2008). Isso significa que exteriorizar os sentimentos que afligem ou que causam mal-estar permite evitar que causem transtornos maiores e impede o desenvolvimento de uma doença física ou mental.

A TCI também é um espaço de expressar e compartilhar alegrias, vitórias e de celebrar a vida. Nesse sentido, é uma tecnologia do cuidado, pois proporciona a transformação do desequilíbrio em homeostasia. A roda procede de modo que todos os participantes têm a possibilidade de expressar seus sentimentos e emoções, principalmente compartilhando as experiências de superação promovendo a ressignificação das vivências e sofrimentos (BARRETO, 2008; BUZELI, COSTA, RIBEIRO, 2013; JATAI, SILVA, 2012).

A TCI tem sido realizada na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) como um projeto de extensão da Faculdade de Enfermagem desde 2010, com a finalidade de proporcionar um espaço de escuta e de acolhimento para grupos de diversos contextos como estudantes universitários, pessoas hospitalizadas, pacientes e familiares de ambulatórios, unidades de hemodiálise, escolas, grupos de idosos, grupos de trabalhadores, em eventos, etc. Atualmente, no seu desenvolvimento, tem a participação de estudantes dos cursos de Enfermagem, Psicologia e Licenciatura em Música, vinculados ao grupo PET Conexões de Saberes “Universidade, Saúde e Cidadania UFMT”.

Este artigo tem como objetivo relatar a forma como a TCI se realiza e apresentar uma reflexão sobre os seus benefícios para os estudantes participantes do projeto de extensão na UFMT, tanto para aqueles que são o seu público-alvo como para os que o executam.

Metodologia

Trata-se de um relato de experiência e uma reflexão a partir da vivência das autoras em um projeto de extensão que desenvolve a TCI como prática de cuidado para estudantes universitários da UFMT, no período compreendido entre os meses de junho de 2012 a abril de 2014.

Primeiramente, apresenta-se um relato de como a TCI se realiza na prática na Universidade e, em seguida, apresenta uma reflexão sobre os seus benefícios para os estudantes participantes do projeto na UFMT, tanto para aqueles que são o seu público-alvo como para os que executam o projeto.

Como fonte de informações, a respeito dos benefícios do projeto para os estudantes participantes, foram utilizados os registros das rodas de TCI realizadas na UFMT nesse período.

O estudo faz parte do “Projeto de extensão em interface com a pesquisa: formação de terapeutas comunitários, assistência à saúde estudantil e pesquisa-ação”, cadastrado no Sigproj sob o protocolo número 43661.263.8212.08032010. Também foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Universitário Júlio Muller da Universidade Federal de Mato Grosso, sob o protocolo nº 817/CEP-HUJM/2010.

A TCI na UFMT

O projeto de extensão da TCI vem sendo realizado na UFMT a partir da percepção da necessidade de se estabelecer um espaço de apoio e cuidado com a saúde mental dos estudantes e da comunidade.

Os participantes são recebidos em uma sala de aula previamente arrumada com cadeiras dispostas em círculo e ambiente descontraído, com música alegre e petiscos. A TCI tem início pontualmente no horário divulgado, sendo coordenada por um terapeuta comunitário e uma co-terapeuta. Em geral, essa dupla de terapeutas é composta por uma estudante bolsista e pela coordenadora do projeto, a qual é terapeuta formada e certificada pela Associação Brasileira de Terapia Comunitária.

A TCI é realizada de modo sistematizado nas seguintes etapas: acolhimento e dinâmica, escolha do tema, contextualização, problematização ou compartilhamento de experiências e encerramento.

A terapia começa com o **acolhimento** desde a entrada dos participantes na sala. Estes são acolhidos com música e saudações, de forma que se sintam a vontade e confortáveis no ambiente. Em sequência, começam as apresentações com uma dinâmica para o aquecimento e interação dos presentes. Então, a terapeuta apresenta e sintetiza o que é a TCI e discorre sobre as regras para o bom funcionamento da roda, sendo elas: falar utilizando a primeira pessoa do singular, sempre usando eu; fazer silêncio e respeitar o outro que está falando; não julgar, não dar conselhos, não fazer sermões ou discurso; propor músicas, provérbios, piadas, pequenas histórias ou ditados populares caso tenha sentido com o contexto ou assunto em discussão (BARRETO, 2008).

Em seguida, ocorre o momento da **escolha do tema**. É o momento durante o qual as pessoas são convidadas a se expressar, caso queiram, ficando a roda aberta para o grupo apresentar, de forma breve, seus sentimentos, aqueles que tiram o sono, suas angústias, os problemas ou situações que geram preocupações. Também, é um momento no qual as pessoas podem celebrar conquistas, datas importantes, dentre outros. Ou seja, na TCI as pessoas podem falar aquilo que sintam vontade de compartilhar. Em seguida, os participantes devem eleger o tema que mais sensibilizou ou tocou a maioria das pessoas (BARRETO, 2008).

Na fase da **contextualização**, é aberto para a pessoa cujo tema foi escolhido, a explicitar o problema ou a situação apresentada, detalhando as emoções guardadas. Nesse momento, todos os participantes, inclusive os terapeutas, podem fazer questionamentos para ajudar a esclarecer o problema escolhido, entender, organizar as ideias, disponibilizando expectativas para a mudança. Normalmente, esse momento é muito especial, durante o qual acontecem sinergias e trocas de experiências. Junto a isso, a proposição de músicas é fundamental para trazer alegria para o grupo. Assim, valorizando o potencial e o apoio coletivo, a terapeuta lança um mote que é uma pergunta chave para a reflexão das pessoas. Nesse momento, todos, com sua experiência e sabedoria, podem expressar a sua história relacionada com o mote e relatam suas estratégias de superação ou resolução dos problemas (BARRETO, 2008).

A fase da **problematização** tem a função de buscar, nas experiências do grupo, o amparo de quem já passou por uma situação parecida, promovendo, então, a resiliência do ser humano (BARRETO, 2008).

No **encerramento** da roda, a terapeuta solicita para todos darem as mãos, proporcionando um clima afetivo em que as pessoas se sintam apoiadas. É o momento de agradecer a participação de todos, mas, principalmente, da pessoa que teve o seu problema escolhido. Nesse momento, a terapeuta promove a conotação positiva, com palavras que valorizem a pessoa, suas virtudes e sua força no enfrentamento da situação. Na sequência, a terapeuta pede para o grupo dizer aquilo que mais tocou e o que cada um está levando da TCI naquele dia. A roda termina com dinâmicas, agradecimentos e o chamamento para todos participarem das próximas rodas de TCI (BARRETO, 2008).

Benefícios da TCI para os estudantes participantes

Em vivências com a aplicação da TCI com os estudantes, foi possível constatar que esta proporciona um espaço de escuta, mas também um suporte de cuidado e de acolhimento para os mesmos diante de suas experiências e de seus sofrimentos.

O quadro 1 apresenta os principais temas trazidos pelos participantes em 14 rodas de TCI realizadas na UFMT, no período de junho de 2012 a julho de 2014.

TEMAS

Impotência diante da violência
 Tristeza por separação e traição no namoro
 Preocupação com drogas na família
 Impotência diante de problemas de adolescentes da comunidade
 Preocupação com a saúde da filha pequena
 Alegria pela derrota do time adversário
 Angústia pela sobrecarga de atividades da Universidade
 Tristeza pela falta de companheirismo dos colegas
 Aflição com a sobrecarga de tarefas do fim de semestre
 Tristeza pela transferência da amiga para outra universidade
 Felicidade por seus sonhos realizados
 Felicidade por receber amigos em sua casa
 Angústia pela dificuldade de socialização
 Angústia com o TCC
 Preocupação com a saúde da mãe

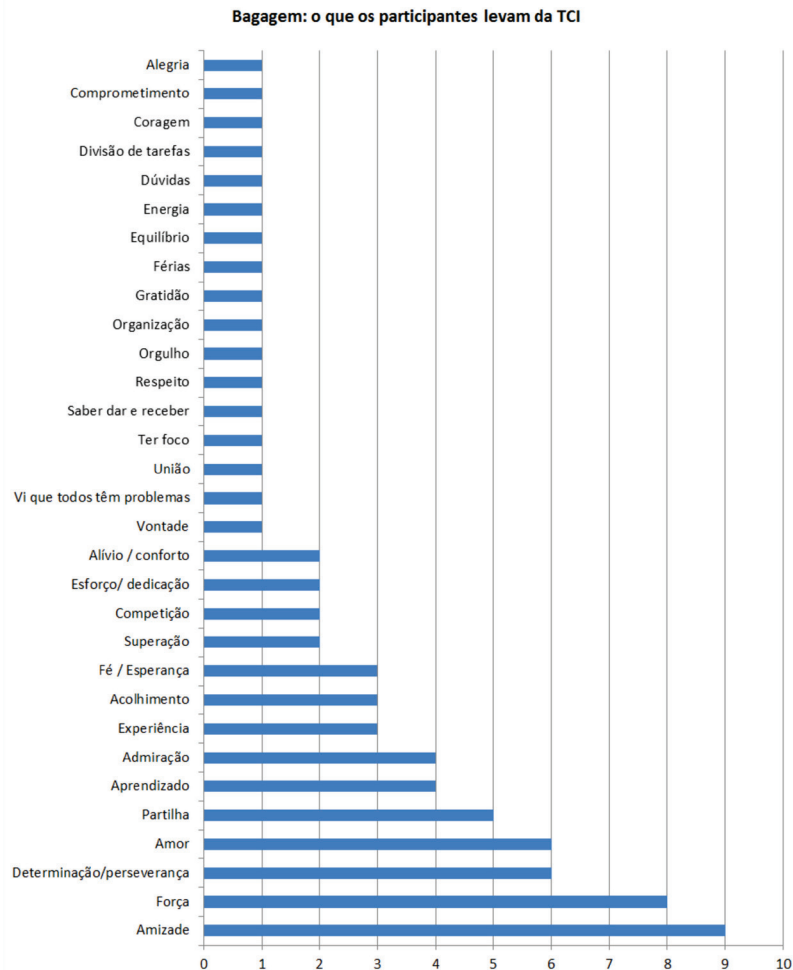
Quadro 1:
 Temas
 trazidos pelos
 participantes
 das rodas de TCI
 realizadas na
 UFMT. Cuiabá,
 junho de 2012 a
 julho de 2014.

A TCI promove um espaço onde todos podem expressar suas angústias e aquilo que está incomodando emocionalmente, estabelecendo, então, possibilidades de fortalecimento, crescimento e de revigoração (BARRETO, 2008).

Isso pode ser demonstrado pelas expressões (verbais e não verbais) dos estudantes no momento de encerramento da TCI.

O quadro 2 apresenta a chamada “bagagem”, que significa aquilo que mais marcou a pessoa após a participação na roda de TCI. Essa “bagagem” é apresentada pelos participantes no momento do encerramento da roda, quando a terapeuta solicita aos participantes que digam, em uma palavra ou expressão, aquilo que está levando da TCI naquele dia.

Quadro 2:
 “Bagagens”
 referidas pelos
 participantes
 das rodas de TCI
 realizadas na
 UFMT. Cuiabá,
 junho de 2012 a
 julho de 2014.



Nossa experiência está em concordância com o estudo de Buzeli et al (2012), que demonstrou a efetividade da TCI para a promoção da saúde de estudantes universitários. O referido estudo também evidenciou a importância da TCI

“como uma prática para o fortalecimento e criação de vínculos entre a comunidade acadêmica, pela constituição de redes solidárias entre os estudantes, por ser um espaço de fala e de escuta de seus sofrimentos, de valorização de sua vida e de suas potencialidades, de promoção da auto-estima e de estímulo ao desenvolvimento de uma consciência democrática e cidadã” (BUZELI et al, 2012).

Acreditamos, assim como Rojas (2011), que a TCI representa uma importante estratégia de cuidado para estudantes universitários o que, certamente, poderá favorecer o seu bem-estar e, conseqüentemente, seu processo de aprendizagem e desempenho acadêmico.

Nos encontros semanais realizados na Universidade, pudemos observar que cada roda tem uma característica, dinamizando experiências e emoções diferentes, o que está em concordância com Rocha (2009), para a qual a TCI possibilita essa diversificação devido à cultura e sabedoria rica que cada pessoa possui.

Percebemos também, a transformação dos participantes. Em geral, costumam chegar com a aparência triste, preocupada, cansada ou com certa timidez e, no encerramento, demonstram alegria e autoconfiança. A TCI tem conseguido ainda, favorecer a autonomia dos estudantes estabelecendo a formação de redes solidárias.

Vivência como estudantes participantes do projeto TCI

A transição de estudante participante para “terapeuta em formação” foi um processo gradativo e evolutivo, possível devido à participação em diversas rodas de TCI realizadas pelo projeto em diversos ambientes, à orientação da tutora/terapeuta comunitária e com os estudos sucedidos para a fundamentação teórica.

Deste modo, o espaço da Faculdade de Enfermagem onde começamos os primeiros passos, possibilitou o amadurecimento e crescimento de cada participante do projeto, bem como proporcionou a superação da timidez, do nervosismo, do medo e da insegurança do grupo. Essas transformações foram emanadas pelo apoio da tutora e de cada participante do projeto, mas, também, pela própria metodologia da TCI pela sua característica de promover o fortalecimento e a autonomia pela partilha de experiência.

Barreto (2008) afirma que a TCI é um espaço que potencializa a transformação corroborando com a autoestima e autoconfiança e o fortalecimento pessoal e social. Desta maneira, o processo de apropriação das técnicas possibilitou a autonomia e a segurança para realizar a TCI fora das paredes da universidade, sendo que estamos levando a TCI para comunidades, unidades básicas de saúde e hospitais.

Conclusão

Concluimos que a TCI se confirma como uma prática efetiva para o cuidado à saúde mental dos estudantes universitários e comunidade, visando a sua integração, bem como a prevenção e promoção a saúde, fornecendo apoio emocional e encorajamento para a vida acadêmica.

Também destacamos a importância da TCI como um instrumento fomentador do protagonismo dos estudantes, sendo que recomendamos a continuidade do projeto e a sua ampliação para outros cursos e/ou outras realidades.

Referências

- BARRETO, A. **Terapia Comunitária passo a passo**. Fortaleza: Gráfica LCR; 2008.
- BUZELI, Cintia Poletto; COSTA, Aldenan Lima Ribeiro Correa da; RIBEIRO, Rosa Lúcia Rocha. Promoção da saúde de estudantes universitários: contribuições da terapia comunitária. **Revista Eletrônica Gestão & Saúde**. v.3, n.1, 2012. p. 608-619. Disponível em: <<http://www.gestaoesaude.unb.br/index.php/gestaoesaude/article/view/151/pdf>>. Acessado em: 05 de dezembro de 2013.
- JATAI, José Martins.; SILVA, Lucilane Maria Sales. Enfermagem e a implantação da Terapia Comunitária Integrativa na Estratégia Saúde da Família: relato de experiência. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 65, n.4, jul/ago 2012. p. 691-695.
- ROCHA, Ianine Alves et.al. A terapia comunitária como um novo instrumento de cuidado para saúde mental do idoso. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 2, n.5, set/out, 2009. p. 687-694.
- ROJAS, Marta Fuentes. Psicologia e Saúde: A Terapia Comunitária como Instrumento de Sensibilização para o Trabalho com Comunidades na Formação do Psicólogo. **Psicologia: ciência a e profissão**, v. 31, n.2, 2011. p. 420-443.

Nota:

- [1] Trabalho desenvolvido no âmbito do Programa de Educação Tutorial/PET Conexões de Saberes “Universidade, Saúde e cidadania” - UFMT, financiado pela CAPES/FNDE/Ministério da Educação.



O PROJETO MAQUETE: A CIDADE, AS VIVÊNCIAS E SUAS REPRESENTAÇÕES PARA UM GRUPO DE USUÁRIOS DO CAPS AD DE CUIABÁ¹

Vera Lúcia Blum RESUMO

Professora Associada I do Departamento de Psicologia da UFMT/Cuiabá. Endereço para correspondência: Vera Blum.

Rua Cursino do Amarante, 1184. CEP: 78043-390. Cuiabá – MT Telefones: (65) 33225214 e (65) 84751581. E-mail: vera-blum@terra.com.br

Paola Biasoli Alves

Professora Adjunta III do Departamento de Psicologia da UFMT/Cuiabá.

Denise Ferreira França

Graduada em Medicina – UFMT/Cuiabá.

Vânia Monteiro de Menezes e Nayara

Karoline Correa Pereira

Graduadas em Psicologia – UFMT/Cuiabá.

Este artigo traz o relato do Projeto de Extensão, denominado Maquete, executado durante os meses de outubro de 2011 a março de 2012, na vigência do PET-Saúde/Saúde Mental/Crack, álcool e outras drogas. O projeto foi realizado em parceria com a equipe multiprofissional do CAPS Álcool e Drogas (CAPS AD) do Centro Integrado de Atenção Psicossocial Adauto Botelho (CIAPS Adauto Botelho) de Cuiabá. A ação consistiu na construção de uma maquete sintetizada da cidade de Cuiabá, com foco na representação lúdica de equipamentos que formam a rede de atenção psicossocial à saúde, de dispositivos de lazer e cultura, e na representação de vivências de cenas urbanas escolhidas pelos participantes da oficina. O desenvolvimento do projeto se deu por meio de oficinas realizadas junto à equipe e aos usuários do CAPS AD em Cuiabá. Com a maquete procurou-se dar visibilidade à rede psicossocial de atenção à saúde em Cuiabá, com a identificação, na concretude de sua representação, de seus pontos fortes e fracos. A cidade vivenciada pelos participantes é atravessada pela violência e carência de dispositivos que assegurem a cidadania. Foi frequente a comparação entre a cidade atual e a do passado, principalmente em relação à degradação ambiental. As narrativas apontam uma realidade em que os espaços de socialização são permeados pela presença das drogas. Ao se propor também como uma atividade terapêutica, o projeto Maquete pode proporcionar aos seus participantes a construção de narrativas sobre a história da cidade onde vivem e sobre suas próprias vivências, de modo que cada participante pudesse entrar em contato com a cidade que o habita. Esse procedimento possibilita, embora não a assegure, a passagem do sujeito de uma posição de vítima das circunstâncias para a posição de testemunha que, em meio à vida na cidade, narra em primeira pessoa o que observa nela se passar.

Palavras-chave: maquete; cidade; Cuiabá; vivências; CAPS-ad.

RESUMEN

Este artículo presenta el relato del Proyecto de Extensión, denominado Maqueta, ejecutado durante los meses de Octubre de 2011 a marzo de 2012, en vigencia del PET-Salud Mental/Crack, alcohol y otras drogas. El proyecto fue realizado en compañía con el equipo multiprofesional del CAPS Alcohol y Drogas (CAPS AD) del Centro Integrado de Atención Psicosocial Adauto Botelho (CIAPS Adauto Botelho) de Cuiabá y con la participación de sus usuarios y familiares. Este trabajo consistió en la construcción de una maqueta sintetizada de la ciudad de Cuiabá teniendo como foco la representación lúdica de unidades que forman la red de atención psicosocial de salud, de dispositivos de recreación y de cultura, y la representación de vivencias de escenarios urbanos escogidos por los participantes del taller. El desarrollo del proyecto se dió a partir de talleres realizados junto al equipo y a los usuarios del CAPS AD en Cuiabá. Con la técnica de la maqueta se procuró dar visibilidad a la red psicosocial de atención a la salud en Cuiabá, con la identificación, en la concretización de su representación, de sus puntos fuertes y sensibles. La ciudad en la que los participantes se desenvuelven está atravesada por la violencia y por la carencia de dispositivos que aseguren la ciudadanía. Fue frecuente la comparación entre la ciudad actual y la del pasado, principalmente en relación a la degradación ambiental. Las narrativas exponen una realidad en la que los espacios de socialización están permeados por la presencia de drogas. Al proponerse también como una actividad terapéutica, el proyecto Maqueta puede proporcionar, a sus participantes, la construcción de narrativas sobre la historia de la ciudad donde viven y sobre sus propias vivencias, de modo que cada participante pueda entrar en contacto con la ciudad que habita. Ese procedimiento posibilita, aunque no asegura, el paso del sujeto de una posición de víctima de las circunstancias para la posición de testigo que, en medio de la vida de la ciudad, narra en primera persona lo que observa acontecer en ella.

Palabras claves: maqueta; ciudad; Cuiabá; vivencias; CAPS-ad.

Introdução

Os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) são dispositivos da rede de atenção à saúde mental, integrados ao Sistema único de Saúde (SUS), os quais têm por princípio lidar com a pessoa e não com a doença. Entende-se que aquilo de que sofre a pessoa não se limita aos seus sintomas, pois esses estão estreitamente relacionados com o contexto de vida singular do sujeito, que tem uma história de vida e está inserido em um determinado contexto, com o qual estabelece laços sociais, satisfatórios ou não. Tratar o sujeito significa também cuidar de sua inserção social, a começar com a criação de vínculos afetivos e profissionais no próprio espaço do CAPS, de modo que ele se sinta realmente ouvido e cuidado. Para tanto, os CAPS costumam dispor de uma equipe multiprofissional que se compõe não apenas de profissionais tradicionalmente relacionados ao campo da saúde, como terapeutas ocupacionais, médicos, enfermeiros e psicólogos, mas também de assistentes sociais, nutricionistas, músicos, artistas plásticos, artesãos, entre outros. No entanto, embora esse vínculo seja importante, ele não deve ser o único, e a inserção social do sujeito é um dos objetivos de qualquer tratamento desenvolvido no dispositivo, de forma que o usuário possa ser dele liberado tão logo tenha condições.

Um dos mais importantes princípios norteadores do CAPS é o seu funcionamento de base territorial. No contexto da atenção psicossocial, a noção de território não se restringe a uma

área geográfica, “o território é constituído fundamentalmente pelas pessoas que nele habitam, com seus conflitos, seus interesses, seus amigos, seus vizinhos, sua família, suas instituições, seus cenários (igrejas, cultos, escola, trabalho, boteco etc.)”. Constituir a rede significa, portanto, lançar mão de todos os recursos existentes no território, sejam eles “afetivos (relações pessoais, familiares, amigos etc.), sanitários (serviços de saúde), sociais (moradia, trabalho, escola, esporte etc.), econômicos (dinheiro, previdência etc.), culturais, religiosos e de lazer” (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2004, p. 11).

Quanto às modalidades de CAPS, eles podem ser classificados em CAPS I, II e III, CAPSi (infanto-juvenil) e CAPS AD (álcool e drogas):

CAPS I – municípios com população entre 20.000 e 70.000 habitantes, funciona de 8 às 18 horas, de segunda a sexta-feira.

CAPS II – municípios com população entre 70.000 e 200.000 habitantes, funciona de 8 às 18 horas, de segunda a sexta-feira e pode ter um terceiro período, funcionando até 21 horas.

CAPS III – municípios com população acima de 200.000 habitantes, funciona 24 horas, diariamente, também nos feriados e fins de semana.

CAPSi – municípios com população acima de 200.000 habitantes, funciona de 8 às 18 horas, de segunda a sexta-feira e pode ter um terceiro período, funcionando até 21 horas.

CAPS AD – municípios com população acima de 100.000 habitantes, funciona de 8 às 18 horas, de segunda a sexta-feira e pode ter um terceiro período, funcionando até 21 horas. A cidade de Cuiabá dispõe de cinco CAPS, além de nove Residências Terapêuticas onde residem 64 pessoas provenientes de internação de longa permanência nos hospitais psiquiátricos desativados da cidade, quatro ambulatórios que atendem adultos com transtornos psicóticos, neuróticos ou de humor e usuários de substâncias psicoativas e um ambulatório que atende crianças e adolescentes com transtornos psicóticos, neuróticos ou de humor (Secretaria Municipal de Saúde de Cuiabá [SMSC], 2010).

Os CAPS III, que diferem dos CAPS I e II por funcionar 24 horas, inclusive nos finais de semana e feriados, também oferecem leitos para pacientes em observação, que podem ser utilizados “nas situações de grave comprometimento psíquico ou como um recurso necessário para evitar que crises emergjam ou se aprofundem” (Ministério da Saúde, 2004, p. 19) e visam a evitar a internação psiquiátrica, com a permissão de permanência de, no máximo, sete dias corridos ou de dez dias intercalados no período de 30 dias. A inexistência desse dispositivo na cidade de Cuiabá sobrecarrega a demanda no hospital psiquiátrico e leva à contratação de serviços de terceiros a expensas do SUS.

A presença de CAPS nas quatro regiões da cidade pode levar a uma ideia equivocada de que os serviços estão distribuídos de forma equitativa na cidade. Mas não é o que ocorre de fato. Em Cuiabá, a existência de um único CAPS AD para adultos faz com que sua clientela seja proveniente da cidade inteira, de modo que os que não residam na região sul tenham que cruzar a cidade em busca do tratamento. O mesmo ocorre com dependentes químicos adolescentes, que devem se dirigir à região leste. A situação se repete em relação às crianças e adolescentes com transtornos psiquiátricos. Já os adultos com transtornos mentais têm (apenas) duas opções: uma na região norte e outra a oeste. No entanto, não é apenas a questão da acessibilidade que fica prejudicada quando a oferta de atendimento é insuficiente. É a própria noção de territorialidade que fica desarticulada. Quando o paciente tem que se tratar em um bairro distante do lugar onde ele habita, são as próprias relações vinculares com seu território, os laços sociais que poderia nele

formar, que sofrem prejuízos. Consequentemente, o serviço acaba por funcionar sem a sua base territorial, tão cara ao modelo de atenção psicossocial.

A fim de dar visibilidade a essa situação, elaborou-se o projeto de extensão “Maquete/Lillipet: os CAPS e a rede de atenção à saúde em Cuiabá”, cuja ação consistiu na construção coletiva de uma representação concreta da rede psicossocial de atenção à saúde, com o envolvimento dos usuários e profissionais dos CAPS. O projeto foi executado nos meses de outubro de 2011 a março de 2012, na vigência do Programa de Ensino pelo trabalho para a Saúde (PET-Saúde/Saúde Mental/ Crack, álcool e outras drogas). Ele foi realizado em parceria com a equipe multiprofissional do CAPS Álcool e Drogas (CAPS AD) do Centro Integrado de Atenção Psicossocial Adauto Botelho (CIAPS Adauto Botelho) de Cuiabá.

Durante a construção da maquete sintetizada da cidade de Cuiabá, privilegiou-se a dimensão lúdica da tarefa, de modo que não só os equipamentos que formam a rede de atenção psicossocial à saúde foram representados, como também tiveram lugar a representação de cenas urbanas escolhidas pelos participantes da oficina, retiradas de suas próprias vivências. O desenvolvimento do projeto se deu a partir de oficinas realizadas junto à equipe e usuários do CAPS AD em Cuiabá. Além da visibilidade dos pontos fortes e fracos da rede psicossocial de atenção à saúde em Cuiabá, nas oficinas buscou-se criar uma atmosfera propícia à elaboração das vivências afetivas dos participantes na cidade e à reflexão sobre os laços sociais que cada usuário constrói em seu território.

O produto final do projeto consistiu na representação, materializada em uma maquete, da cidade de Cuiabá, com alguns de seus equipamentos da rede de saúde pública e equipamentos de esporte, lazer e cultura. Além disso, foram muitos os “causos” e as memórias recuperadas, a compor uma narrativa coletiva das vivências na cidade.

O projeto Maquete sob três perspectivas

O ano de 2001 foi um marco para a história da saúde mental no Brasil, com a promulgação da Lei 10.216 que redirecionou todo o modelo assistencial em saúde mental. São, portanto, mais de dez anos de construção de um projeto de saúde mental, um projeto ousado, pensado em termos de rede, de cooperação, de integração, de intersetorialidade.

Desde o início se sabia da complexidade de tal projeto e da necessidade de um trabalho de construção, de tecer a rede, pois uma mudança de paradigma não se faz de uma hora para a outra. Dessa forma, o trabalho de consolidar essa rede está aí posto para todos os profissionais que nela atuam, exigindo um movimento contínuo feito no cotidiano dos serviços de saúde, que aumente a comunicabilidade entre as unidades do mesmo nível de atenção, e entre as unidades básicas de saúde e as da atenção secundária, entre os dispositivos desta e os da atenção terciária. Mas quando se fala em rede, o conceito não fica restrito aos dispositivos da assistência à saúde. O modelo de atenção psicossocial trabalha com o conceito de territórios e seus dispositivos buscam trabalhar com base territorial. No entanto, muito se ouve nos serviços sobre a incipiência da rede: não só os vínculos entre os diferentes níveis de atenção, mas também os vínculos com o território são frágeis ou inexistentes.

Uma das hipóteses que podemos levantar sobre a incipiência da rede é o fato de seus dispositivos não trabalharem com base territorial justamente porque seus territórios se tornam a cidade inteira. É uma demanda macro para um projeto cuja atuação deveria ser micro, focada,

com empecilhos que podem vir a inviabilizar a proposta. Por uma primeira perspectiva, que chamamos de apoio e incentivo à consolidação da rede, o Projeto Maquete se justificou por prever um levantamento dos recursos existentes no território e por procurar a parceria com esses dispositivos. Estabelecer esses laços é trabalhar na cosedura dessa rede.

A insuficiência dos dispositivos ofertados funciona como “furos na rede”, logo é necessário tornar esses furos visíveis não só para a população, usuários ou não-usuários da rede de assistência à saúde, mas também para os nossos representantes legais. A maquete tem um potencial de conscientização para todos esses grupos, uma vez que traz para o concreto aquilo que parece não estar sendo assimilado.

Piaget (1971,1974) propunha uma teoria do desenvolvimento cognitivo a partir de determinados estágios de modo que, no estágio operatório concreto, as operações mentais só atuam sobre objetos concretos e não sobre hipóteses. Para chegar a um raciocínio correto, o sujeito precisa da existência concreta dos exemplos ou materiais que ele utiliza para apoiar seu pensamento, de modo que possam ser observados e/ou manipulados no momento de sua elaboração. Quando o indivíduo atinge o ponto de equilíbrio do estágio operatório formal, o pensamento se torna livre das limitações da realidade concreta, podendo operar com hipóteses. A concretude da maquete trabalha nesse sentido do operatório concreto. Ao colocar no campo de observação da pessoa um material em que ela pode apoiar seu pensamento, ela pode chegar à formação de uma ideia mais clara da situação da rede de saúde em Cuiabá, com seus pontos fortes e suas fragilidades. É nesse sentido que o projeto se justificou de uma perspectiva política, por seu potencial para funcionar como um instrumento de conscientização, de denúncia e de reivindicação. Uma vez que se programem exposições em diferentes eventos, seja em comunidades, congressos científicos ou reuniões políticas, a maquete fala por si só, embora não diga tudo, incitando à reflexão, à discussão pública e a tomadas de ações.

De uma perspectiva clínico-terapêutica o projeto se justificou de dois pontos de vista. Primeiro: propôs que os participantes construíssem a maquete a partir de suas experiências afetivas com a cidade. Ao possibilitar que tocassem em conteúdos com carga emocional, tais conteúdos puderam ser elaborados ao darem forma e contorno às experiências emocionais por meio da confecção de objetos que os representassem. Segundo: propôs uma descoberta da cidade, não só daquilo que dela desconhecem, mas levando-os também a uma redescoberta do já há muito conhecido, de seus bairros de origem e suas histórias, com o incentivo da valorização dos recursos existentes e da ligação com esses lugares. É nesse segundo sentido que falamos de um “enraizamento” do sujeito no solo de seu território, aqui entendido como um conceito que está além da simples delimitação física. Território é um lugar vivo, constituído por comunidades formadas por pessoas e por todas as trocas que podem haver entre elas. Às vezes, por serem cotidianamente habitados, os lugares e suas relações acabam por ser vistos de forma tão naturalizada e familiar que acabam por se tornar invisíveis: estranhos.

Freud, em um texto de 1919, analisa justamente as relações entre o estranho (em alemão, *unheimlich*) e o familiar (em alemão, *heimlich*) e chama a atenção para o fato de que, aparentemente, uma é a negação da outra, levando-nos a crer que o estranho é o oposto do familiar. Ao buscar a definição dessas palavras, Freud (1919) descobre que entre os seus diferentes matizes de significado, a palavra ‘*heimlich*’ exibe um que é idêntico ao seu oposto, ‘*umheimlich*’. “Assim, o que é *heimlich* vem a ser *unheimlich*. (...) Em geral somos lembrados de que a palavra ‘*heimlich*’ não deixa de ser ambígua, mas pertence a dois conjuntos de ideias que, sem serem

contraditórias, ainda assim são muito diferentes: por um lado significa o que é familiar e agradável e, por outro, o que está oculto e se mantém fora da vista” (Freud, 1919, p. 243).

Os recursos de que se lança mão na maquete fazem com que o familiar seja por um momento o estranho, de modo que os olhares sejam desnaturalizados e possam ver o que não viam antes por sobrecarga de familiaridade. Ao mesmo tempo, tais recursos fazem com que o familiar não seja mais o estranho, no intuito de que a visibilidade recuperada propicie às pessoas o fortalecimento das suas ligações com seu território. Será útil também lembrar que, na produção dos objetos a compor a maquete, não esperávamos e tampouco almejávamos um resultado padronizado. São as vivências emocionais a dar o tom às produções. Vejamos o que Nise da Silveira (1981) disse a esse respeito:

“Além da distância física que existe entre o indivíduo e as coisas, diz Merleau-Ponty, há uma distância vivida que o liga às coisas significativas para ele. ‘O que garante o homem sadio contra o delírio ou a alucinação não é a sua crítica, é a estruturação do seu espaço (...). O que leva à alucinação é o estreitamento do espaço vivido, o enraizamento das coisas no nosso corpo, a vertiginosa proximidade do objeto’. E Binswager acentua que a experiência da espacialidade é essencialmente determinada pelo tom afetivo dominante no momento. O espaço adquire qualidades peculiares de acordo com o estado emocional do indivíduo: sensação de plenitude ou de vazio, de espaço amplo, iluminado, ou estreito, sombrio, opressor” (Silveira, 1981, p. 33).

A execução do projeto Maquete

Com o objetivo de propiciar a elaboração de vivências afetivas dos participantes e de favorecer a reflexão acerca dos laços sociais estabelecidos por estes em seu território, além de propiciar uma visão geral dos serviços da rede de atenção psicossocial ofertados na cidade, o projeto exigiu o desenvolvimento de uma metodologia própria.

A metodologia consistiu em uma etapa prévia de preparação da equipe com oficinas de sensibilização, nas quais foram trabalhadas dinâmicas de grupo que, posteriormente, compuseram o roteiro das oficinas. Uma das dinâmicas, denominada “batata-quente”, consistia na formação de um círculo com os participantes, que jogavam uma “bola” enquanto a coordenadora, de costas, marcava um ritmo batendo palmas. Quando esta parava de bater palmas, ela se virava e quem estava com a “batata-quente” em mãos era solicitado a responder uma pergunta em relação às suas vivências dentro de Cuiabá. As perguntas que compunham a dinâmica foram previamente formuladas e eram sorteadas no momento. Um fator importante para a dinâmica era a criação de um clima de suspense e de uma atmosfera até certo ponto ansiogênica, os quais foram produzidos com o fato de ninguém saber com quem estaria a “batata-quente”, nem qual pergunta lhe seria feita. Foram formuladas questões relativas ao lugar em Cuiabá a que não se quer voltar, ao lugar que mudou a vida do participante, ao lugar que este considera especial, aos lugares na cidade onde se sentia acolhido, aos lugares dos quais se sente falta, ao como se anda na cidade e o que se vê, aos lugares frequentados além do CAPS.

Como trabalho prévio, construiu-se uma base de isopor de nove metros quadrados com o mapa da cidade, posteriormente dividida em trechos, procurando seguir-se a lógica de territórios. O trabalho se deu sobre esses trechos, nos quais foram identificados e representados pontos e cenas urbanas significativos, escolhidos pelos participantes, seguidos de narrativas que puseram em cena suas vivências, identificações afetivas e impressões a respeito da cidade.

O Projeto Maquete foi apresentado aos usuários do CAPS AD em três assembleias, cobrindo o período da manhã, tarde e noite, apresentando-se a proposta com a base da maquete montada e fazendo-se o convite àqueles que dela quisessem participar. Houve então o engajamento, além de usuários, de alguns profissionais do CAPS, responsáveis pela coordenação de atividades regulares do Centro. Os horários e espaço dessas atividades foram cedidos para a realização do Projeto Maquete nos cinco encontros subsequentes. As oficinas foram realizadas com cinco grupos em dias e períodos diferentes. Tratavam-se, portanto, de grupos pré-existentes, que já se reuniam no CAPS para a realização de oficinas ou grupos operativos.

Cada encontro era conduzido por uma dupla de bolsistas do PET sendo que a uma cabia a tarefa de coordenar o grupo e à outra a tarefa de observar e registrar o que surgisse durante a oficina. Como instrumento de coleta de dados das oficinas, utilizamos o Diário de Campo, que consistiu em três registros: 1) fatos observados no decorrer da oficina com destaque para os que causam estranhamento ao observador; 2) explicitação do estranhamento e se ele é de ordem cognitiva, afetiva ou social e 3) uma proposição teórica para interpretar o fato destacado. Em cada encontro era pedida aos participantes a autorização para que se fizessem os registros, de forma anônima. A condução da oficina também contava com o trabalho de supervisão de professoras tutoras do PET que, a cada encontro, reuniam-se com as bolsistas para avaliar o desenvolvimento da atividade e traçar diretrizes para o encontro seguinte. Dessa forma, criou-se, a partir do segundo encontro, uma metodologia que consistia em ler para os participantes algumas das anotações feitas no encontro anterior, em uma espécie de devolutiva de suas narrativas. A partir desse segundo encontro, os participantes eram incentivados a escolher trechos da cidade sobre os quais quisessem trabalhar. Para possibilitar a operacionalização dessa etapa, a base da maquete havia sido construída em peças, correspondentes a trechos da cidade que agregavam bairros vizinhos, como um grande quebra-cabeça. A partir da eleição desses trechos, os participantes eram convidados a construir com *biscuit* e outros materiais aquilo que lhes parecesse significativo e a criar narrativas a partir dessas representações, que eram compartilhadas com o grupo ao final de cada encontro.

Realizados os cinco encontros de cada grupo, marcou-se com os usuários um dia em que seria realizado um encontro para fechamento da maquete, quando esta seria montada como um todo e seriam fixados os elementos construídos em todos os grupos. Tal encontro foi realizado em três períodos, abarcando os públicos da manhã, tarde e noite. Dessa forma, cada um poderia partilhar também das experiências dos outros grupos, que estavam trabalhando sobre o mesmo projeto, em uma multiplicidade de visões e narrativas sobre a cidade.

A experiência com o grupo matutino de quinta-feira

Com um total de cinco encontros, o grupo matutino de quinta-feira foi constituído por usuários que participavam do grupo operativo de orientação social, uma atividade desenvolvida semanalmente no CAPS AD. Para a realização do projeto, esse tempo foi cedido à realização das oficinas de maquete, contando com a participação e apoio do técnico que coordenava a atividade. Contava com a participação de homens e mulheres de diversas faixas etárias, que estavam em tratamento no CAPS AD devido a diferentes níveis de envolvimento com o álcool e outras drogas.

As atividades dos primeiros encontros iniciavam sempre com a montagem da base da maquete, no espaço da sala onde se desenvolvem atividades grupais no CAPS AD. No

primeiro encontro, a base da maquete funcionou exatamente como um quebra-cabeça, no qual os participantes procuravam se referenciar mais no encaixe do contorno das peças do que na continuidade das imagens destas (neste caso, avenidas, ruas e parques representados na planta). Após a montagem, seguiu-se um momento de reconhecimento de referenciais na cidade, estando os participantes interessados em localizar no mapa os bairros onde moravam, trabalhavam, transitavam. Esse primeiro momento de contato com o mapa inteiro da cidade era constantemente permeado por um espanto frente às distâncias que eles estavam acostumados a percorrer, sem se dar conta disso em termos espaciais. Era comum o relato sobre as dificuldades de acesso, por exemplo, ao CAPS AD, com muitos de seus usuários precisando fazer trajetos que implicavam em cruzar a cidade de ponta a ponta, muitas vezes de ônibus ou de bicicleta. O que antes só era sentido em termos de tempo gasto para a locomoção, durante a execução do projeto passou a ser vivido também como experiência cognitiva do espaço de Cuiabá como um todo e das distâncias percorridas.

Após a montagem da maquete e o reconhecimento do espaço de Cuiabá, foi feita a dinâmica da “batata quente”, na qual surgiram muitas falas sobre a falta de uma estrutura básica que garanta um mínimo de qualidade de vida. Nesse sentido, emergiram relatos sobre problemas de energia elétrica e abastecimento de água, com soluções no mínimo criativas e solidárias para driblá-las. Os moradores de bairros mais carentes trouxeram ao grupo sua experiência de viver sem energia elétrica por não poder arcar com os custos da conta, e de compartilhar a água com o vizinho, ou servir-se da água deste, porque há rodízio no abastecimento da rua. Junto a essas discussões, eram trazidos à tona experiências da vida de cada um, como o conflito criado em família para que se economize luz e água, e a constatação da situação de antes ser o filho que ouvia a necessidade de economizar e hoje ser o pai que exige a economia de energia. Outro ponto de carência é relativo ao transporte público, incipiente ou inexistente em várias localidades e suas cercanias, a qual os participantes identificaram como um descaso dos governantes em relação aos bairros mais carentes.

Muitos dos relatos deram notícia também da atmosfera de violência vivenciada pelos participantes no seu cotidiano. Segundo os relatos, paira no ar a sensação de insegurança e de impotência frente à violência, que pode tomá-los de assalto, a qualquer momento. Isso os leva desde a uma atitude de “entrincheirar-se em casa”, servindo-se de trancas e fechaduras, até a uma abdicação de fruir a cidade. Em um dos relatos, um participante contou que ele costumava ir a praças e cinemas como atividades de lazer, mas desiste delas depois de ser recorrentemente assaltado. Outros trazem a insegurança sentida perante a violência no trânsito e relatam uma Cuiabá onde o pedestre não pode caminhar tranquilamente, não encontra faixas de pedestres a distâncias razoáveis e às vezes tem de andar quilômetros para encontrar uma passarela que o permita cruzar grandes avenidas.

As questões funcionaram como disparadores de narrativas a respeito de como se vive na cidade. Mas não raro, elas levaram a reflexões de cunho mais existencial. Uma resposta dada que nos surpreendeu se referia à pergunta: “Fale sobre um lugar em que você não quer mais voltar”. A resposta do participante foi: “a beber”. Enquanto nossa expectativa era a de uma resposta que apontasse uma localização na cidade, a resposta veio falar de uma posição subjetiva. O estranhamento que a resposta nos causou foi ao mesmo tempo em nível cognitivo e afetivo. Isso evidenciou o quanto a questão do lugar pode ser simbólica para o sujeito e que os níveis de existência não são nunca distintos, separáveis em “caixinhas”. Na experiência viva da cidade, lugares espacial, subjetivo e social sempre estão mesclados.

As perguntas nesse grupo foram também disparadoras de muitas lembranças. Talvez isso se tenha dado pelo perfil do grupo, que reunia pessoas mais velhas, na faixa dos 50 e 60 anos. E os mais novos, na faixa dos 30 anos, mostravam certo interesse e curiosidade pelas lembranças e referências a uma Cuiabá antiga que eles próprios não vivenciaram. Nos que tinham essas memórias, era possível identificar um tom de saudosismo no seu discurso, certa nostalgia de uma Cuiabá idílica. O mais interessante é que esse tom nostálgico parecia passar também ao discurso dos que não viveram na “Cuiabá de antigamente”, como se todos ali naquele grupo, de repente, quisessem ter a experiência de uma cidade ideal, sem violência, calma, paradisíaca, com a natureza abundante a oferecer seus frutos, com o rio a oferecer seus peixes. Essa atmosfera saudosista pairou sobre grande parte dos encontros do grupo. Os participantes produziram narrativas sobre a falta que sentem de alguns locais (praças que já não mais existem, igrejas que foram demolidas, etc.). Alguns locais ainda existem, mas não da forma como foi vivenciada no passado. Trata-se de parques que passaram por remodelações urbanas e agora já não são mais sentidos como convidativos para que se os frequentem, rios que foram canalizados em grandes trechos, feiras livres, lugar onde importava mais o encontro e a troca existente nas relações humanas do que as trocas comerciais. A retomada de conteúdos da infância foi constante, com relatos sobre brincadeiras comuns (brincadeiras de roda, piquelatinha, batata-quente, passanel, bolita). O grupo trouxe muito da história de Cuiabá, de seus aspectos sociais e culturais, contando lendas (saci-pererê, o “minhocão”), ressaltando a cultura cuiabana, falando da culinária e seus apetrechos (o peixe assado, a farofa de banana, o caldinho de piranha, o guaraná ralado, a grosa, o pilão), dos artesanatos (a cerâmica de São Gonçalo, as redes de tapeçaria), falando de danças e ritmos típicos como o siriri, o cururu, o rasqueado, o vanerão, o lambadão, falando de seus instrumentos (a viola de cocho, o ganzá, o mocho). Para o grupo, muito se perdeu da tradição cuiabana. Uma discussão interessante que surgiu no grupo foi sobre “o que deve e o que não deve” ser considerada cultura cuiabana. A questão surgiu com o tema do lambadão, uma dança que faz uma espécie de sincretismo entre a lambada e os ritmos da terra, como o vanerão. Na opinião de alguns, o lambadão não deveria ser considerado da cultura cuiabana, pois se trata de uma dança que surgiu nos cabarés, com forte apelo sexual, numa desvirtuação do original. Para outros, no entanto, trata-se de cultura cuiabana sim, e o fato de ter surgido nas zonas de meretrício ou de ser uma transformação de um ritmo mais tradicional não diminuem em nada o seu valor.

Esse grupo especialmente demorou em passar do puro discurso à execução das representações plásticas. A escolha foi por um único trecho da maquete, a peça que continha o bairro do Porto, um dos mais antigos da cidade e onde se situa boa parte das manifestações culturais da cidade (museus, aquário municipal, feiras, comunidades que cultivam as tradições culturais da cidade).

Considerações finais

O fato de o grupo matutino de quinta-feira ser um grupo pré-existente de orientação social, no qual são discutidas questões relativas às cidadania e cultura, parece ter impingido ao trabalho da maquete realizado uma direção de resgate de uma identidade cultural, com renegação de conteúdos agressivos que haviam emergido durante as narrativas. Lado a lado com a constatação de uma deterioração da cidade, em termos ambientais e sociais, emergia uma preocupação em

levantar os pontos positivos da cidade, e nas representações plásticas não entrou nada de “feio”, “degradado” ou “violento”. A cidade construída pelos participantes foi uma cidade reparada, e de certa forma também parada no tempo.

Causou-nos algum estranhamento certa característica desse grupo em relação a nós, bolsistas e tutoras do PET, que às vezes éramos referidas como “pessoas de fora”. É como se o grupo tivesse uma forte identidade grupal e se esforçasse por receber bem as estrangeiras, “porque às vezes as pessoas de fora também podem trazer coisas boas”.

Consideramos que o trabalho realizado pelo grupo propiciou o contato dos participantes com suas vivências afetivas da cidade, especialmente pelo trabalho de rememoração de cenas do passado. Em certos momentos, foi constatado pelos participantes que atividades lúdicas e plásticas podem levá-los a descobrir, ainda que “mais tarde na vida”, gostos e inclinações artísticas antes insuspeitadas. O trabalho teve muitos traços de reconstrução de uma Cuiabá de outrora, gesto que, do ponto de vista psicanalítico, pode ser interpretado como um esforço do grupo de remir a culpa por danos cometidos, sejam eles reais ou imaginários.

O objetivo de favorecer a reflexão acerca dos laços sociais estabelecidos pelos participantes em seu território foi também parcialmente alcançado. Dizemos parcialmente porque os participantes primaram por valorizar o que a cidade oferece em termos culturais e humanos, mas, ao mesmo tempo, tudo pareceu acompanhado de uma lamentação pelo passado perdido, como se hoje não fosse possível manter uma qualidade de relações e laços sociais comparáveis à qualidade que se tinha no passado. Os participantes nos deram uma impressão de descrença nas relações atuais, uma quebra de confiança no presente e no humano, difícil de ser reconquistada.

Mal houve espaço no grupo para se trabalhar o objetivo de propiciar uma visão geral dos serviços da rede de atenção psicossocial ofertados na cidade, pela própria circunscrição a um único bairro da cidade pelo qual o grupo optou. A homogeneidade da escolha do trecho a se trabalhar foi algo que de certa forma nos surpreendeu, pois esperávamos que cada participante escolhesse pontos da cidade que estivessem mais ligados às suas vivências. Nossa hipótese é de que o grupo, por ser pré-existente à maquete e por ter um histórico de trabalhar questões de direito e cidadania, optou, ainda que irrefletidamente, por construir narrativas menos singularizadas e mais voltadas para o que podemos chamar de testemunho coletivo da vulnerabilidade social em que se encontram.

Referências

- FREUD, S. (1919). O Estranho. **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. Vol. XVII, pp. 235-69. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE. (2004). **Saúde Mental no SUS: os centros de atenção psicossocial**. Brasília – DF.
- PIAGET, J. (1971). **A formação do símbolo na criança. Imitação, jogo e sonho. Imagem e representação** (A. Cabral & C. M. Oiticica, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1964).
- PIAGET, J. (1974). **O nascimento da inteligência na criança** (A. Cabral, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1966).
- SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE DE CUIABÁ (SMSC). (2010). **Relatório da II Conferência Municipal de Saúde Mental Intersetorial de Cuiabá**. Cuiabá – MT.
- SILVEIRA, N. (1981). **Imagens do inconsciente**. Rio de Janeiro: Alhambra.

Nota:

[1] Este projeto foi parcialmente financiado pelo PET-Saúde/SM , do Ministério da Saúde, por meio da concessão de bolsas para os estudantes nele envolvidos.



PROGRAMA DE ESTUDOS DA ALTERIDADE E TRADUÇÃO¹

Henrique de Oliveira Lee RESUMO

Professor adjunto do
Departamento de Psicologia da
Universidade Federal de Mato
Grosso, Endereço: , E-mail:
holiveiralee@gmail.com

Camila Rodrigues Francisco e Marcelo Guedes dos Santos

Graduação em Psicologia, Univer-
sidade Federal de Mato Grosso.

O objetivo deste trabalho é, através deste artigo, explicitar a perspectiva pela qual o programa de extensão “Estudos da Alteridade e Tradução” aborda a questão da tradução. Para tanto, serão apontadas as principais contribuições teóricas que fundamentam uma abordagem interdisciplinar da teoria e da prática de tradução. Em seguida serão descritas sucintamente as duas ações que compõem o programa de extensão e seus resultados: 1) Um curso de extensão “Oficina de tradução problemas teóricos e práticos” voltado para professores de línguas em formação. 2) O projeto “Saberes Locais circulação global” que elaborou traduções de artigos acadêmicos e material bibliográfico.

Palavras chave: Teoria da tradução, Identidade cultural, publicações acadêmicas.

INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

A cooperação acadêmica internacional, especialmente nas últimas décadas, vem adquirindo fundamental importância junto às instituições de ensino superior brasileiras e estrangeiras. As universidades entraram no novo século, com o desafio de repensarem o seu papel diante da sociedade, como instituições que abrigam a multiplicidade de valores e de opiniões e que enfatizam o caráter universal do conhecimento. A mobilidade de estudantes, professores, pesquisadores e de gestores intensificam com muita voracidade os laços transnacionais, estabelecendo conexões e criando redes de saber universal. As redes de cooperação formadas pelas universidades aproximam as comunidades científicas de

diferentes partes do planeta, reforçando a premissa de que é no seio da universidade que devem ocorrer os grandes avanços científicos e tecnológicos e a efetiva integração dos povos, respeitando, acima de tudo, as diferenças e as especificidades de cada nação.

As Universidades públicas brasileiras desenvolvem políticas e ações estratégicas, principalmente nos níveis de planejamento institucionais, através de programas de mobilidade para estudantes e professores. No entanto, faz-se necessário também investir em ações de mediação cultural e tradução para aumentar a ressonância dos laços de cooperação criados pelas políticas de mobilidade. Uma tradução, seria desnecessário dizer, não é mera decodificação linguística de uma língua sobre outra. Daí a importância de articular estudos sobre tradução com os Estudos de Alteridade, pois o conhecimento sobre os sistemas culturais envolvidos na tradução são tão importantes quanto às competências propriamente linguísticas.

A tradução implica uma interpretação, uma perspectiva que é negociada em níveis e estratégias locais. Traduzir é negociar a passagem do sentido pela fronteira entre culturas diferentes. Ou seja, a tradução não pode ser reduzida à uma atividade técnica, mas considerada antes como um ato de apropriação cultural.

REFERENCIAIS TEÓRICOS SOBRE A TRADUÇÃO

A virada cultural

Após o assim denominado ‘cultural turn’ nos Estudos da Tradução, é lugar comum afirmar que a tradução excede em muito uma operação de ordem linguística. Nas palavras de Bassnett e Lefevere (1990, p. 8), “nem a palavra, nem o texto, mas a cultura torna-se a unidade operacional da tradução”.

Partir do princípio que a unidade de tradução é a cultura, implica ultrapassar a concepção de tradução como decodificação linguística de uma língua sobre outra. Daí a importância de articular estudos sobre tradução com os Estudos da Alteridade, pois o conhecimento sobre os sistemas culturais envolvidos na tradução são tão importantes quanto as competências propriamente linguísticas.

O processo tradutório constitui-se, pois, muito antes numa mediação entre culturas do que numa transposição linguística. Francis Aubert (1993), em sua tese de livre docência sobre tradução, afirma que vivenciamos o mundo através da linguagem, estabelecendo relações de intimidade com o mesmo, e isto pode ser feito de duas formas: a partir das redes associativas lexicais, morfológicas e fonológicas no interior da própria linguagem, que dão um tom muito particular a estas relações, ou a partir do uso de metáforas, que representam de muitas formas uma realidade extralinguística de cada cultura.

Aubert utiliza um exemplo para demonstrar como as figuras de linguagem utilizadas em duas culturas expressam um juízo equivalente. A expressão “neste angu tem carço”, encontraria uma tradução possível no dinamarquês na expressão que equivale a “há corujas no musgo”. O que podemos observar aqui é a existência de uma visão de mundo que se estabelece através da linguagem e que é generalizada no interior da sociedade. Tais modos de funcionamento da linguagem precisam ser levados em consideração na prática tradutória. Enquanto na língua portuguesa utilizamos termos que envolvem uma prática culinária (o angu), o dinamarquês recorre a um elemento destacado de um cenário da natureza (musgos), e ambas expressões são utilizadas para se referir a algo que se apresenta como homogêneo numa primeira impressão, mas que por meio de uma investigação mais atenta revela aspectos ocultos em meio a massa homogênea. Estas construções dizem muito sobre

a forma como cada uma destas línguas possibilitam uma estruturação do pensamento e um acesso ao mundo, no caso da expressão dinamarquesa a referência é exclusivamente visual (ver as corujas camufladas sob o musgo), ao passo que a expressão do português brasileiro refere-se a uma experiência tátil e gustativa (sentir os caroços no angu). Para Aubert a complexidade da tradução está associada ao fato de que uma intermediação entre línguas não se dá em um tempo e espaço físico estáticos. Ela tem que levar em consideração, além dos aspectos linguísticos, questões históricas, sociais e antropológicas. E todos estes aspectos encontram-se em sutil mas constante mutação.

A atividade da tradução nos leva a considerar que a língua parece ser algo estático, quando na verdade possui apenas uma estabilidade relativa, pois está em constante processo de transformação, cujos resultados são mais ou menos perceptíveis. Por exemplo, quando lemos um romance escrito em língua portuguesa do século XVIII e o comparamos um romance do século XX, as diferenças dos usos linguísticos, do vocabulário, da ortografia, tornam-se demasiado evidente. Dessa mesma maneira, uma série de pequenos acontecimentos linguísticos é um incessante gerador de diferenças ainda imperceptíveis, mas que podem cumular em diferenças tão perceptíveis quanto a dos dois romances mencionados anteriormente neste exemplo.

A consolidação de uma “virada cultural” no campo da tradução demandaria esforços para responder a algumas questões específicas que autorizam essa aproximação entre cultura e linguagem, por exemplo, como se define cultura e linguagem e de que maneira se descreve a natureza do seu vínculo?

Antropologia linguística: a língua como metafísica

Neste cenário de discussão sobre a cultura, entendemos que é necessária e interessante a discussão trazida pela Antropologia linguística. Na obra de Edward Sapir existe uma constante preocupação em demonstrar os modos pelos quais cada língua configura-se como um sistema perfeito e completo. Sapir recusava, terminantemente, a separação corrente de uma certa linguística “evolucionista” entre “línguas evoluídas” e “línguas primitivas”, pois suas observações o convenciam que cada língua constitui um sistema de pensamento e uma realidade própria e não apenas um novo sistema de denominações para objetos equivalentes. A hipótese que ficou conhecida como “hipótese de Sapir e Whorf” enuncia que cada língua abriga uma “metafísica”. O que significaria isso, “cada língua abriga uma metafísica”?

Para responder tal pergunta, faz-se necessário apontar algumas das características que diferenciam a Antropologia Linguística da Antropologia Cultura e da Linguística. Segundo Alessandro Duranti (1994), o que distingue o interesse da Antropologia Linguística não é apenas o interesse na linguagem, elemento compartilhado por sociolinguistas, dialetologistas e estudantes de línguas em geral, mas o foco na linguagem como um conjunto de recursos simbólicos que entra na fabricação de representações dos mundos factuais (reais) e possíveis (virtuais). Enquanto diversos antropólogos culturais continuam a ver a linguagem primariamente como um sistema de classificação e representação, os Antropólogos linguistas, por outro lado, enfatizam a visão da linguagem como “um conjunto de práticas que desempenham um papel fundamental na mediação de aspectos ideacionais e materiais na existência humana, desse modo a linguagem faz emergir formas específicas de estar no mundo” (Duranti, 1994, p. 27).

A esta forma específica de estar no mundo que Sapir e Whorf se referem ao dizer que cada língua abriga uma “metafísica”. Sapir enuncia as linhas gerais da hipótese Sapir-Whorf da seguinte maneira:

É ilusório imaginar que se possa ajustar da realidade essencialmente sem o uso da linguagem e que aquela linguagem é meramente um meio incidental de resolver problemas específicos na comunicação ou reflexão. O que de fato importa é que o “mundo real” é, em grande parte, inconscientemente construído sobre hábitos de linguagem do grupo. Não existem duas linguagens que sejam suficientemente similares para serem consideradas como representações de uma mesma realidade social. Os mundos em que diferentes sociedades vivem são mundos distintos, não meramente o mesmo mundo com etiquetas diferentes coladas. (Sapir [1929] 1949b: p.162, *tradução nossa*)

Em seguida Whorf estendeu a hipótese de Sapir enfatizando o acordo tácito implícito na linguagem que participa da construção de um senso de realidade e objetividade no seio de uma comunidade linguística. Tal construção da realidade se sustenta e reproduz-se por meio de aparatos institucionais que atuam codificando padrões.

Nós dissecamos a natureza pelos limites colocadas por nossas línguas nativas. As categorias e os tipos que nós isolamos do mundo dos fenômenos não encontramos os aí porque estão aí a encarar fixamente a cada observador; ao contrário, o mundo é apresentado em um fluxo caleidoscópico de impressões que têm que ser organizado por nossas mentes - e isto significa, mais especificamente, pelos sistemas linguísticos em nossas mentes. Nós cortamos a natureza, a organizamos em conceitos, e a atribuímos significados dessa forma, em grande medida porque somos participantes de um acordo que é mantido por todo nossa comunidade de falantes e codificado nos padrões de nossa língua. O acordo é, naturalmente, implícito e não firmado, mas seus termos são absolutamente obrigatórios; nós não podemos falar com todos exceto se nos submetemos à organização e à classificação dos dados que o acordo determina. (...) Nem todos observadores são conduzidos a mesma evidência física de um mesmo quadro do universo, a não ser que seus fundamentos linguísticos sejam similares, ou possam de alguma maneira ser calibrados. (Whorf, 1956, p.27, *tradução nossa*).

Esta citação de Whorf toca um importante aspecto da tradução que trata da possibilidade de “calibragem” entre duas línguas, sua capacidade de negociação mútua para permitir a passagem de sentido entre um sistema e outro.

A hipótese de Sapir-Whorf antecipa importantes desdobramentos do pensamento antropológico contemporâneo. Por exemplo, quando Bruno Latour fala da necessidade de uma “Antropologia simétrica” e questiona a partilha ocidental dos campos da natureza e da cultura, sua percepção se assemelha da hipótese que liga o sistema linguístico a uma metafísica e, em última instância, a uma ontologia. Latour argumenta que a natureza tem sido definido pelos ocidentais como uma dimensão objetiva do mundo, a qual os sujeitos, a linguagem e a cultura são exteriores, ou interpretações subjetivas deste substrato objetivo. O que este sistema permite, segundo Latour, é classificar todas as outras culturas numa espécie de museu antropológico, com exceção da nossa que desempenhará o papel de definir o que é a natureza. É neste papel atribuído a nossa cultura que reside nosso etnocentrismo mais sutil e insidioso, e a isto que Latour chama de “relativismo incompleto”, ou seja, nossa capacidade de reconhecer a diferença desde que assimilada a um esquema segundo o qual seja possível manter separadas as categorias natureza e cultura, estabelecendo um referente único e inequívoco para a primeira (Latour, 1994).

Níveis de tradução e o incessante movimento da língua

O linguista russo Roman Jakobson trouxe contribuições decisivas para os estudos da tradução, gostaríamos de destacar a sua concepção de níveis distintos de tradução que equivalem, em suma, a três maneiras de interpretar o signo verbal.

- A tradução intralingual ou *reformulação (rewording)* consiste na interpretação dos signos verbais por meio de outros signos da mesma língua.
- A tradução interlingual ou *tradução* propriamente dita consiste na interpretação dos signos verbais por meio de alguma outra língua.
- A tradução inter-semiótica ou *transmutação*, que consiste na interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não-verbais.

A partir dessas maneiras de interpretar os signos podemos examinar algumas das consequências que estas formas de tradução possuem sobre as concepções de linguagem. A tradução intralingual é o princípio, por excelência, do funcionamento da linguagem. Aliás, podemos mesmo supor que o que define uma linguagem é sua capacidade de redefinição de um de seus termos por meio de outros termos, fato que difere uma linguagem de um sistema de comunicação como o sistema de sinais de trânsito e a dança das abelhas, que estabelecem relações fixas e definidas entre os termos e seus referentes. Portanto, essa propriedade da linguagem de remeter constantemente um termo a outros termos apenas torna-se mais evidente no caso de uma tradução interlingual. Esta operação torna-se mais evidente pelo fato de podermos supor facilmente um limite claro entre dois códigos distintos na tradução interlingual, mas isso não significa que não possam existir códigos dentro do código. Traduzir uma gíria ou um jargão é considerada uma atividade de tradução intralingual no esquema de Jakobson, por exemplo, ao se traduzir ou explicar para um falante de língua portuguesa a expressão “picar a mula”, temos que considerar que se trata de uma expressão que apesar de construída sobre um mesmo código linguístico (língua portuguesa), o seu valor e forma de utilização podem ser distintos de acordo com um certo código social que se sobrepõe ao código linguístico, determinando a construção de sentido em torno de tal expressão. É a diferença que costumamos a descrever como denotação e conotação. Portanto, dentro de um mesmo código linguístico se sobrepõe real e virtualmente incontáveis camadas alteridade.

Nos três processos de tradução inexistente uma equivalência completa entre as unidades do código. Assim a tradução envolve uma construção que possibilite duas mensagens equivalentes a serem expressas em códigos diferentes. O tradutor recodifica e transmite uma mensagem em outra fonte. Para Jakobson “a equivalência na diferença é o problema principal da linguagem e a principal preocupação da Lingüística” (Jakobson, 1971, p.66).

Na perspectiva de Jakobson os problemas da tradução estão ligados a essa possibilidade de equivalência na diferença. Jakobson cita o exemplo dos visionários Russos que gostariam de acabar com expressões como “nascer” e “pôr” do sol por serem estes, termos que figuram uma lógica pré copernicana e geocentrista. Neste caso, notamos que cada expressão pode ser traduzida, mas existe uma larga variação e relatividade daquilo que pode ser considerado como “equivalente”, pois cada expressão arrasta consigo toda uma rede de significações vizinhas. Portanto o problema da equivalência na diferença envolve uma concepção de linguagem como um processo incessante e interminável de redefinições. A equivalência não comparece aí como uma propriedade ou um dado

natural, mas como fruto de uma construção e invenção que em última instância é uma intervenção sobre a língua. Jakobson era bastante otimista quanto as possibilidades da tradução, ele afirmava que “toda experiência cognitiva pode ser traduzida e classificada em qualquer língua existente. Onde houver uma deficiência, a terminologia poderá ser modificada por empréstimos, calcos, neologismos, transferências semânticas e, finalmente, por circunlóquios” (Jakobson, 1971, p.68). Tal otimismo era justamente motivado pela percepção da situação de inacabamento das línguas, que é o que permitirá a criação de uma equivalência na diferença.

O Horizonte Crítico da Tradução

Esse conjunto de observações sobre a mobilidade relativa das instituições e dos fenômenos linguísticos somada a ideia de que cada língua constitui uma configuração específica de acesso ao mundo, ambos pontos já abordados nos tópicos anteriores, conduz a construção de uma hipótese sobre aquilo que Marc Crepon chamou de “horizonte crítico da tradução”. Esta hipótese visa demonstrar que a tradução é uma atividade originária do processo constitutivo de toda cultura.

Até o momento, no presente artigo, falou-se da tradução como uma atividade de mediação entre culturas que figuram como entidades distintas, com limites localizáveis e circunscritos. No entanto, para que seja possível compreender algumas das consequências trazidas pelo horizonte crítico da tradução, faz-se necessário retomar algumas perguntas que podem parecer óbvias ou pelo menos cuja resposta já ter sido tacitamente dada: como saber se duas culturas ou línguas são distintas e quais os pontos desta distinção? Quando começa a cultura? O que é uma identidade cultural? Enfim, o que é cultura?

Wolfgang Iser, teórico da literatura alemão, que no fim de sua vida escreveu principalmente sobre a questão da tradução, chegou a organizar um importante volume com a contribuição de diversos pesquisadores de Universidades Alemãs, Americanas e Israelenses intitulado “The translatability of cultures”, que trouxe importantes contribuições ao horizonte crítico da tradução. Ele abordou cada uma das perguntas que citamos anteriormente, e conclui que: a tarefa de definir uma cultura fracassa sempre por causa da impossibilidade mesmo de dar fim a uma experiência sempre inacabada como a cultura. Iser avança nessa hipótese afirmando que a ideia de *cultura* é algo que permanece como uma experiência difusa e que apenas ganha um sentido determinado nos atritos e ruídos da diferença. Nas palavras de Iser:

A cultura deve ser justaposta a fim de acentuar e assegurar-se do que a torna específica? Se for esse o caso, então a alteridade é um meio de criar o perfil de uma cultura, o que implica que a última não existe como entidade autossuficiente. Conseqüentemente, a cultura não deve ser identificada com um conjunto de normas e valores, ou com as relações entre estas, isoladas com uma origem pressuposta da qual elas (as normas e valores) surgiram. Supondo que a cultura tenha uma origem específica, por que esta se perde e por que todos os esforços para recuperá-la a transformam em mitos? Se a cultura consiste em normas e valores, por que elas estão sujeitas a mudança e a transformação? E finalmente, se a cultura é feita de nada além de relações individuais entre os fatores mencionados, de onde vêm essas relações e o que as tornam operativas? Na melhor das hipóteses a cultura prova ser uma rede que interliga níveis, posições e atitudes e, por último, mas principalmente, alteridades a fim de ganhar a sua própria individualidade (ISER, 1996, p. 299, tradução nossa)

O horizonte crítico da tradução inaugura um novo tipo de interesse pelas línguas e pelas culturas, um interesse pela história inacabada de sua formação. Segundo Iser, a cultura é uma rede que interliga identidades e alteridades e esta rede não pode ser reduzida a um dado natural, uma positividade. O senso de “próprio”, a individualidade e a identidade de uma cultura só são possíveis por meio de uma relação com alteridades. Assim, por exemplo, a diferença entre culturas orientais e ocidentais não é um dado natural, a consciência dessa diferença emerge quando estas redes se interpelam mutuamente e as perdas de significação colocam problemas sobre as suas fronteiras. E mesmo a chamada “cultura ocidental”, que do ponto de vista da “cultura oriental” poderia ser tomada como um todo homogêneo, pode fazer emergir, no seu seio, perdas de significação ou problemas quanto às suas fronteiras. Ou seja, a unidade do conjunto ao qual se pode chamar uma “cultura” é também efeito de uma interpelação. Assim, dentro de uma “mesma” cultura podem coabitar diversas e incontáveis camadas de alteridade e opacidade, o que nos leva a concluir, tomando de empréstimo o termo de Franz Fanon, sobre uma certa “indecidibilidade cultural”, já que as suas fronteiras ou limites sofrem de um processo sutil mas discernível de mudanças.

Marc Crepon, seguindo os trilhos deixados na “Tarefa do tradutor” de Walter Benjamin, formula como pressuposto deste horizonte crítico da tradução a ideia de que nenhuma língua é autossuficiente. Portanto, toda língua se constituirá por meio de empréstimos e apropriações constantes. Esta hipótese contrária, em alguns aspectos, os pressupostos da teoria da mestiçagem, - pois para esta última, as culturas estão já aí como entidades distintas e apenas *posteriormente (après-coup)* - sofrem um trabalho de tradução. O pressuposto da insuficiência das línguas ou sua incompletude, tal como enunciado por Walter Benjamin, nos permite pensar a tradução como processo originário em toda cultura. Essa hipótese visa demonstrar que “ao se contar a história da constituição das culturas, sem ceder ao fantasma de uma origem unidentitária, encontra-se sempre a tradução” (Crepon, 2004, p. 76, tradução nossa).

Se é verdade que disciplinas como a Linguística e a Antropologia tem se interrogado a respeito de sua participação numa das maiores catástrofes dos dois últimos séculos, o imperialismo colonial, é mister que estes questionamentos se voltem para sua representação e uso dos conceitos, a começar pelo conceito de “identidade cultural”. O horizonte crítico da tradução apoia-se sistematicamente na desconstrução de uma certa maneira de descrever a identidade cultural como homogênea e idêntica a si mesma, na desconstrução de uma certa maneira de narrar suas histórias segundo o esquema de uma “unidade”.

Todavia, sabe-se também que são inúmeras as questões de cunho político envolvendo as identidades culturais, portanto uma das armadilhas presentes na desconstrução de tal conceito consiste na sua utilização como pretexto para justificar processos de homogeneização cultural colocados em marcha pelo fluxos contemporâneos de mundialização da economia. Trabalhos como o da pensadora indiana Gayatri Spivak (1994), na tentativa de resolver este impasse, formulam a ideia de um “essencialismo estratégico”, que se caracterizaria por um uso estratégico do essencialismo positivista das identidades culturais com um ganho político visível por parte de grupos subalternos. Por fim, podemos dizer que o horizonte crítico da tradução contrapõe-se a uma certa visão simplista segundo a qual todas as culturas se relacionam com tudo e se misturam com tudo, ao invés disso, trata-se de conceber uma série de operações singulares, jamais idênticas, pelas quais as identidades se constituem, o que não exclui a resistência, o conflito e a violência a que estes processos podem estar ligados. A pergunta inicial do horizonte crítico da tradução é saber se é possível pensar as relações entre as culturas segundo o modelo da tradução. Se esta pergunta for respondida positivamente, a mesma mobilidade que foi constatada na língua poderá ser atribuída também às identidades

culturais, o que faz do horizonte crítico da tradução um ponto de resistência ao discurso identitário alarmista e aos discursos nacionalistas que instrumentalizam uma visão unilateral do passado.

METODOLOGIA DAS AÇÕES

O programa de extensão “Estudos da Alteridade e Tradução” foi pensado com o propósito de contribuir para intensificação dos intercâmbios, interlocuções acadêmicas internacionais e para o aumento da projeção da Universidade Federal de Mato Grosso no cenário de cooperação e pesquisas internacionais. Dessa forma, também é facilitado o acesso à pesquisas feitas em países estrangeiros assim como a inserção dos resultados das pesquisas produzidas localmente em meios de circulação internacional. O aumento da circulação de trabalhos produzidos pelos nossos programas de pós-graduação em veículos de circulação internacional, é um fator de grande importância nas avaliações que os programas de pós graduação recebem da CAPES. Portanto, o aumento do potencial de interlocução internacional é um movimento estratégico fundamental para a sobrevivência e crescimento dos programas de pós-graduação.

É importante destacar que a tradução, atividade principal deste programa, tal como já explicitado nos referenciais teóricos, é pensada em cada uma das ações como um processo complexo, que leva em conta certos pressupostos teóricos para sua execução, bem como leva em consideração uma perspectiva específica da linguagem, na qual ela é considerada como elemento constitutivo privilegiado para compreensão da cultura e do sujeito. O objetivo destas ações implica, portanto, não apenas em entender e dominar uma língua estrangeira e então decodificá-la em termos da língua de materna ou vice-versa, mas, de refletir, paralelamente, sobre como certas diferenças históricas e culturais fossilizadas na diferença entre as línguas podem lançar luz sobre as diferentes formas de constituição de sujeitos agenciada por cada contexto linguístico-cultural. Para que tais reflexões pudessem guiar a atividade da prática da tradução foi necessária uma preparação teórica permanente dos participantes bolsistas e voluntários do programa durante todas as etapas da ações.

O programa “Estudos da Alteridade e da Tradução” desdobrou-se em duas frentes de trabalho: 1) Na primeira frente foi produzido e oferecido um curso de extensão “Oficina de tradução: problemas teóricos e práticos” para alunos de graduação e pós-graduação do Instituto de Educação e do Instituto de Linguagens; 2) A segunda frente se ocupou dos serviços em tradução para pesquisadores e acadêmicos que pretendem publicar ou apresentar seus trabalhos em meios internacionais, bem como para editores de periódicos da UFMT que demandaram a tradução de trabalhos em língua inglesa para língua portuguesa para posterior publicação no veículo local.

Curso de extensão “Oficina de tradução: problemas teóricos e práticos”

A oficina realizou-se em quatro encontros, 1) o primeiro teve como objetivo realizar uma introdução sensibilização aos problemas enfrentados pela teoria da tradução, partindo do mito bíblico da Torre de Babel, e discutindo-se também algumas contribuições da Antropologia Linguística em Duranti e a Teoria das metáforas conceituais de George Lakoff e Mark Johnson (1980). 2) No segundo encontro foram trabalhadas as diferentes teorias da tradução (Teoria da Equivalência Natural e Direcional e Teoria do Escopo ou Relevância) e suas implicações assim como foi feita uma descrição de modos de aplicação das teorias da tradução em softwares (*Statiscal Machine of translation* e *Google Translation*). 3) No terceiro encontro, foram discutidos problemas práticos por meio da

análise de duas traduções do poema “The Raven” (O Corvo), de Edgar Allan Poe para o português. 4) No quarto encontro foram realizadas traduções de materiais trazidos pelos participantes da oficina. As atividades expositivas eram mescladas às atividades práticas sugeridas ao fim de cada encontro sobre os temas da aula seguinte.

Resultados

A maioria dos participantes da oficina foi composta por graduandos em Letras com habilitação em línguas como o Inglês e o Espanhol, e que inclusive possuíam experiência como professores de línguas estrangeiras. Os participantes relataram durante o curso e no momento da avaliação do curso, que, apesar das teorias da tradução não serem parte integrante de sua formação curricular, reconhecem a grande importância destas teorias em sua prática como professores, na medida em que elas tornam explícitas distintas metodologias de aprendizado de uma língua. Se tomarmos, por exemplo, duas teorias correntes nos estudos da tradução – a Teoria da Equivalência e a Teoria da Relevância ou Escopo – nota-se que cada uma dessas teorias reflete um modo de apreensão da língua a partir de uma relação com a língua materna. Na Teoria da Equivalência, por exemplo, que busca estabelecer equivalências naturais entre as línguas, a tradução direta torna-se uma boa estratégia de aprendizado; quando pensamos porém na Teoria da Relevância ou do escopo em que o objetivo é traduzir o aspecto comunicacional e performativo das mensagens à tradução direta não é considerada uma boa estratégia de aprendizado, pois a apreensão da nova língua se dá, segundo esta perspectiva, por meio de um processo irreduzível a qualquer aspecto formal da língua materna.

Portanto, os resultados atingidos com esta ação são duplos, pois além de gerar impactos na formação dos futuros professores propiciando a eles parâmetros de reflexão sobre a prática de ensino e aprendizado em línguas estrangeiras por meio das teorias da tradução, ao grupo responsável pela extensão proporcionou uma experiência de sondagem e percepção das demandas do professor de línguas formado na UFMT para a teoria da tradução.

Projeto “Saberes locais em circulação global”

Este projeto consistiu na realização de traduções do inglês e do espanhol para o português com finalidade de publicação em veículos locais bem como na realização de versões para línguas estrangeiras ou revisão da mesma de artigos científicos resultantes de trabalhos de pesquisa de estudantes de pós-graduação stricto sensu da UFMT para fins de submissão à revistas de circulação internacional. Durante o ano de 2013 recebemos demandas dos programas de pós-graduação. O trabalho das versões e tradução foi realizado pelos bolsistas e supervisionado e revisado pelo coordenador do projeto.

Resultados

Abaixo segue a relação de alguns trabalhos de tradução realizados pelo projeto bem como uma discussão sobre alguns dos problemas enfrentados na elaboração das traduções.

1. “Hegemonia e novos sujeitos políticos” de Chantal Mouffe.

Texto traduzido do inglês é uma referência incontornável em Psicologia Política, e está sendo amplamente utilizado como referência bibliográfica nas disciplinas de Psicologia Institucional

e Psicologia Social. Esta tradução demandou um projeto específico chamado “Tradução e Democracia Radical”, que envolveu além da tradução um estudo teórico conceitual da teoria da Democracia Radical. Entre os principais expoentes desta teoria estão Ernesto Laclau e Chantal Mouffe. Laclau é um teórico político argentino muitas vezes chamado de pós-marxista. Ele lecionava na Universidade de Essex, como titular da cadeira de Teoria Política e também foi diretor do programa de ideologia e análise do discurso, faleceu em 13 de Abril de 2014. Fez conferências extensivamente em universidades nos EUA, América Latina, Europa Ocidental, Austrália e África do Sul. Mouffe é cientista política Belga e estudou movimentos sociais na América Latina, bem como efetuou extensas revisões da teoria marxista.

O livro mais importante desta dupla é *Hegemony and socialist strategy*, que é a pedra angular do pós-marxismo. O pensamento da dupla de autores é frequentemente descrito como pós-marxista já que ambos estavam envolvidos em movimentos sociais e estudantis da década de 1960 tentando unir a classe trabalhadora e os novos movimentos sociais. Eles rejeitaram o determinismo econômico de marxismo e a noção de que a luta de classes é o antagonismo crucial na sociedade. Em troca, eles chamaram de “democracia radical” o pluralismo agonístico em que todos os antagonismos podem ser expressos.

Pelas articulações que estes autores criam entre a Teoria dos Discursos e Teorias pós-estruturalistas de Sujeito seu trabalho torna-se ponto de articulação e interesse entre diversas áreas de conhecimento das Ciências Humanas. Do ponto de vista da experiência tradutora o texto trouxe uma importante discussão técnico-teórica em torno do conceito de *Subject position*, comumente traduzido por “posição de sujeito”. Algumas reflexões de cunho conceitual nos forçaram também considerar a possibilidade de traduzir tal termo por “posição subjetiva”. A diferença entre as opções consideradas, é que o termo de “posição de sujeito” enfatizava a posicionalidade de um determinado sujeito diante de uma série de intersecções institucionais, enquanto o termo “posição subjetiva” enfatiza as diversas apropriações que um determinado sujeito faz das estruturas institucionais à sua disposição. Com efeito, estas duas possibilidades tradutórias devem ser compreendida como interpretações distintas mas complementares da experiência conceitual da teoria de Chantal Mouffe. Entretanto, como realizar uma opção tradutória e ao mesmo tempo contornar a perda ou fechamento interpretativo que ela ocasiona?

2. “Perspectivas para sistemas competentes em educação e cuidado na primeira infância”.

Artigo traduzido do inglês com publicação prevista para o próximo número do periódico “Revista de Educação” do PPGE / UFMT. Este trabalho promoveu também um debate desenvolvido com grande interesse por parte de nossa equipe de tradução.

O primeiro ponto deste debate refere-se às possibilidades de tradução de termos como *training*, *education* e *practioner*. Esses termos possuem certos usos intituídos em práticas tradutórias, mas, de certa maneira, eles não encontram facilmente correspondentes em português que preservem as diferenças que cada um destes termos intenciona no texto original, já que, por exemplo, os termos *training* e *education* podem parecer sinônimos do ponto de vista de uma tradução inespecífica. Mas no contexto do artigo que foi traduzido, estes termos referem-se à aspectos distintos da formação de um *practioner* que também não pode ser diretamente traduzido para “praticante” sem perda de sentido.

Abaixo dois exemplo do texto original que problematizavam as traduções internas já necessárias:

Countries tend to take two distinct approaches to defining professionalism in ECEC. Across Europe there is, broadly, a choice between a generic or a specialist conceptualisation of professionalism (Cameron & Moss, 2007). Generic professionalism is based on holistic approaches to working with young children and usually emphasises interactional, situational and relational aspects of the work instead of the performance of concrete tasks (e.g. as defined in prescriptive curriculum). Generic ECEC professionals are often qualified to work with a wide age range and in various institutional contexts. The Danish *Pedagog* is a very good example. In the specialist model, practitioners are trained and qualified to work with specific age groups in specific institutional settings (e.g. *crèche*, pre-school, *école maternelle*). Often, specialist professionals are supported by assistants who are qualified at a lower level (and, in some cases, have no formal qualification at all).

E:

Formal qualification levels and requirements differ. There are examples of high-quality services with staff qualified at secondary level — usually in a system of continuous professional guidance and/or development — e.g. in the Northern Italian cities of Reggio Emilia and Pistoia (*pedagogistas*). Similar approaches have been introduced in a number of countries/regions, e.g. in Ghent (*pedagogisch coach*) and Germany (*fachberater*). Other countries have been seeking to link quality improvements to higher (tertiary) levels of qualification. Some examples are the Swedish *lärare*, the Danish *pedagog*, the Belgian *kleuterleider*, the Slovenian *vzgojitelj*. Some countries (e.g. France, England) are opening qualification pathways for practitioners with lower qualifications in order to enable them to acquire secondary or tertiary (BA) levels within the European Qualification Framework.

Estes desencontros tradutórios tem suas raízes nas diferentes concepções a respeito da noção de educação e disciplinariedade nos contextos em que a prática com a primeira infância foi investigada e abordada pelas equipes de autores do artigo, a saber, o contexto dos países da união europeia. O termo *training* refere-se a soma geral das diversas atividades e experiências de um profissional ou praticante em sua formação, já o termo *education* ficou reservado à educação formal, escolarizada, registrada e instituída por meio de graus e títulos. Somado a estes problemas temos os termos utilizados na comunidade europeia que tendem a ser tomados com uma certa equivalência, já que cada uma delas provem de uma concepção distinta de educação. Por exemplo, *fachberater* do alemão que tem também o sentido de “consultor” além de educador; ou a expressão holandesa *kleuterleider* que literalmente significa “líder de crianças”, e abrange diversos modos de lidar com a criança em diferentes contextos educacionais ou de cuidado.

3. “Reflections upon the DSM 100: The class of the classifiers who does not classify themselves”.

Texto em português vertido para o inglês para ser apresentado como na 6ª Encontro da International Society for Psychoanalysis and Philosophy em Nijmegen, Holanda, dia 6 de Novembro de 2013.

4. Um capítulo do livro “After Method: Mess in social Science” de John Law intitulado “Imagination and Narrative”. Texto utilizado na disciplina de Psicologia Social II que envolveu discussões conceituais em torno do termo “subject” do inglês que significa, ao mesmo tempo, “sujeito” e “objeto” ou “assunto”.

5. Resumos em língua inglesa e espanhola dos seguintes trabalhos acadêmicos: “Alianzas Biopolíticas transnacionales en la defensa de la paz y los derechos humanos: un análisis de los informes

de la Organización de las Naciones Unidas sobre tecnologías de control remoto”, “Behavioral and Academic indicators in children with Sickle Cell Disease (SCD)” ; “Teenagers and their teachers: plot of the intersubjective dynamics on classroom”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As ações realizadas pelo programa de extensão proporcionaram alguns resultados que conduziram a importantes reflexões sobre o impacto das traduções na vida acadêmica e da valorização do trabalho de tradução.

A disponibilidade cada vez mais ampla de bancos de dados, dicionários e tradutores on-line, de um lado, constitui grande avanço no que diz respeito ao acesso a materiais e fontes necessárias à atividade de tradução, mas por outro lado, acarreta a falsa impressão em meio ao senso comum de que a atividade da tradução é uma espécie de ciência exata capaz de ser realizada por uma máquina que dispensa o trabalho de um tradutor qualificado. A tradução acadêmica fornece uma demonstração cabal que é possível realizar traduções deceptivas mesmo quando todas as palavras escolhidas foram cuidadosamente pesquisadas no dicionário, pois a experiência obtida com os trabalhos de tradução realizados por este programa de extensão nos mostra que além da criação de um jargão científico, as teorias imprimem um novo sentido para palavras do vocabulário de uso cotidiano segundo o sistema conceitual criado por cada uma dessas teorias. Portanto, o que está em jogo na tradução acadêmica é um conhecimento teórico conceitual e uma atitude investigativa que devem sempre acompanhar o conhecimento propriamente linguístico das línguas envolvidas na tradução.

Para além de todas as anedotas que se poderia aqui listar sobre os diversos erros - cômicos ou trágicos - resultante do uso precipitado de softwares de tradução, o que vale ser destacado é a importância do papel do tradutor como um negociador de sentidos. A importância deste papel só pode ser reconhecida quando se experimenta na prática de tradução situações em que as escolhas tradutórias que forçam o tradutor a avaliar seu trabalho não apenas segundo um quadro absoluto de opções “corretas” e “incorretas”, mas segundo perguntas mais amplas tais como “para que?” ou “para quem?” se traduz.

Referências

- ARROJO, R. **Oficina de Tradução: a teoria na prática**. São Paulo: Ática, 2001.
- AUBERT, Francis Henrik. **As in-fidelidades da tradução**. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.
- CRÉPON, Marc. **La traduction entre les cultures**. Revue germanique internationale [Online], Edição 21, 2004. Acesso em: 11 Out. 2012. Disponível em: [http://rgi.revues.org/998 ; DOI : 10.4000/rgi.998].
- JAKOBSON, Roman. Aspectos lingüísticos da tradução.. IN: _____. **Lingüística e comunicação**. Trad. de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1971. p. 63-72.
- TIMONEDA, A. R. **Tradução: Uma Abordagem Teórica**. Revista Anagrama, Ano 5, Edição 2, 2012.
- DURANTI, Alessandro. **Linguistic Anthropology: A Reader**. Oxford, Blackwell. ed. 2001.
- BUDICK, Sanford; ISER, Wolfgang. (org.) **The Translatability of cultures: figurations of the space between**. Stanford: Stanford University Press, 1996.
- NIDA, E.A. **Toward a science of translating**. Leiden: E. J. Brill, 1964.
- MOUFFE, Chantal. Hegemony and new political subjects: toward a new concept of democracy. IN: NELSON, Cary; GROSSBERG, Lawrence (ed). **Marxism and the Interpretation of Culture**. Urbana: University of Illinois P, 1988.
- BASSNETT, Susan; LEFEVERE, André (ed). Translation, History and Culture. London: Pinter, 1990.
- LATOUR, Bruno. 1994. **Jamais fomos modernos: ensaio de Antropologia simétrica**. (Trad. Carlos Irineu da Costa) Rio de Janeiro: Ed.34. [1991]
- SAPIR, Edward. The Status of Linguistics as a Science', Language (1929). IN: MANDELBAUM, David (ed). **Selected Writings of Edward Sapir in Language, Culture, and Personality**,1949.
- SPIVAK, Gaytari. Quem reivindica alteridade? IN: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Tendências e impasses: o feminismo como crítica e cultura**. Rio de Janeiro, 1994. p. 187-205.
- CARROLL, John B. (ed.).**Language, Thought, and Reality: Selected Writings of Benjamin Lee Whorf**. Massachussets: MITPress, 1956.

Nota:

[1] Financiado por verba do Edital Pbext 2013, administrada pela Pró-Reitoria de Cultura, Ensino e Vivência da Universidade Federal de Mato Grosso.

MERCADO DE AÇÕES¹

MERCADO DE ACCIONES

Roseli Reis RESUMO

Orientadora do trabalho:
Professora do Curso de
Administração do ICBS – CUR
– UFMT, e-mail: rreisveiga@
hotmail.com.

Rogis SILVA

Estudante de Graduação
3º Semestre do Curso de
Administração – ICBS – CUR –
UFMT, Rua Delmiro Gouveia,
766 – Jardim Santa Marta,
CEP 78.710-220 Rondonópolis/
MT, Telefone: (66) 8409 3128,
e-mail: rogissilva@uol.com.br.

Ernesto Júnior Ferreira da SILVA, Jaylson Me- deiros da SILVA e Stela Maris Rosa da SILVA

Estudantes de Graduação
3º Semestre do Curso de
Administração ICBS – CUR
– UFMT, e-mail: ernesto_
yradog@hotmail.com;
jaylson.medeiros@hotmail.
com; stelamaris19@hotmail.
com.

Aplicações em mercados de ações é uma opção de investimento de pessoas e empresas visando disponibilizar ganhos efetivos no futuro. A segurança institucional dessa atividade está regulada no Sistema Financeiro Nacional (SFN), por meio do Conselho Monetário Nacional (CMN), do Banco Central do Brasil (BCB) e da Comissão de Valores Mobiliários (CVM). As transações ocorrem entre empresas e pessoas que disponibilizam suas ações na Bolsa de Valores, intermediadas pelas corretoras. Obter ganhos ou experimentar perdas são situações de normalidade nesse universo. Este trabalho teve por finalidade apresentar a formação e acompanhamento de uma carteira de ações ao longo de determinado período, particularizando as ações que interessem aos investidores, em qualquer nível de investimento, permitindo extrair quantitativamente as informações dos Boletins Diários de Investimentos (BDI) da BM&FBOVESPA. Esses elementos puderam então ser analisados qualitativamente para embasar a formulação de estratégias de investimentos no mercado de ações, ouvindo-se sempre as informações de mercado. O trabalho se deu pelo acompanhamento de uma carteira de ações registrada no simulador da Folhainvest e lançado em planilhas eletrônicas no período de 30 de novembro de 2013 a 01 de março de 2014. Nesse período também buscou-se acompanhar as notícias que traziam informações de mercado, principalmente para as empresas cujas ações estavam em estudo. Os resultados obtidos nas análises puderam ser confirmados pelas notícias referentes à situação de cada empresa analisada durante o período de estudo.

Palavras-chave: mercado de ações, Sistema Financeiro Nacional, BM&FBOVESPA, investimento.

RESUMEN

Las inversiones en los mercados de acciones es una opción de inversión para las personas y empresas con el objetivo de proporcionar mejores resultados eficaces en el futuro. Seguridad institucional de esta actividad está regulada en el Sistema Financiero Nacional (SFN), a través del Consejo Monetario Nacional (CMN), el Banco Central de Brasil (BCB) y la Comisión de Valores Mobiliarios (CVM). Las transacciones se dan entre las empresas y personas que ofrecen sus acciones en la Bolsa de Valores, intermediadas por los corredores. Experiencia ganancias o pérdidas son situaciones normales en este universo. Este trabajo tiene como objetivo presentar la formación y el seguimiento de una cartera de acciones durante un período determinado, la individualización de las acciones de interés para los inversores en cualquier nivel de inversión, lo que permite extraer información cuantitativa de los boletines diarios de las inversiones (BDI) de la BM&FBOVESPA. Estos elementos podría ser analizados cualitativamente para apoyar la formulación de estrategias de inversión en el mercado de valores siempre se escucha la información de mercado. El trabajo se realizó para el seguimiento de una cartera de acciones inscritas en el simulador Folhainvest hojas de cálculo y liberados en el período comprendido entre noviembre 30, 2013 hasta 03 01, 2014. En este período también hemos tratado de seguir las noticias trayendo información de mercado, sobre todo para las empresas cuyas acciones fueron estudiados. Los resultados obtenidos en este estudio fueron confirmados por las noticias sobre la situación de cada empresa analizada durante el período de estudio.

Palabras-clave: mercado de acciones, Sistema Financiero Nacional, BM&FBOVESPA, inversión.

1 Introdução

Muitas pessoas e empresas deparam-se por vezes com a situação de auferir lucros em determinados negócios e não têm certeza da destinação desses valores. Por vezes, o emprego indevido do lucro no presente poderá representar sérios problemas no futuro. Uma diluição no destino desse lucro poderá representar a garantia de que, quando necessário, os valores estarão disponíveis e devidamente corrigidos.

Uma dessas opções é o investimento no mercado de capitais, mais especificamente no mercado de ações, podendo receber as melhores valorizações para o capital investido, se forem conhecidos os riscos dessa atividade.

No Sistema Financeiro, empresas e investidores se relacionam no mercado de capitais, negociando a compra e venda de títulos, ações e debêntures, entre outros papéis. “Cabe ao Conselho Monetário Nacional (CMN), ao Banco Central do Brasil (BCB) e à Comissão de Valores Mobiliários (CVM) regular e fiscalizar a atuação dessas empresas no mercado financeiro” (BM&FBOVESPA, 2013). Essa rigorosa ação dos órgãos normativos e de fiscalização dá respaldo à segurança do sistema, quanto à apuração de fraudes e ações irregulares, mas não garantem eliminação dos riscos desses investimentos.

O objetivo deste trabalho foi efetuar a simulação de investimento em uma carteira de ações fictícias no simulador da Folhainvest e a formulação de um arquivo na plataforma *Microsoft Office Excel* para acompanhar a oscilação ocorrida no período 29/11/2013 a 31/01/2014, de acordo com os Boletins Diários de Investimentos (BDI) da BM&FBOVESPA.

Para alcançar este objetivo, foi criada uma carteira de ações junto ao simulador da Folhainvest, procedeu-se à extração diária dos dados junto ao BDI, paralelamente ao estudo

de mercado referente às empresas e uma análise das variações dessas ações com a situação de mercado. Para facilitar as consultas, estudos e comparações, foi elaborada uma planilha eletrônica para armazenar dados e apresentar um gráfico de evolução de cada ação estudada.

A planilha permitiu realizar observações didáticas e colher informações para a tomada de decisão de investir em determinada ação. Ao final do trabalho foi apresentado um relatório sucinto sobre a carteira de ações criada, validando sua finalidade. Por que e quando investir no mercado de capitais requer um conhecimento necessário para minimizar, jamais excluir os riscos.

2 Referencial Teórico

O Sistema Financeiro Nacional (SFN) tem como finalidade “intermediar na captação de recursos, distribuição e transferência de valores entre os agentes econômicos, em condições satisfatórias para o mercado financeiro”. (HOJI, 2004, p. 38). O SFN “é composto de instituições responsáveis pela captação de recursos financeiros, pela distribuição e circulação de valores e pela regulação deste processo”. (NETO, 2009).

Lagioia (2011, p. 41) define o SFN como “um conjunto de mercados, instituições e instrumentos financeiros que possibilitam a transferência de recursos dos ofertadores finais para os tomadores finais”. Ainda Lagioia (2011, p. 41) define tomadores finais como “aqueles que não dispõem de excedente de renda e por isso necessitam de recursos (poupança alheia) para gastar com consumo ou investimentos”, enquanto os ofertadores finais “representam aqueles que possuem excedente de renda, ou seja, pretendem gastar menos do que ganham”. A princípio, existirão sempre ofertadores e tomadores finais de recursos disponíveis no mercado e é esta relação que vai alimentar o SFN. A Figura 1 – Modelo simplificado de intermediação financeira representa a relação entre tomadores e ofertadores finais e o capital envolvido, traduzido em juros.

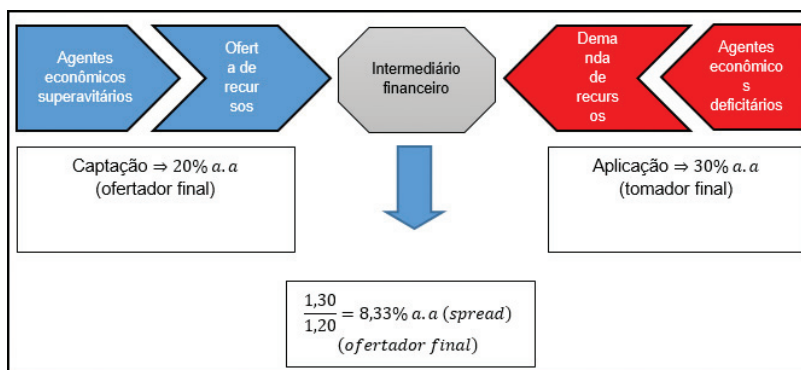


Figura 1: Modelo simplificado de intermediação financeira (LAGIOIA, 2011, p. 42) – relação entre tomadores e ofertadores finais e o capital envolvido.

O Mercado de Capitais é constituído pelas instituições financeiras não-bancárias, e diversas instituições auxiliares (Bolsas de Valores, Sociedades Corretoras, Sociedades Distribuidoras, Agentes Autônomos etc.), assumindo papel dos mais relevantes no processo de desenvolvimento econômico, por ser o grande municiador de recursos permanentes para a economia e contemplar as operações financeiras de médio e longo prazos, e de prazo indeterminado, como as operações com ações.

Segundo Gitman (2004, p. 21), “a espinha dorsal desse mercado é formada pelas várias bolsas de valores que oferecem um local para a realização de negócios com debêntures (obrigações) e ações”.

Ao tratar de finanças corporativas, Neto apresenta sua definição para bolsa de valores:

A bolsa de valores é o mercado organizado onde se negociam ações de empresas de capital aberto (públicas ou privadas) e outros instrumentos financeiros como opções e debêntures (obrigações), são entidades físicas, constituídas na forma de associações civis sem fins lucrativos, com responsabilidade e funções de interesse público e ainda tem como razão principal proporcionar liquidez aos títulos e valores imobiliários, preservar elevados padrões éticos de negociação, divulgar com rapidez, amplitude e detalhes as operações executada. (NETO, 2003, p.70).

A BM&FBOVESPA, fiscalizada pelo CMN, BCB e CVM, é o ambiente onde compradores e vendedores de títulos realizam negociações padronizadas, fixando preço justo aos papéis, sem trâmite de informações privilegiadas, com garantia ofertada pelas Caixas de Liquidação. A BM&FBOVESPA é uma empresa autorizada pela CVM a administrar o mercado da Bolsa e prestar serviços para instituições financeiras que atuam no mercado de ações. “As operações realizadas na Nova Bolsa envolvem os mercados a vista, futuro, de opções, entre outros, nos quais são negociados diversos produtos”. (LAGIOIA, 2011, p. 57).

Segundo Lagioia (2011, p. 56-58) a BM&F BOVESPA S.A. (Nova Bolsa) é resultado da fusão ocorrida entre a Bovespa Holding S.A. – constituída em 2007 com a abertura de capital da Bovespa – e da Bolsa de Mercadorias e Futuros S.A. (BM&F S.A.). A Nova Bolsa opera no segmento responsável pelas negociações de títulos e valores mobiliários, no mercado de *commodities* (mercadorias) e futuros.

As Corretoras e Distribuidoras de Títulos e Valores Mobiliários são instituições financeiras com múltiplas funções e as únicas autorizadas a operar em bolsas de valores. Necessitam de autorização prévia do BCB para serem constituídas, estando sujeitas à fiscalização da própria bolsa de valores, da CVM e do BCB. Sua principal atividade é a execução de ordens de compra e de venda de ativos para seus clientes. Podem auxiliar o investidor na medida em que disponibilizam para seus clientes informações provenientes de seus departamentos técnicos ou de análises de terceiros. Podem também administrar Fundos de Investimentos. Em geral, cobram taxas e comissões por seus serviços. (PORTAL DO INVESTIDOR, 2014). A negociação de ações, títulos e valores mobiliários só ocorre por intermédio das distribuidoras e corretoras.

“Empresas com necessidade de suprir capital para seu caixa, emitem as ações e os títulos de crédito e adquirem recursos novos, esses ativos são negociados no mercado primário e as demais, automaticamente são transacionadas no mercado secundário”. (HOJI, 2004, p. 46).

Dá-se o nome de mercado primário quando a empresa necessita captar recursos, abrindo capital e vendendo novas ações para investidores. Os investidores poderão renegociar estas ações com outros investidores, e essas operações ocorrerão no mercado secundário.

Para Neto (2003), “investidores são racionais ao selecionar os ativos, buscando aqueles com menor risco e maior retorno esperado. Para um mesmo nível de risco um investidor racional seleciona o ativo de maior valor esperado e para aqueles com o mesmo retorno esperado, procuram aquele com menor risco”. Conclui-se deste critério racional de decisão que investidores procuram retorno em seus investimentos demonstrando certo grau de aversão ao risco e por este motivo, procuram diversificar suas atividades de investimento para reduzi-los.

Justifica-se investir em ações porque “as ações podem ser compradas com a finalidade de gerar dividendos, aumentar de valor a médio e longo prazo, ou como instrumento de

especulação”. (LAGIOIA, 2011, p. 79). Todo investidor deve ter em mente os riscos que envolvem este tipo de investimento, particularmente se esta ação tiver caráter especulativo.

Existem ferramentas de análise que colaboram na decisão para definição do melhor momento e em quais ações investir. Dois métodos de análise são adotados: a análise fundamentalista e a análise técnica ou grafista. Bodie, Kane e Marcus (2002) *apud* Franco (2007, p. 28) definem análise fundamentalista como “a determinação do valor presente de todos os pagamentos que os acionistas receberão por cada ação. Para isso, os analistas devem levar em consideração lucros e dividendos esperados pela empresa, expectativas econômicas e a avaliação de risco da empresa”. Para Sharpe (1995) *apud* Franco (2002, p. 27) análise técnica “é o estudo das informações internas das bolsas de valores. A palavra técnica implica num estudo do mercado por si só e não dos fatores externos que estão refletidos no mercado”. Todos os fatores que estão refletidos no mercado podem ser reduzidos à soma das informações estatísticas produzidas pelos mercados.

Segundo a Folhainvest, o simulador “é uma parceria entre a Folha e a BM&FBOVESPA, que oferece aos participantes a oportunidade de conhecer o funcionamento do mercado de ações na prática. No seu regulamento, ao tratar do objetivo, no seu art. 1º, o Folhainvest estabelece que:

1.2 - O “Folhainvest” é uma simulação de investimento, disponibilizada via Internet, promovida pela BM&FBOVESPA S.A. - BOLSA DE VALORES, MERCADORIAS E FUTUROS (“BM&FBOVESPA”) e pela Empresa Folha da Manhã S/A (“FOLHA”), cujo objetivo é proporcionar ao público familiarização e conhecimentos básicos sobre o mercado de ações, permitindo aos Participantes vivenciarem o seu funcionamento.

1.2.1 - A coordenação do “Folhainvest” estará a cargo da BM&FBOVESPA e da FOLHA, que julgarão os casos omissos a este regulamento e cujas decisões, nos termos deste regulamento, são soberanas e irrecorríveis. (FOLHAINVEST, 2014).

3 Metodologia

Esta pesquisa pode ser classificada quanto aos objetivos como descritiva, pois estabelece relações entre variáveis e coleta de dados pela observação sistemática. De acordo com Gil (2002, p.42) são pesquisas descritivas “aquelas que visam descobrir a existência de associações entre variáveis”. Quanto ao delineamento pode ser considerada bibliográfica, pois o trabalho de análise se inicia com a coleta de dados fornecidos nos BDI. Ainda Gil (2002, p. 44) diz que a pesquisa bibliográfica “é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas”.

Para o acompanhamento deste estudo foi elaborada uma planilha na plataforma *Microsoft Office Excel*, na qual eram lançados diariamente os dados extraídos dos BDI e armazenados em tabelas que podem ser visualizadas em gráficos. O arquivo dispõe de várias planilhas que foram alimentadas com informações lançadas uma única vez na planilha correspondente à determinada ação.

Esta planilha permitiu realizar uma coleta quantitativa de dados que foram tratados eletronicamente e transformados em informações que permitiram elaborar uma análise qualitativa da carteira de ações, garantindo um embasamento para auxiliar na tomada de decisão

sobre qual melhor momento e em quais ações investir, acompanhando a influência do mercado nas empresas estudadas.

As informações podem ser buscadas para cada lote de ação, para todas as ações ou para um determinado boletim. A visualização gráfica é individualizada por ação. Para permitir maior riqueza de informações, em cada planilha de ações, foram disponibilizados *links* com as principais instituições relacionadas ao acompanhamento da evolução das ações. Assim, foram acrescentados os *hiperlinks* para: [empresa](#), [BM&FBOVESPA](#), [ações](#), [BDI](#) e [FOLHAINVEST](#). Tomada a decisão pela composição da carteira de ações, cadastrou-se o usuário na página do simulador da Folhainvest e lançaram-se as ações na planilha eletrônica. Uma atividade era acompanhar a evolução da carteira junto ao simulador e a outra, a oscilação do preço das ações diariamente, por meio dos BDI e do arquivo Carteira de Ações.xls. Ao final do período de acompanhamento, elaborou-se um relatório sucinto sobre a composição da carteira.

4 Evolução de uma Carteira de Ações

Iniciando este trabalho, foi criada uma carteira de ações no simulador da Folhainvest, para permitir a familiarização com o processo de investimento. Todas as ações naquela plataforma se assemelham às realizadas no ambiente de investimentos da BM&FBOVESPA.

Assim, foram escolhidas aleatoriamente dez empresas e onze lotes de ações para alimentar uma carteira de ações e para isso, o simulador disponibiliza fictícios R\$ 200.000,00 (duzentos mil reais) para a aquisição inicial das ações. Foram adquiridas quantidades diferentes de ações para cada lote.

Durante o período de acompanhamento, foram realizadas vendas e aquisições de novos lotes, utilizando as informações de mercado e orientações dadas pelo simulador. Não foram feitas anotações das transações, o que prejudica uma avaliação didática da carteira, mas pôde-se verificar a validade desta ferramenta de treinamento.

A planilha eletrônica permitiu acompanhar a evolução das ações de cada empresa, com lançamentos diários da oscilação das ações. Estes lançamentos são feitos com base nos BDI, de onde foram extraídas todas as informações referentes a cada ação e à respectiva empresa. Este arquivo possui quatorze planilhas, assim estruturadas:

Planilha CARTEIRA: é a planilha onde são lançadas as ações adquiridas, separadas por tipo (a preço ou a mercado), com as seguintes informações:

Operação (OP) de Compra (C) ou venda (V), nome da ação (NOME), quantidade (QTD), valor unitário da ação (VALOR OP), o valor do lote de ações (SUBTOTAL), a variação no dia da transação (VAR) e a data da operação (DATA).

A Tabela 1 apresenta a composição da Carteira de Ações acompanhadas neste estudo e corresponde à Planilha CARTEIRA.

OP	AÇÃO	QTDE	VALOR OP	SUBTOTAL	VAR	DATA
C	ABEV	100	R\$ 16,98	R\$ 1.698,00	1,49	09/12/2013
C	BVMF3	500	R\$ 11,25	R\$ 5.625,00	-2,31	09/12/2013
C	EMBR3	500	R\$ 17,50	R\$ 8.750,00	1,63	09/12/2013
C	GOAU4	1.000	R\$ 22,70	R\$ 22.700,00	-0,96	09/12/2013
C	ITUB4	1.000	R\$ 31,57	R\$ 31.570,00	1,51	09/12/2013
C	KLBN4	2.000	R\$ 12,04	R\$ 24.080,00	0,17	09/12/2013
C	KROT3	500	R\$ 38,74	R\$ 19.370,00	-0,15	09/12/2013
C	LEVE3	100	R\$ 26,60	R\$ 2.660,00	-2,10	09/12/2013
C	PETR3	1.000	R\$ 16,11	R\$ 16.110,00	-2,36	09/12/2013
C	PETR4	500	R\$ 17,28	R\$ 8.640,00	-1,99	09/12/2013
C	VALE5	1.500	R\$ 32,95	R\$ 49.425,00	0,30	09/12/2013
SOMA				R\$ 190.628,00		

Tabela 1:
Carteira de Ações
Fonte: Autores
(2014)

As Planilhas 2 e 3, idênticas, denominadas GERAL fornecem as informações da carteira a partir de um determinado BDI. Assim, para consultar informações sobre ações da carteira em determinada data, basta lançar o número do BDI para que as informações estejam disponíveis.

ANO:		2013		BDI		248		30-dez-13				
CÓDIGO	EMPRESA	AÇÃO	ABT (RS)	MIN (RS)	MAX (RS)	MED (RS)	FCH (RS)	OSC (%)	OFERTAS		NEGÓCIOS REALIZADOS	
									CMP (RS)	VND (RS)	NÚM	QTD
#ABEV3	AMBEV S/A	ON	17,20	17,05	17,39	17,28	17,32	1,29	17,29	17,32	12.088	3.833.300
#BVMF3	BMFBVESPA	ON NM	10,90	10,83	10,99	10,90	10,90	0,83	10,90	10,92	16.564	18.237.300
#EMBR3	EMBRAER	ON NM	18,81	18,81	19,09	18,91	18,85	0,21	18,84	18,85	4.691	1.516.300
#GOAU4	GERDAU MET	PN N1	23,31	23,01	23,49	23,21	23,30	-0,47	23,04	23,30	1.904	571.900
#ITUB4	ITAUNIBANCO	PN N1	31,64	31,59	31,98	31,77	31,60	-0,28	31,60	31,66	13.257	6.650.100
#KLBN4	KLABIN S/A	PN ES N1	12,18	11,94	12,18	12,11	12,15	-0,33	12,15	12,17	4.455	1.509.800
#KROT3	KROTON	ON NM	38,56	38,52	38,85	38,75	38,84	0,94	38,67	38,84	2.064	479.200
LEVE3	METAL LEVE	ON NM	27,38	26,62	27,38	26,91	26,70	-1,66	26,70	26,71	733	169.000
#PETR3	PETROBRAS	ON	16,00	15,91	16,30	16,10	15,99	0,50	15,99	16,00	9.705	4.787.100
#PETR4	PETROBRAS	PN	16,95	16,95	17,25	17,11	17,08	0,89	17,08	17,09	14.257	10.501.500
#VALE5	VALE	PNA N1	32,42	32,40	33,02	32,83	32,73	0,99	32,73	32,74	14.128	9.420.100

Tabela 2:
GERAL (2013)
Fonte: Autores
(2014)

A finalidade dessa tabela é permitir acesso rápido a um boletim, permitindo verificar todos os dados referentes àquela data. A Tabela 2 – GERAL (2013) é um exemplo das informações do BDI 248, de 30/12/2013. Para permitir o arquivamento desses registros, confeccionou-se uma planilha para cada ano.

A Planilha seguinte é o relatório que apresenta as informações de evolução da carteira desde a data de composição em 29/11/2013, até 31/01/2014, consolidando as variações de cada ação e a média de oscilação. Assim pode-se, após rápida consulta, inferir sobre venda ou compra de ações. A primeira coluna “EMPRESA” está subdividida em “BDI” e “DATA”, onde foram lançados os BDI e suas respectivas datas. As colunas a seguir, também subdivididas em duas, apresentam o valor da ação no fechamento do pregão e a oscilação diária da ação. A última linha apresenta a média do valor das ações e das oscilações, dados que podem ser transformados em informações. O Relatório está consolidado na Tabela 3.

As demais planilhas correspondem ao acompanhamento de cada lote de ação, e foram elaboradas uma para cada ação, num total de onze e nelas constam todos os dados extraídos do BDI. Para cada tabela, um gráfico demonstra a oscilação da ação desde sua compra, fornecendo informações rápidas como se o valor atual da ação é maior ou menor que na data de aquisição, a tendência do mercado e outras.

Tabela 3:
Relatório
Fonte: Autores
(2014)

EMPRESA	AMBEV		BM&F BOVESPA		EMBRAER		GERDAU		ITAU UNIBANCO		KLABIN		KROTON		METAL LEVE		PETROBRAS		VALE DO RIO DOCE				
LOTE	#ABEV3		#BVMF3		#EMBR3		#GOAU4		#ITUB4		#KLABN4		#KROT3		#LEVE3		#PETR3		#VALES				
BDI	FCH (R\$)	OSC (%)	FCH (R\$)	OSC (%)	FCH (R\$)	OSC (%)	FCH (R\$)	OSC (%)	FCH (R\$)	OSC (%)	FCH (R\$)	OSC (%)	FCH (R\$)	OSC (%)	FCH (R\$)	OSC (%)	FCH (R\$)	OSC (%)	FCH (R\$)	OSC (%)			
329	29/11	17,56	0,57	11,79	0,85	18,14	-0,22	22,70	0,08	32,96	1,25	12,10	1,76	39,55	1,88	28,03	-0,42	18,32	3,32	19,12	2,46	32,79	1,51
230	2/12	17,51	-0,28	11,50	-2,46	17,93	-1,16	22,58	-0,53	32,22	-2,25	12,35	2,07	39,20	-0,88	27,00	-3,67	16,42	-10,37	17,36	-9,21	32,64	-0,46
231	3/12	17,16	-2,00	11,11	-3,39	17,86	-0,39	22,30	-1,24	31,78	-1,37	12,15	-1,62	38,30	-2,30	27,09	0,33	16,57	0,91	17,51	0,86	32,21	-1,32
232	4/12	16,60	-3,26	11,17	0,54	17,37	-2,74	22,30	0,00	31,20	-1,83	12,04	-0,91	38,40	0,26	27,69	2,21	16,42	-0,91	17,40	-0,63	32,99	0,56
233	5/12	16,85	1,51	10,66	-4,57	17,22	-0,86	22,92	2,78	31,10	-0,32	12,02	-0,17	38,10	1,04	27,46	-0,83	16,50	0,49	17,63	1,32	32,85	1,42
234	6/12	16,74	-0,65	11,25	5,53	17,40	1,05	22,79	-0,57	31,43	1,06	11,97	-0,42	38,75	-0,13	27,17	-1,06	16,15	-2,12	17,23	-2,27	32,95	0,30
235	9/12	16,99	1,49	10,99	-2,31	17,55	0,86	22,99	0,88	31,70	0,86	11,98	0,08	39,00	0,65	26,60	-2,10	16,07	-0,50	17,25	0,12	33,13	0,55
236	10/12	16,80	-1,12	10,95	-0,36	17,38	-0,97	23,09	0,43	31,53	-0,54	11,84	-1,17	38,95	-0,13	26,76	0,60	16,12	0,31	17,30	0,29	32,85	-0,85
237	11/12	16,87	0,42	10,58	-3,38	17,69	1,78	22,69	-1,73	30,69	-2,66	11,62	-1,86	38,38	-1,46	27,01	0,93	15,66	-2,85	16,78	-3,01	32,20	-1,98
238	13/12	16,60	-1,60	10,96	3,59	17,75	0,34	22,28	-1,81	30,95	0,85	11,63	0,09	38,38	0,00	27,11	0,37	15,70	0,26	16,86	0,48	31,95	-0,78
239	16/12	16,41	-1,14	10,81	-1,37	18,26	2,87	22,34	0,27	30,95	0,00	11,60	-0,26	38,00	-0,99	26,86	-0,92	15,85	0,96	17,03	1,01	31,88	-0,22
240	17/12	16,51	0,61	10,79	-0,19	18,52	1,42	22,48	0,63	31,17	0,71	11,61	0,09	38,00	0,00	26,79	-0,26	16,10	1,58	17,34	1,82	31,79	-0,28
241	18/12	16,50	-0,06	10,63	-1,48	18,53	0,05	22,65	0,76	31,21	0,13	11,68	0,60	37,55	-1,18	26,85	0,22	15,57	-3,29	16,80	-3,11	31,74	-0,16
242	19/12	16,70	1,21	10,57	-0,56	18,38	-0,81	23,12	2,08	31,40	0,61	11,85	1,46	37,50	-0,13	26,70	-0,56	15,71	0,90	16,84	0,24	31,89	0,47
243	20/12	17,03	1,98	10,71	1,32	18,20	-0,98	23,80	2,94	32,10	2,23	12,38	4,47	37,99	1,31	26,78	0,30	16,05	2,16	17,25	2,43	32,35	1,44
244	23/12	16,95	-0,47	10,49	-2,05	18,81	3,35	23,61	-0,80	31,55	-1,71	12,35	-0,24	38,00	0,03	27,45	2,50	15,80	-1,56	16,91	-1,97	31,88	-1,45
245	26/12	17,07	0,71	10,63	1,33	18,60	-1,12	23,65	0,17	31,47	-0,25	12,30	-0,40	38,50	1,32	27,10	-1,28	15,87	0,44	17,06	0,89	31,80	-0,25
246	27/12	16,94	-0,76	10,81	1,69	18,81	1,13	23,41	-1,01	31,69	0,70	12,19	-0,89	38,48	-0,05	27,15	0,18	15,80	-0,44	16,92	-0,82	31,90	0,31
247	30/12	17,32	1,29	10,90	0,83	18,85	0,21	23,30	-0,47	31,60	-0,28	12,15	-0,33	38,84	0,94	26,70	-1,66	15,99	0,50	17,08	0,89	32,73	0,99
1	2/1	17,39	0,40	10,58	-4,34	19,20	1,64	22,95	-1,92	31,52	0,54	11,99	-2,20	38,40	-2,19	26,87	-1,93	15,82	-1,06	16,75	-1,93	32,71	-0,57
2	3/1	16,90	-2,82	10,68	0,95	19,12	-0,42	22,71	-1,05	31,31	-0,67	11,99	0,00	38,48	0,21	27,30	1,60	15,34	-3,03	16,42	-1,97	31,42	-1,57
3	6/1	16,80	-0,59	10,41	-2,53	19,10	-0,10	22,69	-0,09	31,51	0,64	11,98	-0,08	38,50	0,05	26,65	-2,38	15,69	2,28	16,62	1,22	31,58	0,21
4	7/1	17,33	3,15	10,31	-0,96	19,30	1,05	22,55	-0,62	31,27	-0,76	11,85	-1,09	38,00	-1,30	26,35	-1,13	15,20	-3,12	16,16	-2,77	30,90	-2,15
5	8/1	17,50	0,98	10,55	2,33	19,40	0,52	22,50	-0,22	31,76	1,57	12,08	1,94	38,78	2,05	26,72	1,40	15,21	0,07	16,19	0,19	31,08	0,58
6	9/1	17,09	-2,34	10,16	-3,70	19,10	-1,55	22,30	-0,89	30,77	-3,12	11,93	-1,24	38,15	-1,82	26,68	-0,15	14,80	-2,70	15,70	-3,03	29,93	-3,70
7	10/1	17,20	0,64	10,16	0,00	19,05	-0,26	22,60	1,35	30,92	0,49	12,40	3,94	39,20	2,75	26,30	-1,42	15,01	1,42	15,97	1,72	30,09	0,53
8	13/1	17,04	-0,93	10,09	-0,69	19,30	1,31	22,13	-2,08	30,78	-0,45	12,37	-0,24	39,05	-0,38	25,99	-1,18	14,71	-2,00	15,77	-1,25	29,80	-0,06
9	14/1	17,25	1,23	10,23	1,39	19,84	2,80	21,78	-1,58	31,24	1,49	12,50	1,05	39,20	0,38	25,60	-1,50	14,65	-0,41	15,70	-0,44	29,80	0,00
10	15/1	17,00	-1,45	10,34	1,08	20,05	1,06	22,02	1,10	31,25	0,03	12,71	1,68	38,76	-1,12	25,56	-0,16	15,12	3,21	16,04	2,17	30,23	1,44
11	16/1	16,78	-1,29	10,17	-1,64	20,30	1,25	22,08	0,27	30,60	-2,08	12,73	0,16	38,36	-1,03	25,55	-0,04	14,71	-2,71	15,59	-2,81	30,29	0,20
12	17/1	16,64	-0,83	10,08	-0,88	19,83	-2,32	21,83	-1,13	30,00	-1,96	12,69	-0,31	37,65	-1,85	24,80	-2,94	14,61	-0,68	15,51	-0,51	30,02	-0,89
13	20/1	16,70	0,36	10,02	-0,60	19,50	-1,66	21,53	-1,37	29,76	-0,80	12,65	-0,32	37,49	-0,42	24,70	-0,40	14,30	-2,12	15,18	-2,13	29,17	-2,83
14	21/1	16,90	1,20	9,83	-1,90	19,65	0,77	21,12	-1,90	30,18	1,41	12,55	-0,79	37,23	-0,69	24,98	1,13	14,35	0,35	15,34	1,05	28,48	-2,37
15	22/1	17,14	1,42	10,00	1,73	19,77	0,61	21,46	1,61	30,25	0,23	12,60	0,40	37,33	0,27	25,10	0,48	14,79	3,07	15,84	3,26	28,91	1,51
16	23/1	16,55	-3,44	9,75	-2,50	19,70	-0,35	21,17	-1,35	29,65	-1,98	12,59	-0,08	36,85	-1,29	25,45	1,39	14,45	-2,30	14,47	-2,34	28,15	-2,63
17	24/1	16,43	-0,73	9,70	-0,51	19,26	-2,23	21,31	0,66	29,26	-1,32	12,49	-0,79	35,98	-2,36	25,00	-1,77	14,08	-2,56	15,10	-2,39	28,63	1,71
18	27/1	16,04	-2,37	9,90	2,06	18,91	-1,82	20,83	-2,25	29,85	2,02	12,60	0,88	36,30	0,89	24,50	-2,00	14,02	-0,43	15,11	0,07	28,54	-0,31
19	28/1	16,10	0,37	9,84	-0,61	19,28	1,96	20,83	0,00	30,06	0,70	12,45	-1,19	36,75	1,24	24,15	-1,43	14,02	0,00	15,05	-0,40	28,88	1,19
20	29/1	16,05	-0,31	9,51	-3,35	19,00	-1,45	21,25	2,02	29,49	-1,90	12,36	-0,72	36,66	-0,24	24,00	-0,62	13,75	-1,93	14,80	-1,66	29,96	3,74
21	30/1	15,87	-1,12	9,40	-1,16	18,56	-2,32	21,14	-0,52	29,52	0,10	12,20	-1,29	36,40	-0,71	24,14	0,58	13,64	-0,80	14,70	-0,68	29,76	-0,67
22	31/1	16,09	1,39	9,59	2,02	18,39	-0,92	21,42	1,32	30,28	2,57	12,34	1,15	36,88	1,32	24,47	1,37	13,77	0,95	14,70	0,00	30,00	0,81
MÉDIA		16,83	-0,21	10,45	-0,49	18,75	0,03	22,32	-0,14	30,97	-0,15	12,19	0,08	38,07	-0,14	26,22	-0,39	15,33	-0,60	16,38	-0,56	31,01	-0,21

O Apêndice 1 (Carteira de Ações) apresenta uma consolidação das diversas ações acompanhadas no período de 29/11/2013 até 31/01 de 2014. Para cada ação foi elaborada sua respectiva tabela e gráfico. Esta ferramenta pode ser utilizada para embasar decisões a respeito das oportunidades ou não de investimento em determinadas ações. As ações encontram-se na seguinte ordem: AMBEV, BM&FBOVESPA, EMBRAER, GERDAU, ITAU UNIBANCO, KLABIN, KROTON, METAL LEVE, PETROBRAS (dois lotes) e VALE (Tabelas 6 a 16) e os gráficos respectivos (Gráficos 2 a 12). Como exemplo, a Tabela 4 – AMBEV ON (#ABEV3) demonstra o acompanhamento deste lote de ações desde sua aquisição. O Gráfico 1 – AMBEV ON (#ABEV3) corresponde ao acompanhamento das ações da AMBEV, refletindo as informações da tabela acima.

BDI	DATA	ABT (R\$)	MIN (R\$)	MAX (R\$)	MED (R\$)	FCH (R\$)	OSC (%)	OFERTAS		NEGÓCIOS REALIZADOS	
								CMP (R\$)	VND (R\$)	NÚM	QTDE
229	29/11/2013	17,46	17,37	17,69	17,55	17,56	0,57	17,55	17,58	11.659	5.408.400
230	02/12/2013	17,40	17,37	17,73	17,58	17,51	-0,28	17,50	17,51	16.202	9.394.700
231	03/12/2013	17,43	16,85	17,49	17,16	17,16	-2,00	17,15	17,16	27.033	12.956.400
232	04/12/2013	17,25	16,60	17,36	16,80	16,60	-3,26	16,60	16,70	17.043	23.923.700
233	05/12/2013	16,83	16,60	17,04	16,80	16,85	1,51	16,85	16,87	19.720	10.741.700
234	06/12/2013	17,02	16,71	17,09	16,81	16,74	-0,65	16,73	16,74	13.038	9.004.800
235	09/12/2013	16,84	16,64	17,00	16,90	16,99	1,49	16,98	16,99	17.577	12.360.400
236	10/12/2013	16,95	16,65	17,04	16,79	16,80	-1,12	16,76	16,80	16.974	6.007.700
237	11/12/2013	16,80	16,71	17,01	16,89	16,87	0,42	16,87	16,88	12.689	5.106.200
238	12/12/2013	16,85	16,53	16,93	16,65	16,60	-1,60	16,57	16,60	13.195	6.630.100
239	13/12/2013	16,70	16,31	16,78	16,47	16,41	-1,14	16,40	16,41	15.203	5.949.400
240	16/12/2013	16,39	16,22	16,66	16,45	16,51	0,61	16,51	16,53	20.059	7.405.500
241	17/12/2013	16,56	16,27	16,68	16,51	16,50	-0,06	16,46	16,50	20.186	6.671.500
242	18/12/2013	16,59	16,56	16,88	16,73	16,70	1,21	16,70	16,76	24.257	10.423.500
243	19/12/2013	17,00	16,66	17,04	16,89	17,03	1,98	17,01	17,03	17.086	7.432.100
244	20/12/2013	17,00	16,82	17,04	16,94	16,95	-0,47	16,90	16,95	10.844	6.232.300
245	23/12/2013	17,00	16,95	17,19	17,05	17,07	0,71	17,06	17,08	10.677	4.834.300
246	26/12/2013	17,00	16,94	17,13	17,01	16,94	-0,76	16,93	17,00	7.902	3.599.000
247	27/12/2013	17,00	16,94	17,22	17,08	17,10	0,94	17,07	17,11	13.323	5.211.700
248	30/12/2013	17,20	17,05	17,39	17,28	17,32	1,29	17,29	17,32	12.088	3.833.300
1	02/01/2014	17,30	17,18	17,50	17,39	17,39	0,40	17,38	17,40	22.521	8.011.000
2	03/01/2014	17,41	16,90	17,44	16,95	16,90	-2,82	16,90	16,91	23.894	24.766.000
3	06/01/2014	16,95	16,55	17,09	16,72	16,80	-0,59	16,77	16,80	18.209	9.328.400
4	07/01/2014	17,04	16,94	17,40	17,25	17,33	3,15	17,31	17,33	27.753	18.665.300
5	08/01/2014	17,35	17,24	17,57	17,41	17,50	0,98	17,48	17,50	19.802	11.367.000
6	09/01/2014	17,46	17,01	17,49	17,17	17,09	-2,34	17,07	17,09	20.618	8.787.000
7	10/01/2014	17,10	16,89	17,23	17,08	17,20	0,64	17,18	17,21	24.875	13.781.500
8	13/01/2014	17,18	17,03	17,27	17,12	17,04	-0,93	17,04	17,05	14.070	5.050.800
9	14/01/2014	17,03	16,96	17,32	17,19	17,25	1,23	17,24	17,25	15.785	7.095.200
10	15/01/2014	17,12	16,92	17,20	17,06	17,00	-1,45	16,98	17,00	15.056	6.145.200
11	16/01/2014	17,02	16,74	17,12	16,86	16,78	-1,29	16,78	16,80	16.103	5.800.100
12	17/01/2014	16,82	16,60	16,86	16,70	16,64	-0,83	16,64	16,65	13.003	4.752.000
13	20/01/2014	16,63	16,57	16,80	16,69	16,70	0,36	16,65	16,70	5.592	2.751.800
14	21/01/2014	16,77	16,67	17,13	16,87	16,90	1,20	16,83	16,90	14.789	7.026.100
15	22/01/2014	17,01	16,92	17,16	17,08	17,14	1,42	17,13	17,14	17.766	12.101.900
16	23/01/2014	17,00	16,55	17,24	16,86	16,55	-3,44	16,55	16,59	21.810	15.352.600
17	24/01/2014	16,72	16,10	16,75	16,38	16,43	-0,73	16,42	16,43	28.594	13.478.000
18	27/01/2014	16,44	16,04	16,59	16,18	16,04	-2,37	16,04	16,08	17.939	7.496.000
19	28/01/2014	16,30	16,10	16,51	16,32	16,10	0,37	16,10	16,14	19.442	10.879.500
20	29/01/2014	16,15	15,82	16,48	16,10	16,05	-0,31	16,05	16,08	20.596	10.453.600
21	30/01/2014	16,06	15,66	16,15	15,93	15,87	-1,12	15,85	15,87	14.837	7.515.000
22	31/01/2014	15,76	15,50	16,19	15,86	16,09	1,39	16,09	16,10	21.184	13.132.100

Tabela 4:

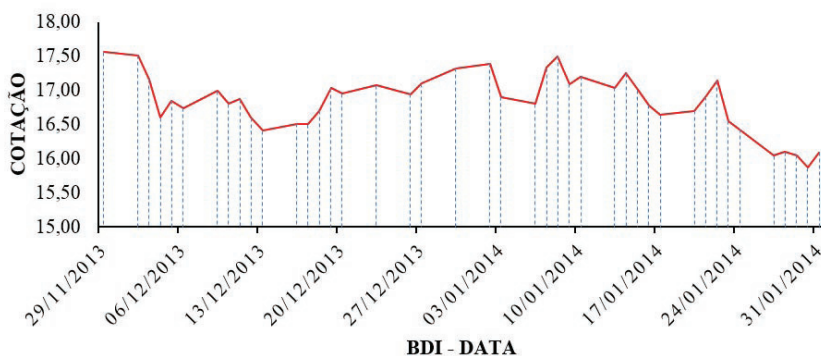
AMBEV ON
(#ABEV3)Fonte: Autores
(2014)

Gráfico 1:

AMBEV ON
(#ABEV3)Fonte: Autores
(2014)

Longe de ser um aplicativo que substitua ferramentas disponibilizadas pela BM&FBOVESPA, esta plataforma destina-se a pequenos investidores e empresas que necessitem acompanhar de maneira rápida e fácil a evolução dos seus investimentos, bem como e principalmente para

acadêmicos que necessitem realizar estudos sobre mercado de capitais. A facilidade de utilização e a riqueza de informações que daí podem ser extraídas permitirão, de maneira prática e eficiente, avaliar a evolução de suas ações. Ainda poderão ser acrescentados outros recursos ou utilizados os disponíveis parcialmente para atender necessidades específicas. Para o acompanhamento desta carteira de ações, foi possível determinar, utilizando o aplicativo CARTEIRA DE AÇÕES.xls, que as ações escolhidas apresentaram a seguinte evoluções, como consta na Tabela 5 (Evolução da Carteira de Ações), extraídas da planilha RELATÓRIO (Tabela 3):

EMPRESA	AÇÃO	COMPRA (R\$)	MAIOR		MÉDIA	
			ALTA (R\$)	QUEDA (R\$)	PREÇO (R\$)	OSC (%)
AMBEV	#ABEV3	17,56	17,56	15,87	18,83	-0,21
BM&FBOVESPA	#BVMF3	11,79	11,79	9,40	10,45	-0,49
EMBRAER	#EMBR3	18,14	20,30	17,22	18,75	0,03
GERDAU	#GOAU4	22,70	23,80	20,83	22,32	-0,14
ITAU UNIBANCO	#ITUB4	32,96	32,96	29,26	30,97	-0,15
KLABIN	#KLBN4	12,10	12,73	11,60	12,19	0,08
KROTON	#KROT3	39,55	39,55	35,98	38,07	-0,14
METAL LEVE	LEVE3	28,03	28,03	24,00	26,22	-0,39
PETROBRAS	#PETR3	18,32	18,32	13,64	15,33	-0,60
PETROBRAS	#PETR4	19,12	19,12	14,70	16,38	-0,56
VALE	#VALE5	32,79	32,95	28,15	31,01	-0,21

Tabela 5:
Evolução da
Carteira de Ações
Fonte: Autores
(2014)

Das informações condensadas na Tabela 5, pode-se concluir que as ações da EMBRAER e da KLABIN apresentaram evoluções positivas, demonstrando que se tivessem sido adquiridas conforme a situação da carteira de ações, estariam representando retorno favorável a seus investidores. Todas as demais apresentam uma oscilação média negativa, indicando que a data em que foram adquiridas (caso as tivessem) não eram as mais indicadas e deve-se esperar um maior prazo para verificar as possibilidades de ganhos.

Ações da BM&FBOVESPA, METAL LEVE e PETROBRAS foram as que apresentaram maiores quedas, mas isso não as inviabiliza como opções de investimentos. Deve-se observar os mercados e definir as melhores condições para assumir o risco. A aproximação do final do ano, com a conseqüente redução da liquidez de mercado experimentada naquele período, aliada às consecutivas altas da taxa de câmbio e ao anúncio do crescimento da economia americana de aproximadamente 4%, além dos rumores de inadimplência por parte de um dos sócios no consórcio de exploração do pré-sal e dos desencontros entre a estatal e o governo sobre o reajuste dos combustíveis culminou na queda vertiginosa no preço das ações da PETROBRAS.

Outra empresa que influencia diretamente as variações do Ibovespa é a VALE que, juntamente com a PETROBRAS representam mais de 15% dos papéis negociados na Bolsa.

O julgamento do Superior Tribunal da Justiça (STJ) sobre a tributação de lucros de subsidiárias da mineradora no exterior pode ter sido o motivo principal da queda experimentada no início deste trabalho. As ações da VALE passaram a experimentar leve melhora no final do período pesquisado em virtude da valorização das ações de exportadoras que se beneficiaram

com o aumento do dólar. As ações da PETROBRÁS, ao contrário, não se valorizaram no final do período de acompanhamento, principalmente após a divulgação das notícias de que a produção de petróleo dos campos brasileiros foi a pior desde 2008.

Notícias que podem ter representado as oscilações positivas da EMBRAER são o cumprimento dos contratos de fabricação e entrega de mais de duzentas aeronaves para o mercado executivo e comercial, além do pedido de fabricação de 150 aviões E-175 realizado pela American Airlines em meados de dezembro de 2013. Fatos positivos também rondaram a Klabin no período estudado, como a emissão de debêntures para aumentar o volume de produção nos próximos anos.

O risco de investimento pode ser evidenciado com o emprego deste aplicativo, e uma simples observação sobre as oscilações (gráficos) poderiam indicar o melhor momento para se investir. Claro que estas informações não são suficientes para a tomada de decisão, mas podem apontar dentre ações pesquisadas, aquelas que merecem atenção especial. A realização deste estudo de acompanhamento permitiu acessar de maneira cada vez menos temerosa os recursos disponibilizados pela BM&FBOVESPA, desde o uso dos simuladores, cursos e acompanhamento das variações de mercado, mostrando-se uma plataforma bastante amigável para os investidores, mesmo aqueles menos preparados. Percebe-se que a utilização com frequência leva a uma compreensão cada vez mais vantajosa para a tomada de decisão em investir ou não.

5 Conclusão

Ganhar ou perder no mercado de ações é um risco que se deve assumir quando da decisão por investir. Esse risco é inerente ao mercado e não significa insegurança. O mercado de capitais, particularmente o brasileiro é um ramo de investimento muito seguro em termos institucionais, pois disponibiliza ferramentas e normas rigorosas de atuação e fiscalização para coibir fraudes.

Trabalhar no ambiente do simulador, paralelamente às consultas aos BDI afastou de vez a desconfiança de que investir na Bolsa de Valores é uma atividade para pessoas destemidas, inconsequentes e especuladoras. Percebeu-se que o acesso à informação permite tomar decisões de quanto, quando e onde investir trará os melhores resultados, para grandes, médios ou pequenos investidores.

Apesar das duas formas de análise para investimento na renda variável ser a grafista e a fundamentalista, o desenvolvimento da planilha permite reunir as informações da carteira de ações e apesar do fácil manuseio, pode ser alterada e melhorada, visando aperfeiçoar essa ferramenta de tomada de decisão para investir.

Para gestores, saber destinar recursos em investimentos variados é condição essencial para minorar riscos e melhorar as expectativas de ganhos sobre capital investido. Percebeu-se porém, que o acompanhamento diário dos índices deve ocorrer com a atenta atualização das notícias de mercado, de maneira generalizada, buscando novas possibilidades de investimento e de maneira detalhada das empresas nas quais se tenha a intenção ou que já existam investimentos.

Referências

BM&FBOVESPA. **Entenda o Mercado de Ações**. Disponível em:

<[Http://www.bmfbovespa.com.br/pt-br/educacional/iniciantes/mercado-de-acoes/entenda-o-mercado-de-acoes/entenda-o-mercado-deacoes.aspx?idioma=pt-br](http://www.bmfbovespa.com.br/pt-br/educacional/iniciantes/mercado-de-acoes/entenda-o-mercado-de-acoes/entenda-o-mercado-deacoes.aspx?idioma=pt-br)>. Acesso em 16 dez. 2013).

FILHO, H. C. **Apostila Excel: Básico**. São Paulo: ETEC, 2010.

FOLHAINVEST. **Simulador Folha**. São Paulo, 2014. Disponível em: <<http://folhainvest.folha.com.br/>>. Acesso em: 10 mar. 2014.

FORTUNA, E. **Mercado Financeiro: Produtos e Serviços** – Rio de Janeiro: Qualitymark, 2005.

FRANCO, T. A. **Formação de carteira de ações baseada em análise fundamentalista multifatorial**. São Paulo, 2007. 102 f. Monografia (Graduação em Engenharia de Produção) – Escola Politécnica, Universidade de São Paulo.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GITMAN, L. J. **Princípios da administração financeira**. 10. ed. São Paulo:

Pearson Addison Wesley, 2004.

HOJI, M. **Administração Financeira: Uma abordagem prática: matemática financeira, aplicada, estratégias financeiras, análise, planejamento e controle financeiro**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

LAGIOIA, U. C. T. **Fundamentos do Mercado de Capitais**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

NETO, A. A. **Finanças corporativas e valor**. 1. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

PORTAL DO INVESTIDOR. **Investidor: Sistema de Distribuição e Intermediação**, 2014. Disponível em: <http://www.portaldoinvestidor.gov.br/menu/Menu_Investidor/sistema_distribuicao/corretoras.html>. Acesso em: 8 mar. 2014.

Nota:

[1] Trabalho apresentado na conclusão do Curso de Extensão em Mercado de Capitais, realizado no período de 30 de novembro de 2013 a 01 de março de 2014.

Apêndice 1 – Carteira de Ações

Consolidação das diversas ações acompanhadas no período de 29/11/2013 até 31/01/2014.

Para cada uma dessas foi elaborada sua respectiva tabela e gráfico. Esta ferramenta pode ser utilizada para embasar decisões a respeito das oportunidades ou não de investimento em determinadas ações. As ações encontram-se na seguinte ordem: AMBEV, BM&FBOVESPA, EMBRAER, GERDAU, ITAU UNIBANCO, KLABIN, KROTON, METAL LEVE, PETROBRAS (dois lotes) e VALE (Tabelas 6 a 16).

Tabela 6: AMBEV ON (#ABEV3)

BDI	DATA	ABT (RS)	MIN (RS)	MAX (RS)	FCH (RS)	PCH (RS)	OSC (%)	OFERTAS			NEGÓCIOS REALIZADOS			
								(%)	CMP (RS)	VND (RS)	NM (RS)	QTD	REALIZADO (RS)	QTD
220	29/11/2013	17,00	16,55	17,55	16,57	17,59	0,02	111,89	111,89	111,89	111,89	111,89	111,89	
230	02/12/2013	17,40	17,37	17,51	17,51	17,51	-0,28	17,50	17,51	16,202	9.994,70			
231	05/12/2013	17,45	16,85	17,49	17,16	17,16	-2,06	17,16	17,16	27.033	12.956,00			
232	04/12/2013	17,25	16,94	17,56	16,90	16,90	-0,66	16,90	16,90	18.293	2.923,00			
233	05/12/2013	16,83	16,80	17,00	16,80	16,81	1,51	16,81	16,81	19.720	10.741,70			
234	06/12/2013	17,02	16,71	17,00	16,61	16,74	-0,65	16,74	16,74	14.018	9.004,80			
235	09/12/2013	16,84	16,64	17,00	16,50	16,49	-1,89	16,50	16,50	17.577	10.720,00			
236	10/12/2013	16,95	16,65	17,00	16,70	16,78	1,13	16,78	16,80	16.974	8.607,70			
237	11/12/2013	16,80	16,71	17,00	16,69	16,47	-0,42	16,67	16,68	12.689	5.106,20			
238	12/12/2013	16,85	16,53	16,89	16,60	16,60	-1,10	16,60	16,60	19.195	6.830,10			
239	13/12/2013	16,70	16,58	16,78	16,47	16,47	-0,66	16,47	16,47	16.641	7.201,00			
240	16/12/2013	16,39	16,22	16,66	16,45	16,51	0,61	16,51	16,53	20.059	7.405,50			
241	17/12/2013	16,56	16,56	16,78	16,47	16,47	-0,66	16,47	16,47	16.800	6.477,50			
242	18/12/2013	16,39	16,36	16,58	16,73	16,70	1,21	16,70	16,76	24.257	10.423,50			
243	19/12/2013	17,00	16,66	17,04	16,80	17,01	1,88	17,01	17,03	17.066	7.432,10			
244	20/12/2013	17,00	16,82	17,04	16,94	16,97	-0,17	16,96	16,95	10.844	6.232,30			
245	23/12/2013	17,00	16,69	17,05	17,07	17,07	0,78	17,08	17,08	10.677	4.834,40			
246	26/12/2013	17,00	16,94	17,11	17,04	16,94	-0,76	16,94	17,00	7.962	3.999,00			
247	27/12/2013	17,00	16,84	17,22	17,08	17,10	0,84	17,07	17,11	13.823	5.211,70			
248	02/01/2014	17,20	17,05	17,39	17,28	17,28	1,29	17,29	17,25	12.088	5.813,00			
249	03/01/2014	17,30	17,18	17,59	17,39	17,40	0,78	17,40	17,40	22.521	8.011,00			
250	06/01/2014	17,41	16,90	17,44	16,95	16,98	-0,42	16,98	16,93	29.894	24.766,00			
251	08/01/2014	16,95	16,55	17,09	16,72	16,80	-0,39	16,80	16,80	29.929	9.328,00			
252	07/01/2014	17,04	16,84	17,40	17,25	17,33	1,13	17,33	17,33	15.645	6.645,00			
253	08/01/2014	17,35	17,24	17,57	17,41	17,50	0,98	17,48	17,51	19.802	11.487,00			
254	09/01/2014	17,46	17,49	17,47	17,09	17,22	-0,77	17,09	17,09	20.618	8.787,00			
255	10/01/2014	17,10	16,89	17,23	17,08	17,08	0,64	17,18	17,21	24.875	13.781,00			
256	13/01/2014	17,18	17,03	17,27	17,12	17,04	-0,90	17,04	17,05	17.405	5.000,00			
257	14/01/2014	17,03	16,96	17,25	17,19	17,25	1,23	17,24	17,25	15.785	7.995,50			
258	15/01/2014	17,12	16,92	17,20	17,06	17,06	-1,45	16,98	17,00	15.056	6.145,00			
259	16/01/2014	17,00	16,96	17,25	17,19	17,25	1,23	17,24	17,25	15.785	7.995,50			
260	17/01/2014	16,82	16,80	16,86	16,70	16,64	-0,83	16,64	16,65	13.063	4.752,00			
261	20/01/2014	16,60	16,57	16,80	16,46	16,46	-0,65	16,46	16,70	5.962	1.753,00			
262	21/01/2014	16,77	16,67	17,13	16,87	16,90	1,20	16,83	16,90	14.789	7.026,10			
263	22/01/2014	16,77	16,68	17,08	17,14	17,14	0,62	17,14	17,16	17.766	8.210,00			
264	23/01/2014	17,00	16,55	17,24	16,86	16,85	-1,34	16,85	16,89	21.810	12.535,00			
265	24/01/2014	16,72	16,10	16,75	16,38	16,43	-0,73	16,43	16,43	28.944	13.478,00			
266	27/01/2014	16,84	16,84	16,84	16,84	16,84	0,00	16,84	16,84	16,84	16,84			
267	28/01/2014	16,30	16,10	16,51	16,37	16,37	-0,16	16,37	16,38	19.422	8.079,50			
268	29/01/2014	16,15	16,17	16,48	16,41	16,41	-0,68	16,41	16,48	16,56	9.596	4.542,00		
269	30/01/2014	16,06	16,05	16,41	15,93	15,97	-1,12	15,93	15,87	15.837	7.515,00			
270	31/01/2014	15,76	15,50	16,39	16,16	16,18	-0,19	16,09	16,10	21.184	11.132,10			

Tabela 7: BM&FBOVESPA ON NM (#BVMF3)

BDI	DATA	ABT (RS)	MIN (RS)	MAX (RS)	FCH (RS)	PCH (RS)	OSC (%)	OFERTAS			NEGÓCIOS REALIZADOS		
								(%)	CMP (RS)	VND (RS)	NM (RS)	QTD	REALIZADO (RS)
220	29/11/2013	11,11	11,07	11,19	11,10	11,15	0,65	11,15	11,15	11,15	11,15	11,15	11,15
230	02/12/2013	11,02	11,00	11,16	11,04	11,10	-0,39	11,10	11,10	16.964	7.778,00		
231	03/12/2013	11,18	11,11	11,32	11,11	11,11	-0,19	11,11	11,11	18.499	10.018,00		
232	04/12/2013	11,27	11,27	11,27	11,27	11,27	0,00	11,27	11,27	11,27	11,27	11,27	11,27
233	05/12/2013	11,25	11,14	11,30	11,07	11,06	-0,47	11,06	11,07	30.313	20.881,00		
234	06/12/2013	11,00	11,00	11,10	11,07	11,12	0,53	11,10	11,10	27.314	19.720,00		
235	09/12/2013	11,25	11,25	11,25	11,25	11,25	0,00	11,25	11,25	11,25	11,25	11,25	11,25
236	10/12/2013	11,10	11,07	11,15	11,06	11,05	-0,36	11,05	11,06	9.257	4.992,00		
237	11/12/2013	11,06	11,05	11,16	11,05	11,05	-0,11	11,05	11,05	13.992	6.596,00		
238	12/12/2013	11,02	11,05	11,06	11,05	11,06	0,39	11,06	11,07	18.526	15.647,00		
239	13/12/2013	11,04	11,04	11,06	11,05	11,04	-0,17	11,04	11,04	20.515	16.215,70		
240	16/12/2013	11,02	11,02	11,05	11,04	11,05	0,29	11,05	11,05	15.959	10.793,00		
241	17/12/2013	11,05	11,03	11,08	11,06	11,03	-0,44	11,03	11,04	13.410	6.137,00		
242	18/12/2013	11,08	11,07	11,10	11,08	11,07	-0,56	11,06	11,07	22.209	20.999,00		
243	19/12/2013	11,05	11,04	11,08	11,03	11,07	-0,37	11,07	11,07	17.356	9.866,00		
244	20/12/2013	11,07	11,04	11,07	11,06	11,07	0,12	11,06	11,07	17.899	12.267,00		
245	23/12/2013	11,00	11,00	11,09	11,01	11,03	-0,82	11,02	11,03	10.621	10.966,10		
246	26/12/2013	11,08	11,04	11,09	11,02	11,01	-0,69	11,01	11,02	14.981	9.190,00		
247	27/12/2013	11,09	11,08	11,09	11,08	11,09	0,00	11,09	11,09	11,09	11,09	11,09	11,09
248	30/12/2013	11,08	11,01	11,15	11,05	11,06	-0,47	11,04	11,10	17.391	8.550,00		
249	01/01/2014	11,18	11,18	11,18	11,17	11,18	-0,08	11,18	11,18	22.622	10.929,20		
250	06/01/2014	11,06	11,02	11,08	11,02	11,04	-0,58	11,04	11,04	19.938	9.613,20		
251	08/01/2014	11,07	11,03	11,07	11,04	11,04	-0,33	11,04	11,04	19.808	9.613,20		
252	07/01/2014	11,06	11,05	11,07	11,05	11,06	0,11	11,06	11,06	11,06	11,06	11,06	11,06
253	08/01/2014	11,07	11,07	11,07	11,07	11,07	0,00	11,07	11,07	11,07	11,07	11,07	11,07
254	09/01/2014	11,08	11,05	11,13	11,05	11,05	-0,30	11,05	11,05	20.204	7.946,00		
255	10/01/2014	11,08	11,05	11,13	11,05	11,06	-0,10	11,06	11,06	14.976	13.864,00		
256	13/01/2014	11,08	11,07	11,11	11,08	11,09	-0,09	11,08	11,09	17.965	12.803,00		
257	14/01/2014	11,08	11,08	11,10	11,03	11,03	-0,70	11,03	11,04	20.246	16.206,70		
258	15/01/2014	11,04	11,04	11,07	11,03	11,04	-0,36	11,04	11,04	18.875	9.472,00		
259	16/01/2014	11,07	11,07	11,08	11,07	11,07	0,00	11,07	11,07	11,07	11,07	11,07	11,07
260	17/01/2014	11,08	11,08	11,08	11,08	11,08	0,00	11,08	11,08	11,08	11,08	11,08	11,08
261	20/01/2014	11,09	11,09	11,10	11,08	11,07	-0,14	11,06	11,07	13.357	7.624,00		
262	21/01/2014	11,08	11,08	11,10	11,08	11,08	0,00	11,08	11,08	11,08	11,08	11,08	11,08
263	23/01/2014	11,09	11,09	11,10	11,04	11,12	0,60	11,06	11,07	16.691	6.244,00		
264	24/01/2014	11,07	11,07	11,10	11,07	11,07	0,00	11,07	11,07	11,07	11,07	11,07	11,07
265	27/01/2014	11,07	11,07	11,10	11,07	11,07	0,00	11,07	11,07	11,07	11,07	11,07	11,07
266	28/01/2014	11,07	11,07	11,10	11,07	11,07	0,00	11,07	11,07	11,07	11,07	11,07	11,07
267	29/01/2014	11,07	11,07	11,10	11,07	11,07	0,00	11,07	11,07	11,07	11,07	11,07	11,07
268	30/01/2014	11,07	11,07	11,10	11,07	11,07</							

Tabela 12: KROTON ON (#KROT3)

BDI	DATA	ABT (RS)	MIN (RS)	MAX (RS)	MED (RS)	FCR (%)	OSC (%)	OFERTAS		NEGÓCIOS REALIZADOS	
								CMP (RS)	VND (RS)	NUM	QTD
229	29/11/2013	30,14	29,90	30,60	30,03	39,55	1,88	39,30	39,55	5.119	1.252,90
230	02/12/2013	30,27	30,00	30,77	30,28	39,20	-0,18	39,60	39,20	7.708	1.677,90
231	03/12/2013	30,89	30,73	31,18	30,56	38,20	-0,30	38,24	38,20	8.279	1.634,50
232	04/12/2013	31,00	31,11	31,77	31,88	32,00	0,10	31,88	32,00	9.544	1.944,00
233	05/12/2013	30,63	30,75	30,25	30,58	38,80	1,04	38,77	38,80	8.025	1.497,00
234	06/12/2013	30,62	30,59	30,70	30,62	38,80	0,01	38,80	38,80	8.236	1.524,00
235	09/12/2013	30,73	30,18	31,90	30,84	39,00	0,65	39,00	39,00	4.709	1.139,00
236	10/12/2013	30,75	30,60	30,66	30,24	38,35	-0,11	38,95	30,15	5.607	1.816,00
237	11/12/2013	30,59	30,88	30,88	30,88	38,77	0,88	38,88	38,88	5.528	1.728,00
238	12/12/2013	30,59	30,12	30,93	30,53	38,88	0,00	38,16	38,39	5.053	1.833,20
239	13/12/2013	30,60	30,00	30,28	30,00	40,00	0,00	38,00	38,15	6.232	2.053,10
240	16/12/2013	30,60	30,00	30,28	30,00	40,00	0,00	38,16	38,39	5.053	1.833,20
241	17/12/2013	30,60	30,00	30,28	30,00	40,00	0,00	38,16	38,39	5.053	1.833,20
242	18/12/2013	30,60	30,00	30,28	30,00	40,00	0,00	38,16	38,39	5.053	1.833,20
243	19/12/2013	30,60	30,00	30,28	30,00	40,00	0,00	38,16	38,39	5.053	1.833,20
244	20/12/2013	30,60	30,00	30,28	30,00	40,00	0,00	38,16	38,39	5.053	1.833,20
245	23/12/2013	30,60	30,00	30,28	30,00	40,00	0,00	38,16	38,39	5.053	1.833,20
246	24/12/2013	30,60	30,00	30,28	30,00	40,00	0,00	38,16	38,39	5.053	1.833,20
247	27/12/2013	30,60	30,00	30,28	30,00	40,00	0,00	38,16	38,39	5.053	1.833,20
248	30/12/2013	30,60	30,00	30,28	30,00	40,00	0,00	38,16	38,39	5.053	1.833,20
249	31/12/2013	30,60	30,00	30,28	30,00	40,00	0,00	38,16	38,39	5.053	1.833,20
1	02/01/2014	30,60	30,00	30,28	30,00	40,00	0,00	38,16	38,39	5.053	1.833,20
2	03/01/2014	30,60	30,00	30,28	30,00	40,00	0,00	38,16	38,39	5.053	1.833,20
3	06/01/2014	30,60	30,00	30,28	30,00	40,00	0,00	38,16	38,39	5.053	1.833,20
4	07/01/2014	30,60	30,00	30,28	30,00	40,00	0,00	38,16	38,39	5.053	1.833,20
5	08/01/2014	30,60	30,00	30,28	30,00	40,00	0,00	38,16	38,39	5.053	1.833,20
6	09/01/2014	30,60	30,00	30,28	30,00	40,00	0,00	38,16	38,39	5.053	1.833,20
7	10/01/2014	30,60	30,00	30,28	30,00	40,00	0,00	38,16	38,39	5.053	1.833,20
8	13/01/2014	30,60	30,00	30,28	30,00	40,00	0,00	38,16	38,39	5.053	1.833,20
9	14/01/2014	30,60	30,00	30,28	30,00	40,00	0,00	38,16	38,39	5.053	1.833,20
10	15/01/2014	30,60	30,00	30,28	30,00	40,00	0,00	38,16	38,39	5.053	1.833,20
11	16/01/2014	30,60	30,00	30,28	30,00	40,00	0,00	38,16	38,39	5.053	1.833,20
12	17/01/2014	30,60	30,00	30,28	30,00	40,00	0,00	38,16	38,39	5.053	1.833,20
13	20/01/2014	30,60	30,00	30,28	30,00	40,00	0,00	38,16	38,39	5.053	1.833,20
14	21/01/2014	30,60	30,00	30,28	30,00	40,00	0,00	38,16	38,39	5.053	1.833,20
15	22/01/2014	30,60	30,00	30,28	30,00	40,00	0,00	38,16	38,39	5.053	1.833,20
16	23/01/2014	30,60	30,00	30,28	30,00	40,00	0,00	38,16	38,39	5.053	1.833,20
17	24/01/2014	30,60	30,00	30,28	30,00	40,00	0,00	38,16	38,39	5.053	1.833,20
18	27/01/2014	30,60	30,00	30,28	30,00	40,00	0,00	38,16	38,39	5.053	1.833,20
19	28/01/2014	30,60	30,00	30,28	30,00	40,00	0,00	38,16	38,39	5.053	1.833,20
20	29/01/2014	30,60	30,00	30,28	30,00	40,00	0,00	38,16	38,39	5.053	1.833,20
21	30/01/2014	30,60	30,00	30,28	30,00	40,00	0,00	38,16	38,39	5.053	1.833,20
22	31/01/2014	30,60	30,00	30,28	30,00	40,00	0,00	38,16	38,39	5.053	1.833,20

Gráfico 8: KROTON ON (#KROT3)

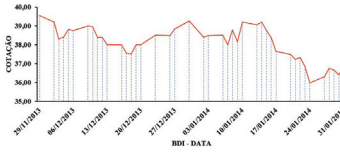


Tabela 13: METAL LEVE ON (LEVE3)

BDI	DATA	ABT (RS)	MIN (RS)	MAX (RS)	MED (RS)	FCR (%)	OSC (%)	OFERTAS		NEGÓCIOS REALIZADOS	
								CMP (RS)	VND (RS)	NUM	QTD
229	29/11/2013	28,32	27,65	28,27	28,33	28,03	-0,42	27,85	28,03	474	187,300
230	02/12/2013	27,91	27,90	28,27	27,93	27,92	-0,07	28,09	27,90	914	128,500
231	03/12/2013	27,11	26,61	27,46	26,60	27,09	0,33	27,09	27,44	1.770	278,300
232	04/12/2013	27,14	26,71	26,85	27,06	27,21	0,17	27,09	27,21	1.184	285,800
233	05/12/2013	27,46	27,46	27,46	27,46	27,46	0,00	27,46	27,46	786	266,000
234	06/12/2013	27,12	27,12	27,12	27,12	27,12	0,00	27,12	27,12	1.017	166,000
235	09/12/2013	26,95	26,95	27,00	26,90	26,60	-0,09	26,60	26,63	700	152,000
236	10/12/2013	26,75	26,46	26,63	26,75	26,76	0,00	26,75	26,83	348	98,400
237	11/12/2013	26,99	26,99	27,05	26,96	27,01	0,00	27,00	27,02	484	102,200
238	12/12/2013	26,91	26,86	27,00	27,03	27,11	0,17	27,00	27,11	545	178,900
239	13/12/2013	27,07	26,87	27,17	27,00	26,84	-0,03	26,84	26,95	266	216,400
240	16/12/2013	26,87	26,46	27,00	26,67	26,77	0,00	26,77	26,93	377	75,000
241	17/12/2013	26,86	26,79	27,00	26,82	26,83	0,02	26,85	27,12	1.106	220,700
242	18/12/2013	26,75	26,75	26,75	26,75	26,75	0,00	26,75	26,75	603	239,300
243	19/12/2013	26,58	26,58	26,59	26,59	26,59	0,00	26,52	26,80	663	114,300
244	20/12/2013	26,68	26,68	27,03	27,04	27,04	0,00	27,03	27,05	799	157,400
245	23/12/2013	27,80	26,99	27,20	27,15	27,10	-0,28	27,10	27,26	549	90,100
246	24/12/2013	27,26	26,91	27,06	27,13	27,13	0,00	27,06	27,19	408	184,500
247	27/12/2013	26,88	26,62	27,08	26,67	26,67	-0,66	26,70	26,71	733	169,000
248	30/12/2013	26,66	26,66	27,27	27,28	27,28	0,00	27,28	27,40	403	81,300
249	31/12/2013	27,28	26,87	27,66	27,26	27,27	0,00	27,27	27,18	822	149,000
2	02/01/2014	27,00	26,77	27,55	27,24	27,00	-1,60	27,05	27,30	1.224	180,000
3	06/01/2014	27,11	26,41	26,47	26,67	26,60	-0,38	26,65	26,70	881	107,100
4	07/01/2014	26,63	25,99	26,69	26,69	26,63	-0,11	26,34	26,33	1.066	117,600
5	08/01/2014	26,70	26,31	26,73	26,67	26,52	-0,10	26,67	26,72	414	70,700
6	09/01/2014	26,70	26,18	26,70	26,18	26,18	-0,50	26,68	26,61	109,200	
7	10/01/2014	26,70	26,18	26,70	26,18	26,18	-0,52	26,68	26,61	109,200	
8	13/01/2014	26,70	26,18	26,70	26,18	26,18	-0,52	26,68	26,61	109,200	
9	14/01/2014	26,70	26,18	26,70	26,18	26,18	-0,52	26,68	26,61	109,200	
10	15/01/2014	26,70	26,18	26,70	26,18	26,18	-0,52	26,68	26,61	109,200	
11	16/01/2014	26,70	26,18	26,70	26,18	26,18	-0,52	26,68	26,61	109,200	
12	17/01/2014	26,70	26,18	26,70	26,18	26,18	-0,52	26,68	26,61	109,200	
13	20/01/2014	26,70	26,18	26,70	26,18	26,18	-0,52	26,68	26,61	109,200	
14	21/01/2014	26,70	26,18	26,70	26,18	26,18	-0,52	26,68	26,61	109,200	
15	22/01/2014	26,70	26,18	26,70	26,18	26,18	-0,52	26,68	26,61	109,200	
16	23/01/2014	26,70	26,18	26,70	26,18	26,18	-0,52	26,68	26,61	109,200	
17	24/01/2014	26,70	26,18	26,70	26,18	26,18	-0,52	26,68	26,61	109,200	
18	27/01/2014	26,70	26,18	26,70	26,18	26,18	-0,52	26,68	26,61	109,200	
19	28/01/2014	26,70	26,18	26,70	26,18	26,18	-0,52	26,68	26,61	109,200	
20	29/01/2014	26,70	26,18	26,70	26,18	26,18	-0,52	26,68	26,61	109,200	
21	30/01/2014	26,70	26,18	26,70	26,18	26,18	-0,52	26,68	26,61	109,200	
22	31/01/2014	26,70	26,18	26,70	26,18	26,18	-0,52	26,68	26,61	109,200	

Gráfico 9: METAL LEVE ON (LEVE3)

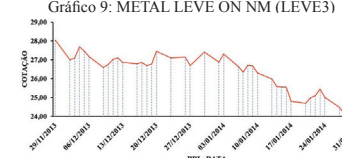


Tabela 14: PETROBRAS ON (#PETR3)

BDI	DATA	ABT (RS)	MIN (RS)	MAX (RS)	MED (RS)	FCR (%)	OSC (%)	OFERTAS		NEGÓCIOS REALIZADOS	
								CMP (RS)	VND (RS)	NUM	QTD
229	29/11/2013	18,04	17,82	18,79	18,41	18,32	0,32	18,32	18,32	21.341	14.531,300
230	02/12/2013	18,08	18,00	17,98	18,78	18,42	-0,37	18,42	18,42	9.236	25.302,300
231	03/12/2013	16,50	16,05	17,00	16,52	16,57	0,01	16,56	16,57	35.183	21.161,500
232	04/12/2013	16,04	16,03	16,53							

Revista de Extensão da Universidade Federal de Mato Grosso

Normas para Submissão de Artigos

Os artigos deverão ser encaminhados para o endereço: codex@ufmt.br a partir da abertura do Edital.

Público

Comunidade acadêmica da Universidade Federal do Mato Grosso e demais Instituições de Ensino Superior.

Objetivos

Divulgação da produção oriunda das ações de extensão desenvolvidas pelas Universidades Públicas, por meio de uma rede ampla e diversificada de atores e instituições sociais. Publicar análises e reflexões referentes às ações de extensão efetivamente realizadas e contribuir para reforçar a tríade indispensável no processo de formação: ensino-pesquisa-extensão.

Normas para Publicação

- Os textos deverão ser redigidos em português e o resumo em português e espanhol e devem seguir as normas da ABNT, conter título e resumo, área temática, título da ação de extensão; Autor, titulação, email e instituição;
- Cada artigo deverá ter, no máximo, 12 (quinze) páginas, incluindo referências bibliográficas, ilustrações, gráficos, mapas e tabelas.
- Os textos deverão ser digitados utilizando-se do Microsoft Word versão 6.0 ou maior; Fonte: Times New Roman, espaçamento 1,5 (um e meio), tamanho 12; Configurações das margens em 2,5 cm para a direita, esquerda, inferior e superior em papel A4;
- Resumo do trabalho, em português e em espanhol de no máximo 300 (trezentas) palavras; Até cinco palavras-chave na língua do artigo português e em espanhol.
- Os trabalhos deverão ser encaminhados com revisão gramatical, nos diferentes níveis: ortográfico, morfológico, sintático e de estilo, no que se refere à qualidade: concisão, precisão e clareza.
- As ilustrações - mapas, tabelas, gráficos e fotografias - (digitalizados com 300 DPI) deverão ser enviados já inclusos no corpo do texto e também em arquivos separados em anexos (extensão TIFF).

Normas para avaliação de artigos

- Os trabalhos encaminhados serão avaliados pelo Conselho Editorial e pelos consultores ad hoc, que poderão sugerir modificações.
- Caberá ao Conselho Editorial a seleção e, caso seja necessário, o encaminhamento de artigos para apreciação da Consultoria Científica ad hoc, composta por profissionais com experiência em Extensão Universitária e especialistas nas áreas temáticas trabalhadas.
- No processo de seleção, além dos critérios gerais para a publicação, serão observados: prioridade do tema, consistência científica, originalidade e atualidade de informação.



UFMT

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO

Reitora: Maria Lúcia Cavalli Neder

Vice-Reitor: João Carlos de Souza Maia

PRÓ-REITORIA CULTURA, EXTENSÃO E VIVÊNCIA - PROCEV

Pró-Reitor: Fabrício Carvalho

PRÓ-REITORIA DE ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL - PRAE

Pró-Reitora: Myrian Thereza de Moura Serra

PRÓ-REITORIA DE ENSINO E GRADUAÇÃO - PROEG

Pró-Reitora: Irene Cristina de Mello

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA - PROPeq

Pró-Reitor: Joanis Tilemahos Zervoudakis

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO - PROPG

Pró-Reitora: Leny Caselli Anzai

PRÓ-REITORIA DE PLANEJAMENTO - PROPLAN

Pró-Reitora: Elisabeth Aparecida Furtado de Mendonça

PRÓ-REITORIA ADMINISTRATIVA - PROAD

Pró-Reitora: Valéria Calmon Cerisara

PRÓ-REITORIA CAMPUS ARAGUAIA

Pró-Reitor: José Marques Pessoa

PRÓ-REITORIA CAMPUS RONDONÓPOLIS

Pró-Reitor: Javert Melo Vieira

PRÓ-REITORIA CAMPUS SINOP

Pró-Reitor: Marco Antonio Araújo Pinto

PRÓ-REITORIA CAMPUS VÁRZEA GRANDE

Pró-Reitor: Adnauer Tarquínio Daltro

COORDENAÇÃO DE EXTENSÃO

Campus Cuiabá: Vera Lúcia Bertoline

Campus Rondonópolis: Alcindo Rosa

Campus Sinop: Camila Turini

Campus Araguaia: Anna Maria Penalva Mancini

Supervisão de Extensão

Sandra Jung de Mattos

Equipe de apoio Extensão

Roberto Tadeu Fernandes de Figueiredo

João Batista Vieira Neto

Colaboradores de Extensão

João Antônio Macedo Mangabeira

Edilson Freire Rodrigues Junior

Gleicielly Leite Vieira da Silva

Projeto Gráfico e diagramação

Rodrigo Silva

Logomarca

Luzo Reis

Fotografia da Capa

José Medeiros

Revisores

Graziela Maia Cunha

Fabiana Perez Garcia

Junyander Moraes Oliveira

Gabriela Maciel da Fonseca

Jussara Patricia Barbosa da Hora

Stefany Araújo

Orientados pela Prof^a Dra. Cláudia Graziano

Paes de Barros

Revista Corixo

Publicação Semestral da Universidade

Federal do Mato Grosso

Ano 1 - Nº1 - Dezembro de 2014

Tiragem: 500 exemplares

ISSN 2359-6961

Pró-Reitoria de Cultura, Extensão e Vivência

Endereço para correspondência:

Universidade Federal do Mato Grosso

Pró-Reitoria de Cultura, Extensão e Vivência

Av. Fernando Correa da Costa, 237, Boa Esperança

78060-900, Cuiabá - MT